Relatório Técnico: Pesquisa de Mapeamento Sociocultural

SANTO AMARO EM REDE

culturas de convivência

SESC

SUMÁRIO

5 **Apresentação**

6 **Capítulo 01: A Semente**
7 Zona sul: entre a tradição, a contemporaneidade e a busca pela autonomia
10 Sesc: a cultura no centro de todas as coisas
13 Sesc Santo Amaro
17 Santo Amaro em rede – culturas de convivência

19 **Capítulo 02: Caminhos e Escolhas Metodológicas**
20 Mapeamentos socioculturais
25 O mapeamento Santo Amaro em rede
28 Por que Site - Hipermídia
30 Uma nova cartografia afetiva
33 A identidade visual do mapeamento
46 Consolidando de uma rede sociocultural local
49 Primeiro momento: a construção do questionário
51 Reflexões de percurso
60 Mapeamento em ação: pesquisa de campo e metodologia de análise de dados

70 **Capítulo 03: Dados do Mapeamento**
71 Os territórios mapeados
76 Temáticas e áreas de atuação
81 A formalização dos grupos
82 O público das dinâmicas socioculturais
84 As articulações em redes e fóruns
86 Fontes de recursos
88 Principais dificuldades
90 Divulgação dos trabalhos
92 Percepções
95 Arte e cultura na Zona Sul de São Paulo
101 Problemas sociais: violência, discriminação e desemprego
109 Meio ambiente
116 Cultura de paz e direitos humanos

121 **Capítulo 04: Para Concluir**
122 Tensões e aproximações no território: apontamentos e perspectivas

135 **Anexos**

165 **Bibliografia**

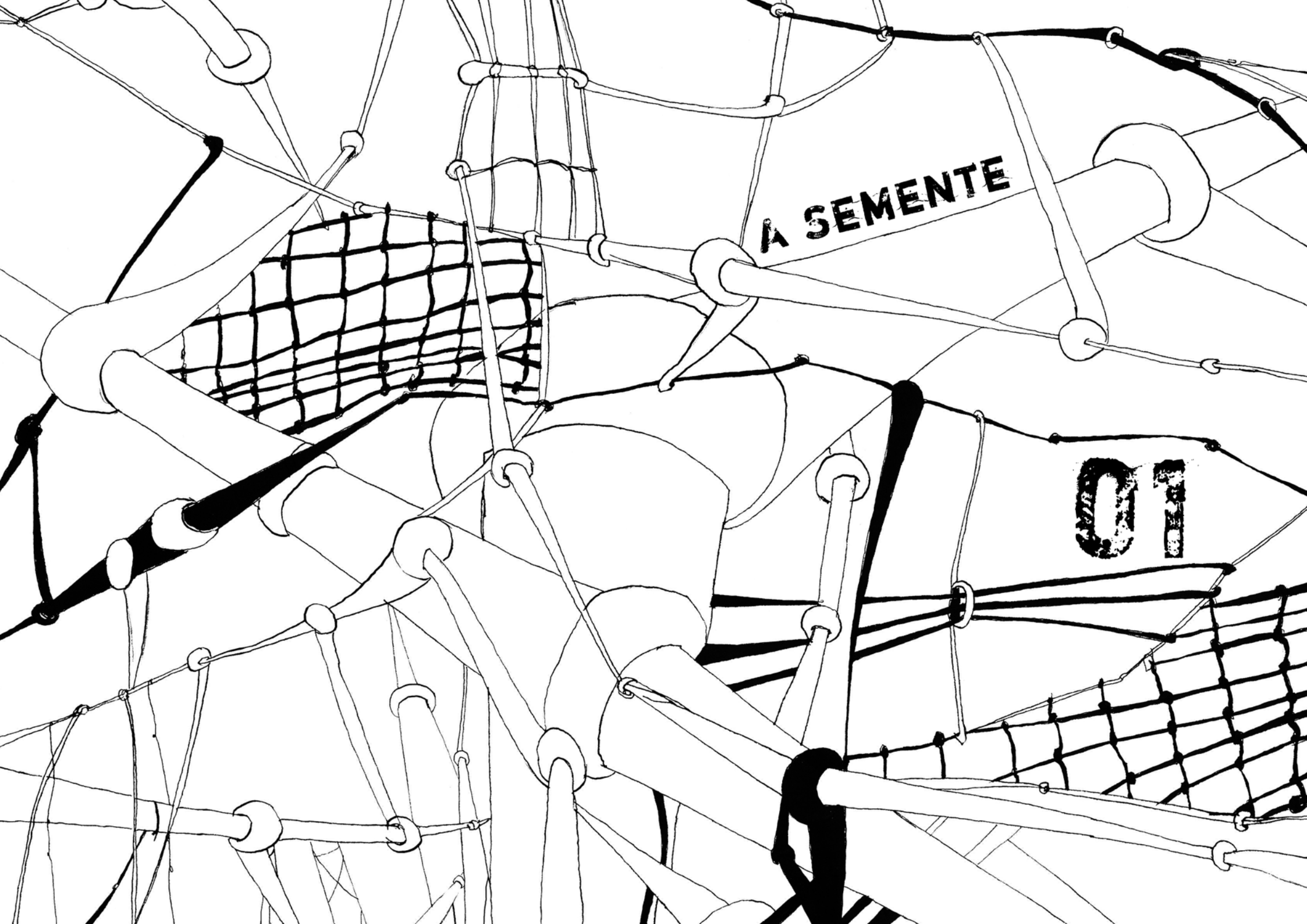
172 **Ficha Técnica**

APRESENTAÇÃO

O mapeamento do projeto Santo Amaro em Rede é uma iniciativa do Sesc Santo Amaro e sua concepção e implantação foram realizadas em parceria com o Instituto Pólis. Consiste em um mapeamento das dinâmicas socioculturais da Zona Sul da Grande São Paulo e de alguns municípios adjacentes.

Seus objetivos são conhecer o território mais amplo em que o Sesc Santo Amaro se insere, identificar as dinâmicas socioculturais que ali acontecem, conhecer seus protagonistas e suas interações com o território.

Neste relatório, são apresentados os processos metodológicos de definição dos parâmetros do mapeamento, as definições que cercaram a pesquisa de campo e sua realização, bem como os resultados alcançados.


A SEMENTE
01

ZONA SUL: ENTRE A TRADIÇÃO, A CONTEMPORANEIDADE E A BUSCA PELA AUTONOMIA.

Sesc Santo Amaro

Existe na Zona Sul de São Paulo um forte componente de tradição histórica e de luta por autonomia política, administrativa e econômica. Durante um período em sua história, a região que compreende hoje Santo Amaro e alguns bairros vizinhos foi um município independente e esse imaginário parece ter permanecido vivo e atuante em muitos momentos de mobilização em torno de seus assuntos e demandas sociais e políticas. No campo da cultura, o reflexo desse dinamismo sociocultural transparece numa efervescente busca por espaços de expressão e manifestações culturais para além das artes.

A Zona Sul e adjacências, com os mesmos problemas de outros grandes centros urbanos de qualquer país do mundo, mostram-se um pequeno mosaico das riquezas e contradições da própria cidade. Há uma vida cultural e social bastante intensa e, a despeito das frágeis relações com o poder público, é o poder de criação e de expressão artística e cultural que movimenta os espaços de lazer e entretenimento.

Como retrato significativo da diversidade cultural da cidade, a região produz, difunde e consome uma infinidade de manifestações, além de preservar, com a mesma dedicação, aspectos da tradição que remontam aos tempos do orgulho santamarense, como é o caso da Romaria dos Tropeiros. Não só isso, os que aqui foram chegando, principalmente, os nordestinos, com suas contribuições regionais, foram sendo incorporados e misturados ao caldeirão de expressões que congregava – e hoje continua congregando mais que nunca – as diferentes formas de ver, viver e fazer cultura. Um pouco de tudo se pode encontrar em Santo Amaro e é nessas múltiplas possibilidades e na interação entre as diferenças que se configura a principal riqueza e, talvez, o segredo da efervescência cultural da região.

Outra importante característica da produção sociocultural da região é uma forte presença do colaborativismo/associativismo, ou seja, os coletivos de realizadores que se formam, transformam e rediscutem seus papéis como agentes e atores socioculturais a partir de projetos, necessidades e possibilidades visualizadas e experimentadas no cotidiano de suas sociabilidades. A questão estrutural aqui passa por um conceito de democratização das oportunidades. O ideário dos movimentos culturais não é propriamente consumir o que lhes é imposto pela chamada indústria cultural, mas fazer prevalecer o seu direito de acesso à cultura, à produção e expressão de criações e representações que lhe façam sentido, mesmo que suas necessidades sejam diferentes.

Quem sabe faz a hora

Uma das utopias desse novo tempo, o da "sociedade do conhecimento", é acreditar que as atividades produtivas e a prestação de serviços irão requerer o uso cada vez mais intenso de conhecimentos e competências técnicas. Isso decorre da percepção generalizada

de que os avanços tecnológicos e as redes de comunicação aplicados à produção econômica agilizaram os meios de trabalho para produzir mais em menos tempo, por um lado e, por outro, exigiram mais preparação e desenvolvimento dos indivíduos para lidar com essa realidade. O que implica investir na capacidade criativa e na autonomia para a resolução de problemas que, basicamente, estão relacionados à capacidade de desenvolvimento cultural e social dos indivíduos.

Em face disso, as contribuições dos processos de vivência sociocultural são um fator importante para o desenvolvimento de um pensamento crítico e de uma experiência exemplar em um mundo repleto de informações dissonantes e que nos convoca a fazer escolhas diárias em meio à tamanha diversidade e constantes transformações.

Se lógica da globalização econômica e cultural tem atuado para o achatamento e a superficialidade da cultura e da educação nos diferentes países, em contrapartida o papel dos atores sociais e dos realizadores em geral tem sido apresentar questões de relevância local que possam discutir ou se contrapor ao processo de homogeneização e empobrecimento das culturas e das identidades urbanas no mundo. É inquestionável que a riqueza da vida urbana está na heterogeneidade, nas possibilidades de convivência e trocas culturais entre diferentes grupos sociais com estilos de vida e modos de pensar diferenciados. Nesse jogo de forças desproporcionais, cabe salientar o papel das experiências coletivas, das iniciativas criativas, das brechas conseguidas pelo empenho e mobilização de grupos e comunidades organizadas que, afinal, estabelecem elos e pontos cruciais para a confecção de uma rede de resistência e diferenciação aos imperativos emanados da cultura hegemônica, amparada pela cultura de massa, associada à globalização.

SESC: A CULTURA NO CENTRO DE TODAS AS COISAS

Sesc Santo Amaro

O Sesc São Paulo é uma instituição, com mais de 60 anos de atuação, que tem como uma de suas principais características o trabalho com a cultura, entendida em seu sentido antropológico, para além das linguagens artísticas – teatro, música, dança, artes plásticas e visuais etc. – a valorização da criação e das interações humanas com o meio ambiente e das práticas materiais e imateriais para organizar e fundar o seu lugar (ser/estar) no mundo. Assim, a abrangência de sua ação sociocultural repercute em diferentes níveis da sociedade, tendo como prioridade o trabalhador do comércio de bens e serviços e seus dependentes, bem como, o entorno onde estão instaladas suas unidades operacionais. Entretanto, dado o caráter modelar de muitas de suas ações e programas, o trabalho do Sesc tem servido de referência para outras instituições, organizações socioculturais de diferentes matizes.

Em seus programas, o Sesc procura destacar dois aspectos fundamentais: inovação e ruptura. Mas, é, sobretudo, pela permanência de seus programas e conceitos que a instituição

tem atingido um grau destacado de ações propositivas de interesse social. O Trabalho Social com Idosos e o Programa de Combate à Fome e ao Desperdício de Alimentos – Mesa Brasil Sesc SP são dois bons exemplos.

Embora se notabilize por suas ações, o Sesc vem desenvolvendo um relevante trabalho de reflexão teórica no campo da cultura, promovendo seminários, congressos, conferências, palestras, debates de abrangência internacional, além de garantir a perenidade dessas discussões por meio de publicações temáticas. A ação institucional do Sesc entende a cultura como um bem social fundamental, capaz de promover a transformação social pelo incremento da qualidade de vida dos cidadãos e pelo estímulo ao desenvolvimento de suas capacidades, habilidades e criatividade. Assim, a questão cultural, seu acesso e seu fazer, devem integrar uma rotina cotidiana e serem amparadas por políticas públicas que ainda carecem de uma constância e uma abrangência maior.

Para o Sesc a cultura é trabalho e somatória dos modos de pensar, ser e agir de uma coletividade. É sinônimo de ação transformadora, aquela que expressa as diversidades ou, mais ainda, as pluralidades. Ainda assim, a mudança cultural pode ser vista como a transformação no tempo de uma parte das relações simbólicas. Elas variam sob efeitos diversos: inovações, permanências, desigualdades, conflitos entre o novo e o antigo; conforme os grupos, as classes e os meios envolvidos. Já o desenvolvimento cultural aponta para a mudança simbólica, qualitativa, positiva – do ponto de vista de um sujeito social qualquer – que pode ser apreendida por indicadores observáveis, sendo resultado de uma determinada ação cultural, isto é, da interação do sistema de intervenção de um sujeito social com os fatores favoráveis ou desfavoráveis de uma situação.

Cultura e autonomia

Para a sociedade atual interessa manter e ampliar a possibilidade de expressão dos vários grupos, segmentos, movimentos sociais; procurando estabelecer e preservar canais de diálogo entre as várias singularidades. Compete a cada um favorecer a discussão e a reflexão sobre a importância da sobrevivência dos diferentes, dos contrários, dos antagonistas, pois há possibilidades extraordinárias de novas sínteses surgidas dessas interações e convivência. Da mesma forma, é fundamental permitir o acesso das pessoas às manifestações culturais daqui e de outros lugares e países, como forma de exercitar a prática do diálogo, da conversação e do compartilhamento.

A diversidade dos usos da cultura constitui uma das transformações mais importantes da ação cultural, especialmente no que diz respeito às manifestações e representações dos grupos. É possível afirmar que a apropriação da cultura ultrapassa o sentido e a lógica da produção, criando formas não previstas pelos mecanismos de distribuição global. Esses produtos passam por um processo de reelaboração e reinterpretação locais, produzindo sincretismos de toda ordem. Contudo, precisamos combater o desequilíbrio que assola os caminhos entre produção, distribuição e consumo de bens culturais. Para que este diagnóstico incômodo comece a ser questionado, as pessoas precisam ser incentivadas a lidar com uma série de informações complexas, estabelecendo seu próprio circuito de trocas e conexões culturais, para criticamente pensar a construção de identidades plurais, nas quais materializem o seu imaginário.

Neste sentido, o Sesc São Paulo cumpre seu compromisso de agente e difusor cultural ao assumir como papel relevante de sua ação a apropriação e transformação de espaços de valor histórico, cultural ou social, como antigas fábricas ou patrimônios históricos, para devolvê-los à sociedade como espaços de cultura, esporte, lazer, convívio e entretenimento com impacto na qualidade de vida das pessoas.

O SESC SANTO AMARO

Sesc Santo Amaro

O Sesc Santo Amaro surgiu em uma antiga garagem de ônibus, na Rua Amador Bueno, que foi adaptada em 1998 para receber a Mostra de Artes “Mundão”, evento que marcou o início das atividades da unidade. As instalações provisórias continham quadras poliesportivas e de tênis, salas de múltiplo uso, teatro e uma arena externa para apresentações artísticas, brinquedoteca, área de convivência e lanchonete. Esse espaço atendeu ao público até 2004, quando as atividades foram interrompidas para dar lugar às obras de construção de um novo equipamento sociocultural e esportivo, capaz de oferecer ao público da região, com a excelência e qualidade necessárias, toda a gama de programas e serviços que o Sesc São Paulo oferece à cidade.

Durante as obras, a unidade de Santo Amaro foi transferida para um imóvel alugado na Avenida Adolfo Pinheiro, 940, onde desenvolveu atividades de prevenção à saúde e expressão corporal, além de uma central de atendimento para matrícula e aquisição de

serviços da rede Sesc, área de convivência com empréstimo de jornais e revistas, bem como da oferta de espaços para exposições artísticas e para desenvolvimento do programa Internet Livre, com uma grade de cursos e oficinas para esta tecnologia, além de acesso gratuito a computadores com horários pré-agendados.

A limitação de espaços internos para ampliar a oferta de atividades mobilizou a equipe técnica para a discussão de novas possibilidades de ação a partir da experimentação de uma metodologia própria. Esses encontros, pesquisas e buscas por um caminho de atuação mais abrangente se cristalizaram na criação de um documento intitulado Plano de Ação em que se chegou ao conceito de Mutirão Cultural. A proposta envolvia uma metodologia voltada para ação externa, o fortalecimento dos laços com instituições e pontos de cultura no bairro e arredores com semelhanças de atuação e valores. A disposição em implantar o Mutirão Cultural favoreceu as condições para uma imersão na realidade dos recursos existentes no bairro. Foi feito um levantamento dos equipamentos culturais, esportivos, de assistência social e de saúde, organizações não governamentais, praças e logradouros públicos, instituições públicas e privadas, veículos de comunicação e universidades. Essa primeira radiografia instantânea permitiu o estabelecimento progressivo de aproximações, parcerias e projetos em comum que fortaleceram a presença institucional do Sesc nas territorialidades e mantiveram ativo seu compromisso com a promoção e difusão dos seus valores institucionais junto ao seu público prioritário e também aos demais níveis da sociedade.

Mutirão Cultural e seus resultados

O ano de 2005 marcou o início efetivo das ações externas desenvolvidas pelo Sesc Santo Amaro, baseado no Mutirão Cultural, durante o período de construção da futura

unidade operacional. Essas iniciativas ocorreram com a mobilização de parceiros locais e, conforme cada característica e objetivo, utilizaram espaços e equipamentos públicos ou privados. Dentre os inúmeros projetos realizados desde então, destacamos aqueles em cuja elaboração esteve presente o trabalho processual, com duração variada, e cujo produto final representou um pleno engajamento dos parceiros envolvidos.

Os projetos ofereceram aos participantes oportunidades diversas para o desenvolvimento de qualificações voltadas ao trabalho comunitário ou ao crescimento pessoal. Permitiu o estreitamento de laços com instituições similares e uma relação concreta que muitos agentes e realizadores culturais que se identificaram com as propostas discutidas com o Sesc e, posteriormente, acolheram ou tomaram parte em inúmeras ações desenvolvidas em parceria. Foi uma vivência prática, construída em conjunto, com paciência e respeito, que no momento oportuno, garantiu uma adesão e credibilidade ao desenvolvimento desse novo processo de mapeamento.

Videolinguagem

Iniciativa que proporcionou o aprendizado das técnicas de registro de imagens e o domínio da linguagem videográfica para jovens ligados a organizações sociais da região.

Caminhos de Santo Amaro

Construção de uma maquete gigante, de 96 metros quadrados, lúdico-ilustrativa do bairro de Santo Amaro. Coordenada pelos artistas plásticos Gepp & Maia, envolvendo a participação de cerca de 450 jovens de 12 a 17 anos, acompanhados de educadores de escolas públicas, privadas e ONGs. Foi desenvolvido no Campus do Centro Universitário SENAC. A maquete, que hoje integra o acervo do Sesc Santo Amaro, foi exibida em diversos espaços da região – casas de cultura, shoppings e instituições de ensino, em especial, no Campus do Centro Universitário SENAC.

Três roteiros sobre Julio Guerra

Conjunto de ações e atividades culturais que colocou em discussão questões sobre arte pública, ao realizar ampla mostra de obras do artista santamarense Julio Guerra, criador do monumento do Borba Gato, do mural do teatro Paulo Eiró e dos painéis da Praça da Casa de Cultura instalada onde era o antigo Mercado Municipal.

Corpo olímpico

Realizada na época dos Jogos Olímpicos de Pequim (2008), a proposta permitiu vivenciar cada uma das 40 práticas esportivas olímpicas, a partir do levantamento em clubes, parques e instituições da região que as desenvolviam.

Feira da Saúde

Evento anual realizado na semana comemorativa ao Dia Mundial da Saúde, que reúne especialistas e interessados no assunto com a finalidade de difundir junto ao público informações sobre prevenção e cuidados com a saúde, contribuindo para a qualidade de vida e bem-estar da população da Região Sul de São Paulo

Um dia de Sesc na comunidade

Iniciativa surgida da percepção da necessidade de ampliar o atendimento e a presença dos valores socioculturais do Sesc para áreas onde não há uma presença física da instituição. É uma extensão itinerante das atividades e serviços do Sesc, oferecidos durante um dia, em formato de feira cultural.

SANTO AMARO EM REDE - CULTURAS DE CONVIVÊNCIA

Sesc Santo Amaro

Durante esses anos de ação externa e no processo de aproximação e desenvolvimento de ações em parceria com os espaços e grupos locais, o Sesc Santo Amaro se deparou com uma realidade cultural abrangente, rica e intensa. Há um pouco de tudo na Zona Sul da cidade: rodas de samba e de choro, coletivos de artes visuais e de dança, movimentos de preservação da cultura afro-brasileira, grupos articulados de teatro e teatro de rua com alcance em todos os públicos, saraus de poesia e muito mais. Uma efervescência criativa integrada a uma dinâmica social vigorosa, buscando autossuficiência e ir além do reconhecimento das localidades.

Com a experiência do Mutirão Cultural, o Sesc Santo Amaro já havia articulado, em diferentes momentos, uma série desses atores sociais para a execução de um determinado projeto. Entretanto, esses parceiros formavam apenas uma pequena ponta do iceberg que

sugeria uma riqueza e uma diversidade importante para a vida cultural e social da cidade como um todo.

Diante de tantas evidências e de todas as interfaces com os valores institucionais e trabalhos desenvolvidos pelo Sesc São Paulo, transpareceu como um passo natural o firme propósito de aprofundar e alargar os conhecimentos e reconhecimentos de tantos atores, agentes, realizadores e consumidores de cultura nessa região. Nesse sentido, a primeira providência foi articular parcerias e, dada a dimensão do desafio, convidar outras entidades que dispunham de capacidade técnica e metodológica para discutir a melhor forma de perscrutar esse território, suas manifestações artísticas e socioculturais, suas redes articuladas, as expectativas desses atores sociais em termos de preservação material e imaterial.

A partir de um convite do Sesc Santo Amaro, o Instituto Pólis começou a debater e encaminhar uma proposta metodológica para fazer emergir toda essa riqueza e diversidade cultural pressentida pelo trabalho anterior da unidade. Foram necessários alguns encontros de imersão entre as equipes técnicas do Sesc e do Pólis para a definição de uma estratégia de abordagem, a qual se concretizou na decisão de promover um mapeamento sociocultural dentro de parâmetros estabelecidos para dar conta das complexidades e dinâmicas desse território em constante diálogo e mutação, mas, sobretudo, que fosse capaz de permitir o florescimento de uma nova cartografia da Região Sul, unindo e descobrindo pontos da rede de articulação que tivessem uma relação de compartilhamento e interação com as localidades pesquisadas no mapeamento.

02 CAMINHOS E ESCOLHAS METODOLÓGICAS

MAPEAMENTOS SOCIOCULTURAIS

Os mapeamentos são assuntos caros às discussões dos setores de geografia e planejamento urbano. São instrumentos de análise e impulsionadores de desenvolvimento nas grandes metrópoles. Como gerir cidades, sem antes visualizá-las em seus interstícios? Ou como compreender um território, sem antes diagnosticá-lo? Tarefa impossível para especialistas dessas áreas. Entretanto, a construção das cidades brasileiras por muito tempo não deu importância aos mapeamentos. As decisões relativas aos centros urbanos sempre surgiram das demandas políticas e econômicas, o que transformou as metrópoles brasileiras em cidades com tecidos anômalos e amorfos, ora bem estruturados e privilegiados de equipamentos e mobilidade urbana, ora segregados e excluídos de qualquer plano de desenvolvimento, ordenação e mobilidade. Até a década de 1970, a cidade de São Paulo não contava com um plano macroestrutural de planejamento. Seu primeiro zoneamento foi implantado somente em 1972 e versava sobre a regulação do uso e ocupação do solo urbano. Dessa data em

diante foram feitos muitos planos de expansão urbana, os quais não conseguiram atender de forma homogênea todo o “corpus” da cidade.

Em 2002, foi realizado o Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo, ancorado na Lei do Estatuto da Cidade, o qual representou um grande ganho para o planejamento e a gestão do município por sua ênfase na participação da população. Esse plano participativo desdobrou-se em planos regionais em cada subprefeitura da cidade, os quais se constituíram em verdadeiros mapeamentos dos bairros circunscritos nas subprefeituras. Envolveram, primeiramente, diagnósticos de cada localidade, construídos por equipes técnicas multidisciplinares junto com a sociedade civil, e, depois, propostas de ações de curto, médio e longo prazos.

Essas experiências de mapeamentos participativos promoveram discussões relativas ao direto à cidade, a subutilização dos espaços públicos e a escassez de mobilidade urbana. Incorporaram propostas de acesso a educação, cultura, saúde, esportes, meio ambiente, desenvolvimento humano e qualidade de vida. Até então, essas pautas eram restritas às secretarias correspondentes e os planos de desenvolvimento urbano versavam apenas sobre o desenvolvimento físico e material da cidade. Depois dessa experiência, ficou claro que somente um mapeamento poderia nortear ações tão significativas do ponto de vista social, em que as subjetividades humanas e a produção da cultura imaterial fossem incorporadas como metas de desenvolvimento sustentável das cidades.

Os mapeamentos socioculturais têm relação direta com o desenvolvimento urbano, pois imprimem vitalidade ao desenvolvimento local, são capazes de detectar as potências criativas de diversos fazeres culturais e agenciamentos nos territórios, tendo papel importante como instrumento de gestão e planejamento.

Esses instrumentos de diagnóstico e de ações propositivas estão na pauta das organizações governamentais e não governamentais, permeiam as discussões acadêmicas

na produção de novos conhecimentos, na formulação de políticas públicas, estruturam linhas de ação cultural de entidades, fortalecem ações da sociedade civil e, sobretudo, revelam a diversidade cultural das territorialidades e virtualidades humanas. Têm sido temas de debates e propostas desde meados da década de 1990 em instâncias como o Fórum Intermunicipal de Cultura (FIC), as Conferências Municipais de Cultura de São Paulo e outros Estados, no Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares (Brasília, 2005), nas Conferências Nacionais de Cultura (Brasília, 2006 e 2010) e atualmente pelo Plano Nacional de Cultura.

Vivemos um processo intenso de culturalização do país, pois cada vez mais a cultura se fortalece como cenário de afirmação da cidadania e do desenvolvimento humano. O debate público vem mostrando que a qualidade de vida não pode ser vista apenas na ótica do desenvolvimento material, mas também como apropriação contínua do patrimônio imaterial pelos cidadãos e pela criação de rico imaginário a partir da diversidade das culturas.

A diversidade cultural passa a compor estratégias de mudança e de construção de novos paradigmas civilizatórios, segundo documento da Unesco, tão importante quanto à democracia e as oportunidades econômicas. A promoção da diversidade implica reconhecer direitos culturais consagrados, como a liberdade de expressão, as oportunidades de diálogo, o direito à ancestralidade e à invenção; bem como combinar o passado com o presente para inventar o futuro de forma intercultural, dialógica e com encantamento.

No entanto, precisamos escutar para melhor compreender e interrogar a realidade, trazendo à tona novas experiências que possam subsidiar o enriquecimento de práticas, das visões participativas e de mudança, e os processos de criação da cidadania cultural. Nesse sentido, os mapeamentos socioculturais compõem um rol de instrumentos de defesa da promoção da diversidade cultural e de construção de políticas culturais a partir das experiências construídas nos territórios[1]. Podemos considerá-los indispensáveis para a

1. Encontro Internacional de Mapeamentos Socioculturais – Território e Diversidade. Realizado em 2009. Mais informações www.mapeamentossocioculturais.wordpress.com

promoção da diversidade cultural. O sentido de se mapear é o de se garantir o direito à diversidade e colocar em evidência as potências criativas dos fazeres culturais dispersos pelas territorialidades.

Devemos ressaltar que a noção de mapeamento é polissêmica e não está exclusivamente ligada a um território físico, embora, muitas vezes, seja o suporte principal para se empreender tal pesquisa. Entretanto, existem outros suportes que são de ordens cognitivas e virtuais que dialogam com um mapeamento e que são prerrogativas para a visualização de uma cultura de territorialização, desterritorialização e reterritorialização[2] na produção de subjetividades que um mapeamento é capaz de articular e desvelar.

A realização de um mapeamento sociocultural revela-se sempre um grande desafio. Como é um modo de apreender uma realidade complexa e diversa, que se realiza por meio de um processo de construção e reconstrução constante, há diversas formas de fazê-lo e inúmeros critérios sobre a definição do que mapear. No limite, as metodologias de um mapeamento, as definições sobre onde, o que e como mapear são ferramentas que devem ser construídas no próprio processo de trabalho, conforme a peculiaridade do mapeamento e do que será mapeado. Embora existam elementos prévios que conduzam o mapeamento, esse deve ser realizado em um processo dialógico, cujas metodologias, diretrizes e estratégias sejam abertas e flexíveis. A constituição de um mapa precisa se deixar contaminar ou afetar[3] pelo que é mapeado.

Recentemente, em 2009, o Instituto Pólis e o Centro de Cultura da Espanha, com o apoio do Sesc Consolação, realizaram um Encontro Internacional de Mapeamentos Socioculturais[4] que demonstrou que não há um modelo único para essa atividade, mas múltiplas formas e diferentes metodologias. Essa constatação bastante positiva evita a criação de uma camisa de força para esse processo de trabalho, abrindo espaço para que despontem novas possibilidades criativas. Portanto, não existe uma cartilha ou uma receita

2. Gilles Deleuze e Félix Gattari. Mil Platôs. Editora 34. 2002.

3. Para uma perspectiva mais contundente sobre a importância da ideia de ser afetado pelo campo de pesquisa para a descoberta de dados relevantes e originais, ver, de Jeanne Favret-Saada, o artigo "Ser Afetado", traduzido para a revista Cadernos de Campo, em 2005.

4. Encontro Internacional de Mapeamentos Socioculturais – Território e Diversidade. Realizado em 2009. Mais informações www.mapeamentossocioculturais.wordpress.com

pronta para se realizar um mapeamento. Cada processo é único, pois parte da leitura de uma determinada realidade local, com protagonistas distintos, os quais agenciam suas dinâmicas culturais de acordo com suas territorialidades.

É necessário que se defina que tipo de mapeamento se pretende realizar, por isso a primeira pergunta a se fazer é: o que é um mapeamento? Não existe uma definição única, pois um mapeamento está condicionado às escolhas de como ele será estruturado do ponto de vista das ferramentas a serem utilizadas. Portanto, podemos dizer que um mapeamento pode ser um questionário, um cadastro, um levantamento, um banco de dados quantitativo e/ou qualitativo, entre outros, ou todos esses instrumentais juntos, que poderão ser traduzidos em um mapa, um documento audiovisual, um site, uma publicação, entre outros, ou todos estes recursos midiáticos juntos.

A definição das ferramentas não resolve a forma e conteúdo de um mapeamento, que devem ser entendidos como processos indissociáveis para a construção metodológica, analítica e interpretativa de um mapeamento. Outros elementos importantes para a definição de um mapeamento são o cenário, os protagonistas das ações e as regras estabelecidas por eles e a territorialidades. Compreendidas as articulações dos arranjos sociais organizados pelos protagonistas no cenário, a definição metodológica deverá contemplar esses aspectos e ser capaz de evidenciar, desvelar e problematizar todas as nuanças que se pretende detectar. Nesse sentido, o que importa na construção de um mapeamento é definir objetivamente qual a finalidade a que se destina, para o que ele será utilizado e quem serão os beneficiados.

As virtudes que um mapeamento contempla são diversas e utilizá-lo como um instrumento de promoção, preservação e difusão da diversidade cultural é qualificar ações de gestão e planejamento de curta, média e longa duração para o desenvolvimento cultural nos territórios.

O MAPEAMENTO SANTO AMARO EM REDE

A proposta de mapeamento do projeto Santo Amaro em Rede é uma iniciativa do Sesc Santo Amaro e sua concepção e implantação foram realizadas em parceria com o Instituto Pólis. Consiste em um mapeamento das dinâmicas socioculturais da Região Sul da Grande São Paulo e alguns municípios adjacentes.

Seus objetivos são conhecer o território mais amplo em que o Sesc Santo Amaro se insere, identificar as dinâmicas socioculturais que ali acontecem, conhecer seus protagonistas e suas interações com o território.

O principal critério para as dinâmicas a serem mapeadas é seu diálogo com as atividades que o Sesc já promove. Por isso, foram criadas categorias de expressões artísticas e culturais, chamadas de tipologias[5], que nortearam o processo de levantamento e pesquisa. Outros critérios para o mapeamento dos grupos foram sua inserção e o impacto de suas ações no território, bem como a articulação desses atores sociais em redes mais amplas. Ou

5. Tipologia foi a definição dada para nominar as áreas de atuação ou expressões trabalhadas pelas entidade, grupos e indivíduos mapeados.

seja, além de atividades relevantes para a região, o mapeamento buscou também aqueles que articulavam o maior número de outros atores sociais.

Para realizar esse processo construiu-se inicialmente um questionário, com questões qualitativas e quantitativas, base para o desenvolvimento de um banco de dados e roteiro para as entrevistas. A equipe de pesquisadores, após a etapa de treinamento e de imersão no território, entrevistou os grupos e indivíduos identificados, recolhendo as informações que compõem o mapeamento.

O processo metodológico de aplicação presencial do questionário nas localidades permitiu evidenciar e potencializar as articulações de redes locais e físicas já existentes. Evidenciou, também, a riqueza das práticas culturais que ocorrem no território pesquisado a partir dos referenciais dos próprios grupos, instituições e indivíduos. O mapeamento registrou o que os grupos e indivíduos entrevistados pensam sobre suas práticas e como essas dialogam com os espaços de discussão do direito à cidade, lugar na mídia, economia da cultura, políticas públicas, equipamentos sociais, violência, preconceito, desemprego, meio ambiente, arte e cultura.

O mapeamento serviu de instrumento para dar maior visibilidade às dinâmicas que ocorrem no território e também para formar um panorama sobre a produção cultural local e suas reverberações, compondo um perfil sociocultural da região, quantitativo e qualitativo.

O mapeamento se confrontou com uma complexidade enorme de elementos não estáticos, ora localizadas, ora circulantes pelo território, que aportam uma série de linguagens e suportes distintos. Não se poderia, portanto, conceber uma pesquisa estática e muito menos limitada no tempo, pois estamos tratando de circuitos e relações em permanentes processos de mudança e que circulam pelo território de forma labiríntica.

O grande desafio da pesquisa foi torná-la legível e acessível a qualquer pessoa que venha a ter contato com ela. Como traduzir uma pesquisa de caráter qualitativo/quantitativo

em algo palatável, que seja um instrumento de gestão, visibilidade e reflexão, que dialogue com as diversas linguagens e suportes utilizados pelas dinâmicas e, sobretudo, que tenha uma função educativa, que possa contribuir para a formação de estudantes nas escolas e universidades no tocante ao perfil sociocultural da região.

A partir da proposta principal desse mapeamento, de apreender a riqueza das práticas culturais que ocorrem no território pesquisado, os produtos finais planejados foram este relatório, uma publicação impressa e um site - hipermídia[6]. A publicação, com informações qualitativas e quantitativas tem um caráter documental, suporte de memória para as práticas culturais, acervo para as bibliotecas públicas / comunitárias e outros equipamentos que dialoguem com este suporte em forma de publicação.

A site - hipermídia, explorando as múltiplas possibilidades que a linguagem multi meios pode proporcionar, permite evidenciar a complexidade das relações que ocorrem nas territorialidades mapeadas.

6. "O termo hipermídia designa um tipo de escritura complexa, na qual diferentes blocos de informações estão interconectados. Devido a características do meio digital é possível realizar trabalhos com uma quantidade enorme de informações vinculadas, criando uma rede multidimensional de dados. Esta rede, que constitui o sistema hipermidiático propriamente dito, possibilita ao leitor diferentes percursos de leitura. O processo de desenvolvimento de um sistema hipermidiático envolve uma série de questões que se avolumam e fazem emergir uma complexidade. ... apesar de o termo labirinto estar, de um modo geral, associado à ideia de confusão, de estar perdido e de erro, quando é visto como metáfora da complexidade, seu sentido se expande." (Lucia Leão)

Interface gráfica - hipermídia no mapeamento é composta por um banco de dados dos 323 grupos mapeados, cruzamentos de dados quali-quanti e site para a divulgação do mapeamento e da produção cultural que acontece nas regiões.

"Somente o ato de resistência resiste à morte,
seja sob a forma de uma obra de arte,
seja sob a forma de uma luta entre os homens."

Gilles Deleuze

POR QUE SITE - HIPERMÍDIA

Santo Amaro em Rede: Culturas de Convivência é um projeto experimental, colaborativo, não autoral, para o qual, não por acaso, uma interface gráfica site - hipermídia foi escolhida como forma de dar visibilidade ao mapeamento sociocultural realizado na Região Sul de São Paulo. Seria bastante difícil conseguir encontrar outro meio capaz de expressar tamanha complexidade: a do mapeamento (lidar com um território e uma população existentes), a conceitual (conceitos de território, espaço, lugar, circuitos, global, local, para citar apenas os mais evidentes) e a dos grupos mapeados (dotados de uma vontade de potência), capaz de resistir à violência, ao preconceito, à marginalidade, à falta de recursos, de infraestrutura, de oportunidade, demonstrando, na prática, a máxima do filósofo francês Gilles Deleuze, de que a arte é um ato de resistência, apresentada como epígrafe desse texto.

O mapeamento do projeto Santo Amaro em Rede é um "tecido" feito por várias mãos -- da elaboração dos questionários à aplicação das pesquisas, passando pelo treinamento

dos pesquisadores, elaboração (e alimentação) do banco de dados, construção da identidade visual do projeto, análise de dados, apontamento e perspectivas para a construção de um perfil cultural das territorialidades, soluções e mudanças de direção que vão sendo tomadas no decorrer do processo, que cruzam e se entrecruzam, nas tramas da rede complexa da diversidade de dinâmicas artísticas e culturais em contraponto às territorialidades, onde as mesmas acontecem.

Dessa forma, o mapeamento do projeto Santo Amaro em Rede buscou a interface gráfica, site - hipermídia como um meio de traduzir visualmente a complexidade sociocultural da Zona Sul de São Paulo e municípios adjacentes, dadas as possibilidades criativas que o ciberespaço oferece.

Não se tem, entretanto, a pretensão de criar um novo sistema de comunicação entre os grupos pesquisados, mas tão somente explorar a potência desse espaço virtual, sobretudo no que se refere a uma linguagem visual, aliada a um sistema de navegação, com a qual este público possa se identificar e determinar seus percursos de acesso aos conteúdos. Além de trazer à tona outra forma de ver a Zona Sul, é um instrumento de pesquisa para quem, dentro ou fora das dinâmicas culturais e do seu mapa, compartilha de uma rede virtual global.

O site é um instrumento de visualização do que se produz localmente (rede física) para dialogar globalmente (rede virtual). Tornar visível uma rede local no espaço virtual (global), para que haja uma reflexão sobre o "glocal" (global + local).

Portanto, a maior contribuição do mapeamento na internet é de tornar acessíveis as informações culturais mapeadas para usuários da internet de qualquer parte do planeta.

"Os mapas são das cidades.
Os croquis pertencem aos cidadãos."

Armando Silva

UMA NOVA CARTOGRAFIA AFETIVA

O mapeamento concebido para o projeto **Santo Amaro em Rede – Culturas de Convivência** foi norteado pelo território/territorialidades. O suporte da pesquisa foram as localidades, bases dos deslocamentos e circuitos estabelecidos pelas dinâmicas culturais na Zona Sul. Para traduzir visualmente e localizar as dinâmicas mapeadas, optou-se por trabalhar com uma base cartográfica – um mapa. Esse suporte foi o primeiro recurso idealizado para se pensar o mapeamento enquanto processo educativo e formativo sobre a região. Entretanto, o mapa tradicional não representa as diversidades da Zona Sul e adjacências, não mostra as potências criativas e culturais das territorialidades. Foi necessário criar uma nova cartografia sobre o território, estabelecer nova visão da Zona Sul em que seus protagonistas pudessem se reconhecer e pertencer a uma cartografia consonante com seus modos de vida, relações de sociabilidade e circuitos culturais. Para isso, foi necessário desenhar novos croquis da Zona Sul e adjacências, pois só assim teríamos uma cartografia representativa de seus protagonistas.

Os mapas oficiais da Zona Sul são emblemáticos por representarem a pobreza, a violência e a exclusão social, evidenciam os baixos índices de desenvolvimento humano, contribuindo para estigmatizar a região como local marcado pela precariedade. O presente mapeamento apresenta uma cartografia que contradiz os dados oficiais. Esta nova cartografia afetiva mostra uma colcha de tecidos urbanos distintos, costurados por dinâmicas que representam a diversidade cultural local, suas criações artísticas e fazeres culturais.

Esse novo desenho do território é de extrema importância, pois cria um vínculo de identificação entre o trabalho de mapeamento e seus protagonistas, as pessoas e grupos mapeados, propondo uma nova forma de ver a Zona Sul a todos que acessarem o mapeamento.

Outra contribuição importante desse mapa temático é a possibilidade de visualização integral dos resultados do mapeamento (cadastro visual). Só um mapa seria capaz de incorporar visualmente os grupos mapeados nas regiões segundo suas expressões e, ao mesmo tempo, localizar territorialmente onde se encontra cada dinâmica artística e cultural.

O mapa temático é interativo, viabilizando diversas possibilidades de pesquisas de grupos e locais, sem hierarquizar informações ou determinar caminhos de investigação. Ao pesquisar no mapa, o leitor determina quais as temáticas e os grupos nas diferentes localidades da Zona Sul.

A questão estética vai além da moldura para tornar agradável a apresentação do mapeamento. Mais do que isso, é ponto crucial para alavancar uma identidade/unidade aos grupos e também como processo educativo para uma nova forma de ver a região. Estética aqui é sinônimo de identidade/pertencimento e de instrumento político de legibilidade para os grupos, instituições e indivíduos que participam de ações e coletivos culturais e atuam na Zona Sul.

Além das questões estéticas, outros elementos foram determinantes na construção e conceituação dessa cartografia. Os circuitos estabelecidos entre as dinâmicas artísticas e

culturais que permeiam o território não obedecem à lógica das divisões político-administrativas entre subprefeituras e municípios, mas sim a de cooperação e interdependência entre grupos, que não coincidem necessariamente com suas inserções territoriais. Os grupos, entidades e artistas atuam de forma muito mais labiríntica do que se imagina, aproximando-se da ideia de **rizoma**:

"Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. (...) Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio." (Gilles Deleuze e Félix Guattari, Mil Platôs v. 1, 1995: 37)

Para esses territórios tecidos por identidades culturais e para a circulação por e entre seus "rizomas" não se poderia pensar em mapas, mas em um único mapa de agenciamentos complexos.

Por fim, diante do desafio de construir uma cartografia afetiva para o mapeamento, todo o processo de construção de identidade visual foi concebido por meio de mapas ou "croquis". No site, a agenda de divulgação das atividades dos grupos, por exemplo, é um mapa em que se pode visualizar os agenciamentos de programação de seus protagonistas, dentro e fora dos territórios mapeados, o que permite refletir sobre os trajetos e circuitos que essas dinâmicas empreendem pelos territórios da cidade de São Paulo.

A IDENTIDADE VISUAL DO MAPEAMENTO

O desenvolvimento da identidade visual do mapeamento começou já no início dos trabalhos, em dezembro de 2008, simultaneamente à formação dos pesquisadores. Foi um processo colaborativo e muitas definições e conceituações relativas à identidade visual se consolidaram mediante as respostas da pesquisa de campo e da análise de dados. Todas as concepções gráficas e de navegação foram objetos de conversa com a programação, design gráfico, coordenadores, consultores, pesquisadores e técnicos do Sesc Santo Amaro.

Por se tratar de um mapeamento que agencia 323 grupos e instituições, optamos por uma estética que dialoga com a diversidade, revela potencialidades dos grupos e discute uma nova cartografia da produção artística e cultural da Zona Sul. Neste projeto, a identidade visual – o design gráfico das telas e as possibilidades de navegação – foi concebida pelas respostas da pesquisa de campo, ou seja, o conteúdo é que norteou as opções de visualidade do projeto.

A criação se concentrou inicialmente no mapa, tendo como meta solucionar visualmente algumas questões do projeto, que se resumem nas seguintes conceituações iniciais[7]: tornar visíveis as forças "invisíveis" da Zona Sul; fazer ouvir sua potência criativa; "não reproduzir ou inventar formas, mas captar forças" (DELEUZE, 2007: 62); não apresentar o visível, mas tornar visível" (KLEE, 2001: 43).

O desafio foi a captura de forças[8]: como tornar visíveis forças "invisíveis"?; como tornar visível o movimento do território?; como capturar potências moventes?; se "tudo está em relação com forças, tudo é força" (DELEUZE, 2007: 65), ou seja, estamos lidando com um território cujas configurações urbanas mudam o tempo todo, e com uma população que flui de um ponto a outro, nunca permanecendo sempre no mesmo lugar.

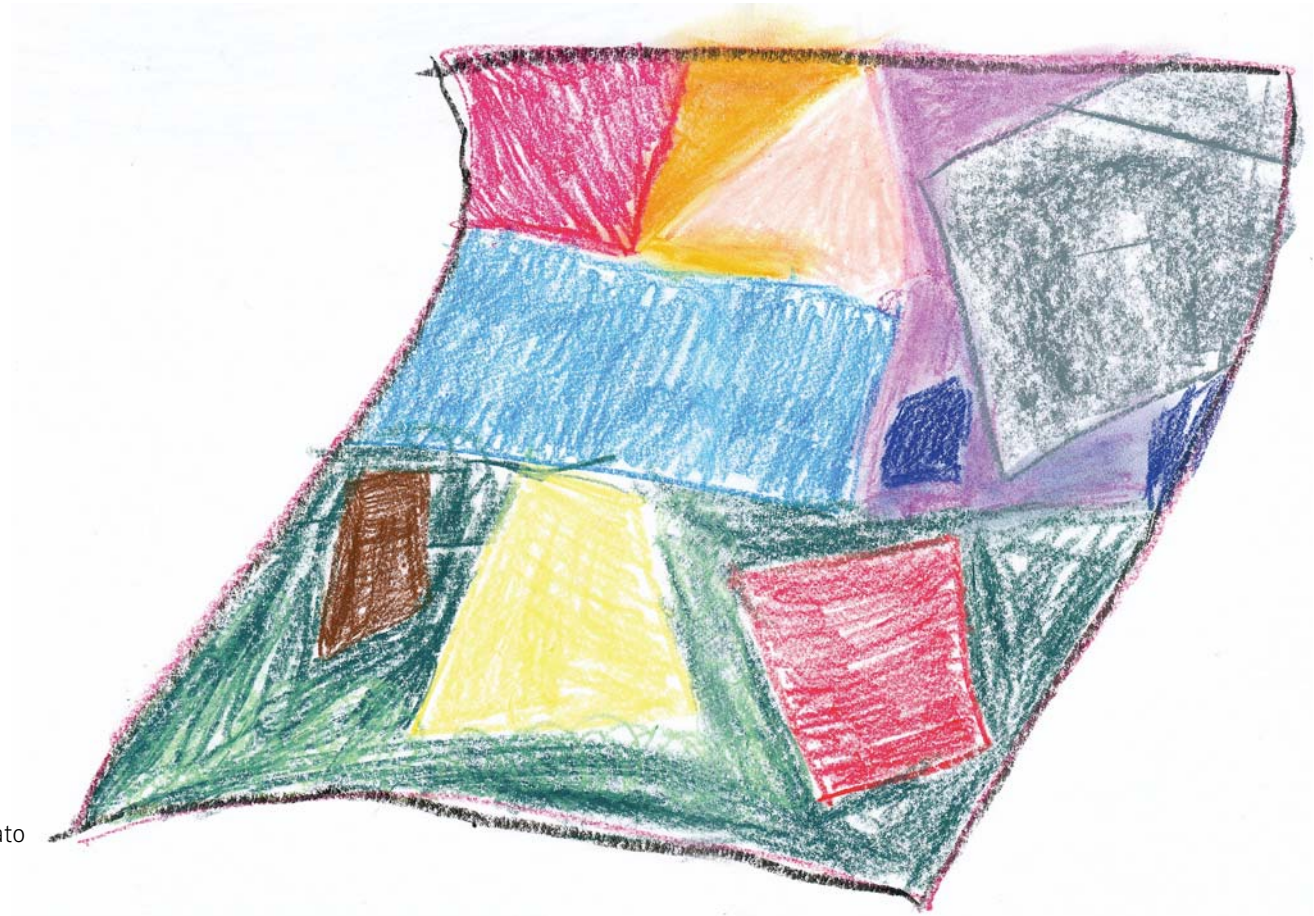
A criação, assim como ocorreu aos pesquisadores, passou por um processo de construção de repertório, o que foi feito pelo acompanhamento do treinamento dos pesquisadores, palestras, pesquisa e imersão fotográfica em que foram colhidas informações visuais características de cada local pesquisado

Numa das dinâmicas de grupo em que os pesquisadores criaram "mapas afetivos" da Região Sul baseados em suas impressões sensoriais do território – visão, audição, olfato, paladar, tato, propriocepção –, surgiu o conceito do site/hipermídia: a **colcha de retalhos** ou **crazy patchwork**, a partir de um dos mapas afetivos que evocava esta ideia no sentido da visão.

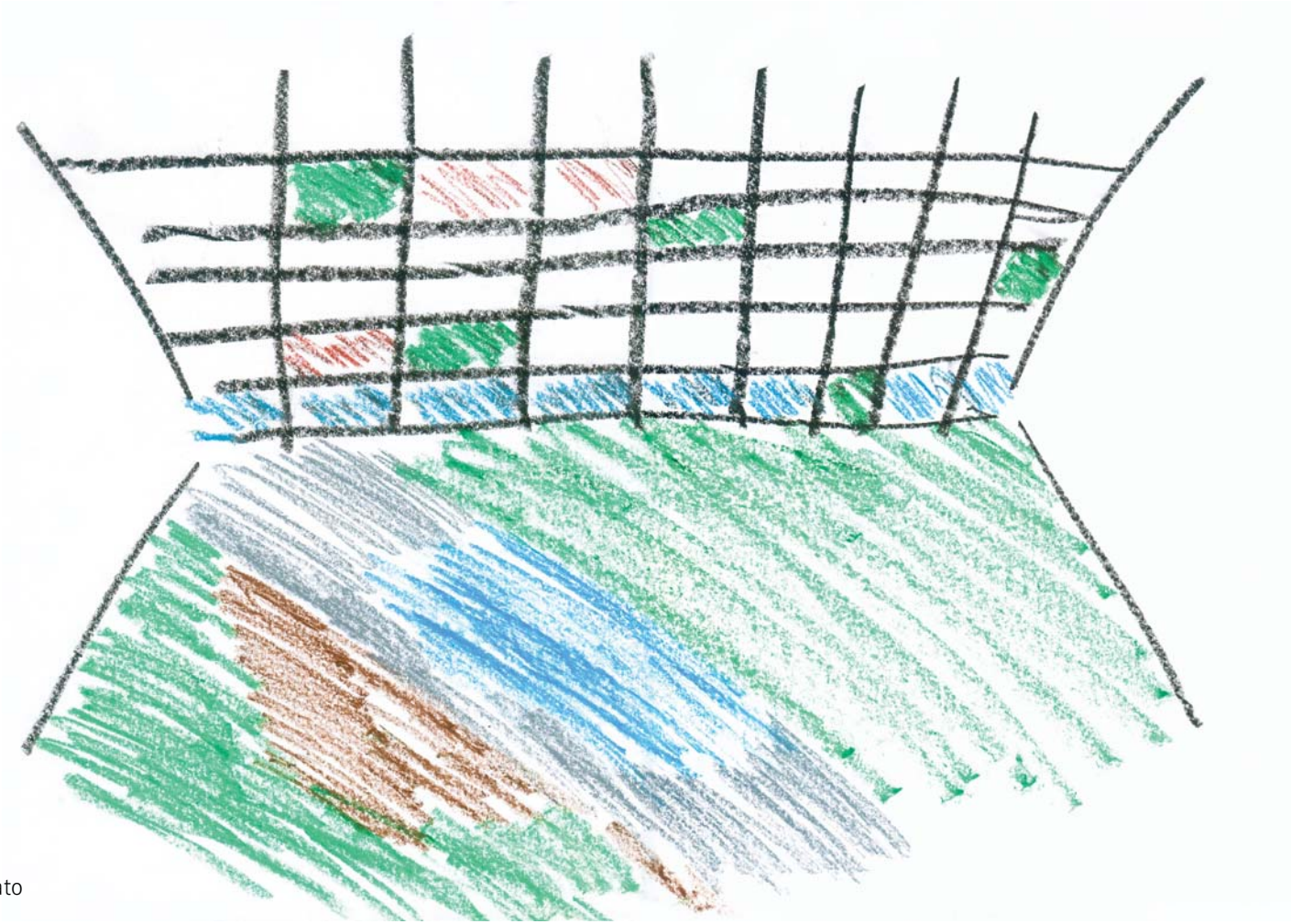
7. BORGES, M. Lucília (2008). "Da história à geografia: cartografias do design, desejo'", in Design Desejante: a dobra como espaço e(ntr)e. p. 67,68. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica. São Paulo: PUCSP.

8. BORGES, M. Lucília (2008). "Agenciamentos Maquínicos: e(ntr)e o 'virtuo-design' e o 'act-design'", in Design Desejante: a dobra como espaço e(ntr)e. p. 173-189. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica. São Paulo: PUCSP.

Maracélia Ramos Teixeira



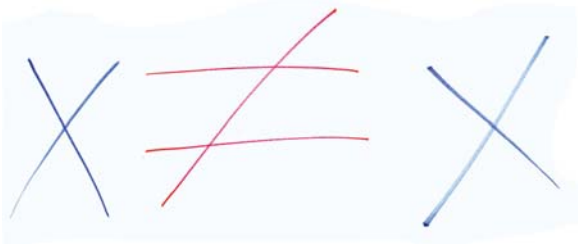
Fernanda Versolato



Fernanda Versolato

Maracélia Ramos Teixeira

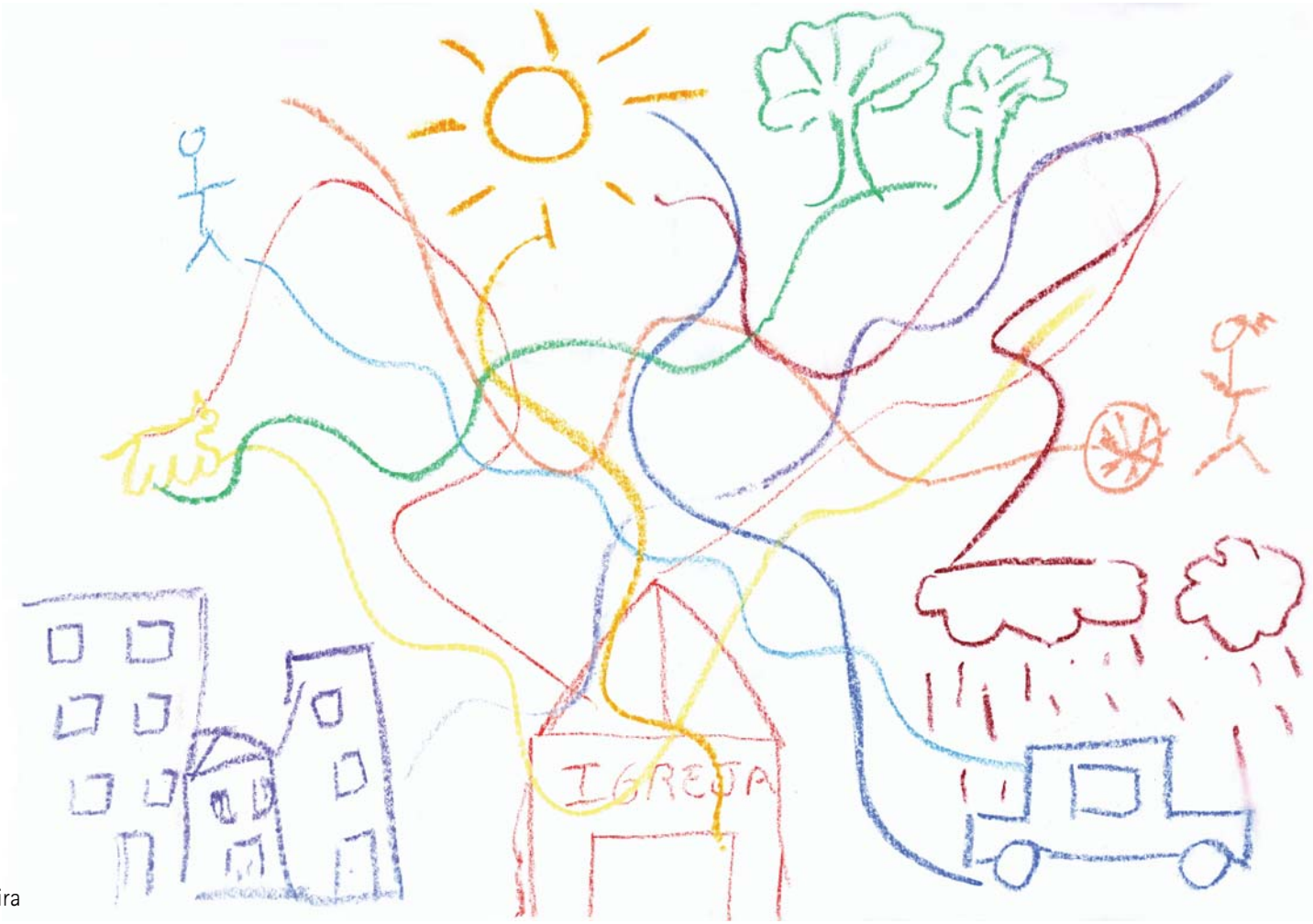
Marina de Almeida Silva



Marina de Almeida Silva

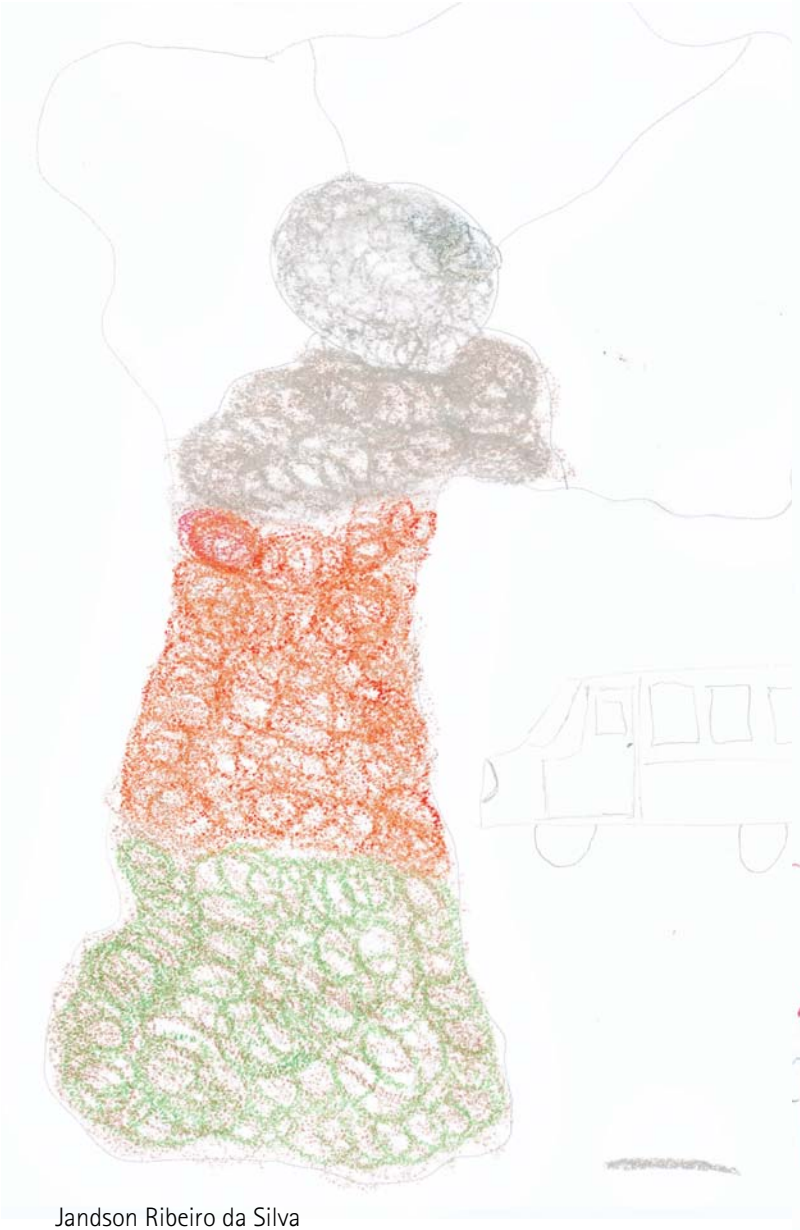
Rafael Paulino Souza Lima

Débora Ramos Ribeiro



Alânia Cerqueira

Alânia Cerqueira



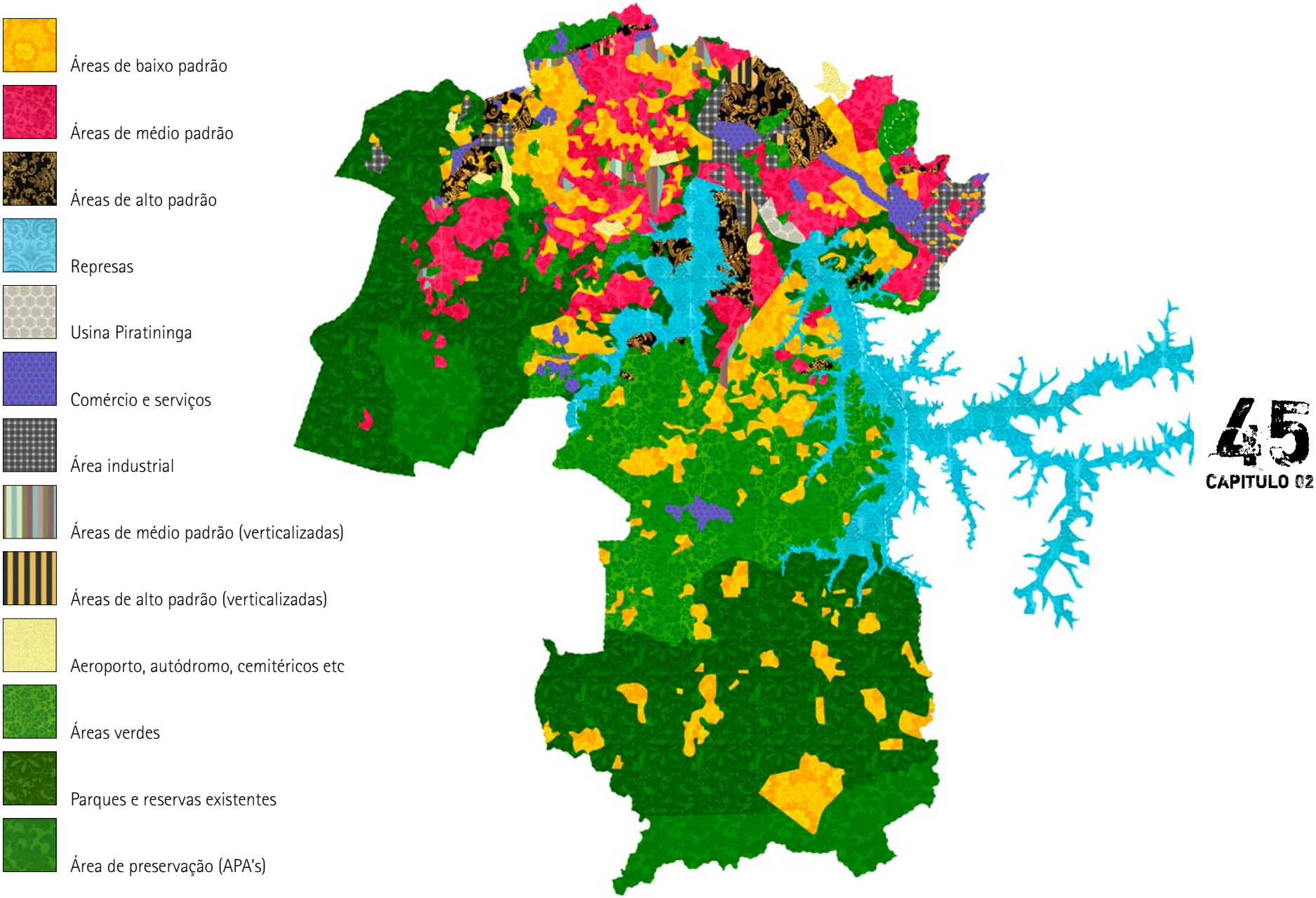
Jandson Ribeiro da Silva

Rafael Paulino Souza Lima

As cores representativas das características do território foram uma unanimidade nos mapas afetivos criados: laranja, cinza, verde e azul. A partir daí começou-se a desenvolver o conceito do mapa principal: fazer do mapa da Região Sul uma colcha de retalhos, usando padrões característicos da região.

Os mapas "oficiais" serviram de base para esse desenho, mas suas "demarcações" são dadas pelas malhas ou tecidos urbanos que caracterizam cada pedaço do território. Um mesmo bairro ou distrito possui mais de um padrão (tecido) diferente, daí essas demarcações (aparentemente) caóticas, que lembram as chamadas **crazy patchwork quilts**.

"Entre o feltro e o tecido existem muitos abraçamentos, muitas misturas. Não se poderia deslocar ainda uma vez a oposição? Por exemplo, as agulhas tricotam um espaço estriado, e uma das agulhas desempenha o papel de cadeia, e a outra de trama, ainda que alternadamente. O crochê, ao contrário, traça um espaço aberto em todas as direções, prolongável em todos os sentidos, ainda que esse espaço tenha um centro. Ainda mais significativa seria a distinção entre o bordado, com seu tema ou motivo central, e a colcha de retalhos, o patchwork, com seu pedaço por pedaço, seus acréscimos de tecido sucessivos e infinitos. Claro que o bordado pode ser extraordinariamente complexo, nas suas variáveis e constantes, nos seus fixos e móveis. O patchwork, por sua vez, pode apresentar equivalentes de tema, de simetria, de ressonância que o aproximam do bordado. Não obstante, no patchwork, o espaço não é de modo algum constituído da mesma maneira que no bordado: não há centro; um motivo de base (block) é composto por um elemento único; a repetição desse elemento libera valores unicamente rítmicos, que se distinguem das harmonias do bordado (em especial no crazy patchwork, que ajusta vários pedaços de tamanho, forma e cor variáveis, e que joga com a textura dos tecidos). (...) É uma coleção amorfa de pedaços justapostos, cuja junção pode ser feita de infinitas maneiras: como veremos, o patchwork é literalmente um espaço riemaniano, ou melhor, o inverso. (...) O espaço liso do patchwork mostra bastante bem que 'liso' não quer dizer homogêneo; ao contrário, é um espaço amorfo, informal, e que prefigura a op'art." (Gilles Deleuze e Félix Guattari, Mil Platôs v. 1, 1997: 181 182).


Áreas de baixo padrão
Áreas de médio padrão
Áreas de alto padrão
Represas
Usina Piratininga
Comércio e serviços
Área industrial
Áreas de médio padrão (verticalizadas)
Áreas de alto padrão (verticalizadas)
Aeroporto, autódromo, cemitéricos etc
Áreas verdes
Parques e reservas existentes
Área de preservação (APA's)

CONSOLIDANDO UMA REDE SOCIOCULTURAL LOCAL

O principal objetivo do projeto Santo Amaro em Rede é consolidar uma rede que já existe fisicamente no território, potencializando conexões entre os atores sociais e novas parcerias, além de fazer com que os próprios grupos conheçam todas essas dinâmicas artísticas e culturais que permeiam as relações de sociabilidade no contexto da Zona Sul. O site de divulgação do mapeamento na internet deve possibilitar essa apreensão pelos grupos e indivíduos mapeados. Acreditamos que a principal apropriação que os atores sociais podem fazer deste site é também construir leituras próprias sobre a região, bem como conhecer outras dinâmicas que acontecem próximas a sua área de atuação.

Dessa maneira, pode-se fortalecer a rede local destes grupos, potencializando suas expressões e práticas socioculturais. Mais do que a articulação em redes virtuais ou de divulgação, processo que os grupos já dominam e articulam cada um ao seu modo, o que se espera deste site é o fortalecimento da rede de relações locais.

Tomou-se como premissa a ideia de que uma articulação consistente dos grupos em uma rede local pode fortalecer as ações que já realizam na região, mas também pode gerar novas possibilidades de relação associativa. Essas novas relações e conexões podem contribuir para a construção de novas práticas culturais criativas, bem como trazer transformações significativas para a região e para o seu cenário sociocultural.

A proposta é (1) *potencializar* a rede física existente, utilizando-se da rede virtual apenas como um suporte que nos permite apreender a totalidade trabalhada pelo mapeamento. Neste sentido, almeja-se criar uma rede local de trocas, reflexões, veiculação de informações, subsídios para políticas públicas e, sobretudo, (2) *dar maior visibilidade* às dinâmicas que, muitas vezes, estão à margem da cultura hegemônica. Pretende-se, também, (3) *desmistificar* a periferia como sendo apenas o local da violência e da exclusão social.

Se pensarmos em redes sociais num sentido conceitual mais amplo, o mapeamento potencializa uma "rede social" que se articula dentro e fora de um ambiente virtual, que se vale de uma estrutura de agenciamentos. Esses são criados o tempo todo nas próprias territorialidades físicas (territórios mapeados) e nas territorialidades virtuais (ciberespaço).

Nesse trabalho, pretendemos potencializar por meio de um sistema de navegação não-linear – uma rede aberta – que novos grupos possam ser "agenciados" à medida que novas conexões forem se formando dentro e fora desse ambiente virtual. Essas redes não são uniformes:

"Sob a perspectiva de seu globalismo economicista, Castells vê as redes como estruturas abertas que só tendem a se expandir. Mas a dinâmica das redes sociais é mais complexa: não obrigatoriamente evolutivas; também podem encolher e, muito frequentemente, ganham e perdem nós ao longo do seu percurso, sem perderem sua identidade, assim como ocorrem mudanças qualitativas nos vínculos entre esses nós. Isto sem contar que nem todas as ligações são intermediadas por tecnologias de informação e comunicação". (AGUIAR)

A proposta de fortalecimento e consolidação de uma rede sociocultural da Zona Sul e municípios adjacentes não se restringe aos moldes das redes virtuais difundidas na internet. Rede social aqui é entendida como uma articulação de ações e práticas concretas no território. Estamos falando de uma rede propositiva e presencial, constituída por protagonistas reais e animada por ações presenciais no território. A internet será uma ferramenta para dar visibilidade aos diversos protagonistas que agenciam suas dinâmicas no território e compõem a rica e diversa rede sociocultural.

PRIMEIRO MOMENTO: CONSTRUÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Durante quatro meses, o Instituto Pólis e a unidade Sesc Santo Amaro elaboraram um instrumental de pesquisa – questionário qualitativo/quantitativo – para o mapeamento das dinâmicas socioculturais da Zona Sul da cidade de São Paulo e adjacências.

O processo metodológico de elaboração deste instrumental se deu pela trocas de saberes entre os técnicos do Instituto Pólis e os da unidade Sesc Santo Amaro, que possibilitou a imersão e a reflexão sobre as práticas de atuação estabelecidas na rotina da unidade, as complexidades e contradições de seu território de inserção e um olhar sensível sobre a diversidade cultural na região.

Estes insumos foram cruciais para determinar os rumos do trabalho, que buscou como diretriz avaliar o contexto de atuação da unidade, que já possui uma prática diferenciada, permitindo vislumbrar uma atuação mais efetiva e participativa nas dinâmicas socioculturais da região.

A construção do instrumental transcendeu as expectativas das equipes. Foi um processo de discussão fértil, que enveredou para conceituações de cultura que pudessem abranger todas as manifestações e práticas culturais da região, além de definir linhas de ação cultural consonantes com o contexto regional e o papel da unidade Sesc Santo Amaro. A concepção e escolha das tipologias foram norteadas por um olhar sensível sobre as dinâmicas socioeconômicas, socioeducativas, socioculturais e de estrutura urbana regional, que resultaram em uma leitura qualitativa do território enquanto suporte dessas dinâmicas e da definição de tipologias aderentes às peculiaridades locais e em diálogo com a atuação do Sesc.

Foi importante também o envolvimento de alguns parceiros da unidade Sesc Santo Amaro no processo de aplicação do questionário-piloto, o que trouxe subsídios importantes para a formulação do instrumental, reforçando a importância de se estabelecer uma rede local–global (“Glocal”), entre o Sesc Santo Amaro e atores culturais da região.

Trabalhar a partir das referências do outro foi condição fundamental para construir uma base de conhecimento legítima e que representasse os anseios e expectativas de todos para compor um trabalho coletivo. As bases teóricas conceituais só foram introduzidas a partir de um campo referencial já explorado.

O instrumental desenvolvido possibilitou uma leitura sensível das dinâmicas socioculturais locais, que aportou reflexões qualitativas sobre a produção cultural na região, identificando práticas às margens de uma lógica de cultura hegemônica, o que muitas vezes as desqualifica. Ao contrário dessa concepção hegemônica, o questionário teve um papel de emergir, mapear, difundir e fortalecer estas práticas já consolidadas no território. O caráter qualitativo/quantitativo que ora qualifica ações culturais e dá espaço para a memória cultural local, ora quantifica e classifica dinâmicas no território, permitiu a consolidação de uma rede viva de trocas entre a unidade Sesc Santo Amaro e os atores culturais locais, reforçando a proposta do projeto Santo Amaro em Rede – Culturas de Convivência.

REFLEXÕES DE PERCURSO

O primeiro encontro entre os técnicos do Sesc Santo Amaro e Instituto Pólis foi uma escuta qualificada, em que foi reunida uma gama de informações de ordem pessoal, coletiva e institucional, que serviram de subsídios iniciais para nortear as oficinas de construção do questionário, desenhar o processo metodológico do trabalho e as demandas a serem atendidas.

A escuta foi estimulada em contextos distintos. A princípio, trabalhamos com a memória da região por meio de um breve histórico da formação geográfica e política de Santo Amaro e seus desdobramentos até os dias de hoje. Esse trabalho foi apoiado por mapas do Município de São Paulo sobre as condições ambientais, a mobilidade urbana, delimitação dos distritos e subprefeituras, as centralidades de equipamentos e a relações distintas entre a sede atual e a sede nova do Sesc Santo Amaro em relação à Zona Sul.

Por meio de uma metodologia denominada “Mapa de Vivências da Região” foram construídos três mapas temáticos – de deslocamentos, da diversidade e recorte da área. Os repertórios individuais dos participantes foram o ponto de partida para a construção de um repertório institucional (dinâmica de GT), por meio de painéis de mediação. O resultado foi um panorama das diversas peculiaridades do trabalho da instituição, com suas demandas de ordem conceitual, norteadoras de suas políticas, ações e avaliações.

A memória de Santo Amaro trouxe à tona todas as complexidades que a região aporta. A primeira delas, de grande impacto, foi a delimitação territorial da Zona Sul, que é maior do que a área do resto do município, e a constatação de que nela figuram todas as contradições de ordem econômica e social presente na somatória das demais regiões. A Zona Sul é um mosaico de todos os tipos de diversidades.

A construção dos mapas de vivências explicitou as relações dos técnicos com a região – não apenas a relação de trabalho, mas de sociabilidade com as dinâmicas locais; as leituras subjetivas que se complementaram nas falas de todos e nos desenhos dos mapas, os quais transcenderam posteriormente na discussão institucional, demonstrando uma grande afinidade entre o grupo dos técnicos do Sesc Santo Amaro. A atividade foi base também para a avaliação dos próprios técnicos em relação aos espaços de atuação territorial da unidade, identificando alguns pontos cegos. Também foi percebido que a unidade mantinha apenas parcerias institucionais, deixando uma lacuna com relação aos grupos não institucionalizados, de forte presença no território e nas dinâmicas socioculturais da Zona Sul. A partir dessa constatação, uma das diretrizes do mapeamento foi a de incorporar os coletivos artísticos não formalizados institucionalmente na pesquisa.

O primeiro painel de mediação sobre a atuação do Sesc Santo Amaro nos dias de hoje proporcionou ao grupo uma avaliação concreta das ações realizadas, propiciando um processo de avaliação seja para legitimá-las seja para questioná-las, permitindo também

vislumbrar novas possibilidades para a futura sede da unidade. O painel trouxe insumos para as diretrizes de atuação em relação às expressões que foram mapeadas e também promoveu discussões mais gerais sobre as políticas de ação cultural da unidade.

O segundo painel de mediação foi construído a partir das expectativas institucionais do Sesc Santo Amaro, subsidiadas pela leitura territorial e das dinâmicas locais, pela contextualização do município e pelos mapas de vivências da região, entre outros suportes. O painel demonstrou as possíveis atuações da instituição, sobretudo com relação às parcerias de atividades externas que os técnicos vêm trabalhando na região, e formas de qualificá-las ou transformá-las em diretrizes de atuação da unidade. Trouxe, também, insumos importantes para orientar o trabalho conceitual e tipológico do questionário, para que pudesse efetivamente ser um instrumento que atendesse às demandas da unidade e dos grupos, entidades e artistas mapeados.

A inserção territorial da nova sede também colocou como grande desafio aos técnicos pensar as interfaces desse equipamento e de suas políticas culturais, que terão de atender às demandas de um público diversificado.

Seguem alguns pontos apreciados durante a construção do questionário:

Leitura e apropriação do território

A área de atuação formal da entidade incluía as regiões nucleadas pelos bairros Campo Limpo; Jardim São Luís; Capão Redondo, vetor Taboão da Serra. Já as regiões nucleadas por bairros como Jabaquara; Cidade Ademar, vetor Diadema; Parelheiros; Marsilac, vetor represas, ainda eram pontos cegos na atuação da unidade. Apesar de os técnicos do Sesc Santo Amaro já realizarem parcerias que envolviam agentes das regiões periféricas da Zona

Sul, a atuação ainda era inexpressiva diante das possibilidades que o mapeamento poderia potencializar, incluindo a capilarização das ações da unidade. Portanto, o recorte territorial era de suma importância para a definição metodológica e conceitual do mapeamento, determinando o caráter político da ação. Se o território a ser mapeado se limitasse a Santo Amaro, certamente teríamos um panorama de agentes e ações culturais muito distintos, com dinâmicas institucionalizadas dentro da lógica da cultura hegemônica. Entretanto, a opção por trabalhar com as regiões "periféricas" da Zona Sul trouxe para o processo as diversas dinâmicas não institucionalizadas e totalmente distantes das lógicas da indústria cultural e da cultura hegemônica.

A cidade como suporte da ação cultural

As ações culturais alavancadas pelo Sesc Santo Amaro utilizavam a cidade como pano de fundo. Não havia, ainda, uma apropriação do espaço urbano como um suporte cênico, artístico e cultural destas manifestações.

Percepção da atuação global para atuação local

A programação partia de uma diretriz global, mas era seccionada por uma demanda articulada pelas instituições locais para atuações pontuais nos territórios.

Percepção da implantação da nova unidade do Sesc Santo Amaro em um novo contexto urbano.

A nova sede da unidade estará em um contexto completamente distinto da sede antiga. Sua localização no Largo 13 de Maio, com uma configuração urbana de comércio popular; população flutuante de mais de 30 mil pessoas/dia, grande parte vinda das regiões periféricas da Zona Sul, desencadeará novas formas de relação com o espaço e seus usuários e programações diversificadas e apropriadas a todo público visitante.

Portanto, imaginar a construção de um instrumental (questionário) que dialogue com todas as peculiaridades da Zona Sul agrega é mais do que imaginar um simples roteiro de perguntas. Trata-se de entender o contexto em que este mapeamento se configura, revelar dinâmicas artísticas e culturais pouco visíveis, determinar ações cabíveis, possíveis e dialógicas à rede sociocultural já existente, compreender os agenciamentos nas territorialidades, respeitar e fortalecer a diversidade cultural e o desenvolvimento local.

O questionário e o mapeamento tinham que responder inicialmente a duas questões fundamentais:

Por que um mapeamento

- Consolidar o projeto Santo Amaro em Rede – Culturas de Convivência.
- Instrumentalizar o plano de atuação da nova unidade.
- Perceber e conhecer as dinâmicas socioculturais locais pouco visíveis da Zona Sul e municípios adjacentes, em seus aspectos objetivos/quantitativos e sensíveis/qualitativos.
- Consolidar e potencializar uma rede de parcerias entre Sesc Santo Amaro e entidades, grupos e artistas da região e municípios adjacentes.

- Fornecer insumos para o projeto Santo Amaro em Rede para formar e tornar disponível uma rede de informações socioculturais das regiões mapeadas.
- Democratizar informações do mapeamento, difundir produções locais, fortalecer autonomia das dinâmicas socioculturais e estabelecer uma rede de acesso universal de diálogos entre redes.
- Promover a articulação e a consolidação de uma rede já existente nas territorialidades.

O que mapear

- Dinâmicas, manifestações e expressões socioculturais com inserção no território – Região Sul e municípios adjacentes.
- Grupos, instituições e indivíduos que articulem redes de relações no território.
- Ações que promovam desenvolvimento local por meio de atividades socioculturais nas territorialidades.
- Ações que dialoguem com as áreas de atuação do Sesc Santo Amaro.

A partir dessas questões e reflexões sobre a necessidade de um mapeamento e discussões sobre a atuação do Sesc Santo Amaro nas localidades, foi possível desenhar um questionário estruturado em questões quantitativas e qualitativas, com o desafio de construir um mapeamento, ao mesmo tempo, objetivo-quantitativo (marcas físicas) e sensível-qualitativo (desejos intangíveis). Para tanto, a equipe construiu um conceito de diversidade cultural capaz de abarcar todas as peculiaridades do território e suas dinâmicas artísticas e culturais. Também foram traçadas linhas de ação cultural para o desenvolvimento do mapeamento consonantes com as ações do Sesc Santo Amaro e as práticas culturais das localidades. Por fim, foram estabelecidas quais as expressões (tipologias) seriam pesquisadas e como o questionário seria estruturado.

Conceito de Diversidade Cultural

Democratizar o acesso aos meios de produção de cultura, ampliar a capacidade criativa e as novas formas de expressão; promover as práticas saudáveis ligadas às culturas do corpo e da mente, da alimentação e da relação com o meio ambiente; promover a experimentação de novos meios e de novas linguagens; preservar a memória, o diálogo entre tradições e escolhas, a pluralidade dos modos de vida, o diálogo intercultural e a cultura da paz.

Linhas de ação cultural

- Conhecer o território e compreendê-lo como espaço de disputas e tomar como ponto de partida as demandas dos movimentos culturais.
- Fomentar a cultura de participação e apoiar movimentos sociais.
- Favorecer o caráter público e coletivo da cultura, estimulando a formação de públicos e o debate cultural.
- Democratizar o acesso aos meios de produção e de difusão de cultura.
- Facilitar o acesso ao conhecimento das tecnologias tradicionais e novas, bem como o fortalecimento da cultura por meio de tecnologias de comunicação e informação.
- Promover a transformação dos espaços físicos tendo em vista o desenvolvimento socioambiental, a reapropriação e culturalização do espaço público e um novo sentido para o local na cidade globalizada.
- Estimular a pesquisa, a preservação e a difusão da história local – oral, escrita ou por outros meios.
- Apoiar e fortalecer as manifestações de cultura popular tradicional.
- Fomentar a autonomia local, fortalecer fóruns culturais locais e promover a convivência, a cultura da paz e o diálogo intercultural.
- Promover a articulação entre cultura e educação e implementar e/ou apoiar ações que efetivem essa articulação.

- Desenvolver ações de trabalho e lazer com a terceira idade, apoiar e fortalecer as dinâmicas de grupos jovens da região e estimular o diálogo intergeracional.
- Estimular práticas saudáveis nos esportes, nas culturas do corpo e da mente e nas culturas alimentares.
- Incluir as dimensões de gênero, etnia e diversidade sexual nos projetos culturais.
- Garantir acesso e fruição de bens e serviços culturais às pessoas com necessidades especiais.

Definição das expressões

Eixo 1

- Cultura de paz, direitos humanos; valorização humana
- Meio ambiente – movimentos de preservação/educação ambiental
- Qualidade de vida
  - Práticas esportivas
  - Culturas alimentares
  - Culturas da mente (hortas medicinais, yoga, acupuntura...)

Eixo 2

- Práticas e saberes que promovem a valorização humana com perspectiva cultural e artística – grupos, entidades, etc.
- Práticas e saberes da juventude
- Práticas e saberes das etnias
- Práticas e saberes das culturas populares
- Práticas e saberes de gênero

- Práticas e saberes dos idosos
- Estabelecimentos de educação pública e privada, formal e não formal
- Práticas e saberes das linguagens e dinâmicas socioculturais

Eixo 3

Equipamentos socioculturais: bibliotecas, bibliotecas comunitárias, casas de cultura, pontos de cultura, clubes de comunidade, CEUS, áreas livres, arquivos, ônibus-biblioteca, cinemas, auditórios, galerias, salas de exposição, ginásios, estádios/campos de futebol, quadras, campos de várzea, museus, telecentros.

Rede Culturas de Convivência – interligações dos três eixos.

"Tudo em uma cidade permanece invisível, tudo,
e acima de tudo, a cidade tomada como totalidade."

Bruno Latour

MAPEAMENTO EM AÇÃO: PESQUISA DE CAMPO E METODOLOGIA DE ANÁLISE DE DADOS

Depois de estruturado o questionário e realizada uma aplicação piloto em conjunto com os parceiros do Sesc Santo Amaro, as equipes técnicas do Instituto Pólis e do Sesc Santo Amaro promoveram a escolha e a preparação de agentes culturais locais – os pesquisadores que iriam a campo realizar a primeira etapa do mapeamento.

A escolha dos agentes culturais obedeceu aos seguintes critérios: jovens que morassem na Zona Sul ou adjacências, que estivessem envolvidos nas dinâmicas culturais locais, ou seja, fossem de algum ou participassem da rede como produtores culturais ou articuladores locais e fossem estudantes de alguma das áreas de conhecimento relacionadas com o mapeamento. Houve também uma preocupação com relação à equidade de gênero e etnia.

Os jovens foram selecionados na rede de contatos do Sesc Santo Amaro. A equipe era tão diversa quanto à proposta do mapeamento – seus integrantes vinham das áreas

de educação física, ciências sociais, rádio e TV, gestão ambiental, geografia, arquitetura, artes cênicas, pedagogia, jornalismo – propiciando trocas entre áreas de conhecimentos de riqueza inquestionável.

A preparação dos agentes culturais para irem a campo foi um processo intenso e durou cinco semanas. Foram trabalhados conteúdos teóricos / conceituais referentes ao que foi tratado na etapa de construção do questionário; contato com conteúdos do questionário; história do urbanismo; cartografia; panorama das políticas públicas de cultura, entre outros.

A equipe também passou por exercícios práticos e conceituais, como sociodramas para exercitar as técnicas de entrevistas, aumentar seu domínio sobre os conteúdos e avaliar situações inusitadas ou adversas que poderia enfrentar nas entrevistas.

Imersão de campo foi um dos momentos importantes do processo de preparação dos agentes, estimulando-os para perceberem o território e como as dinâmicas artísticas e culturais se relacionam com suas territorialidades. Além disso, a partir de mapas afetivos que cada agente cultural desenvolveu, foi possível discutir suas percepções e relações com os territórios a fim de se criar vínculos e empatias pelo que era desconhecido e inusitado.

Com os agentes culturais preparados para irem a campo, iniciou-se a primeira e mais intensa etapa do trabalho: as entrevistas e a pesquisa de campo.

A importância do território neste mapeamento

O pressuposto de que um mapeamento deveria servir para apresentar a diversidade sociocultural existente no território foi o objetivo central do trabalho de mapeamento das dinâmicas socioculturais[9] da Zona Sul e municípios adjacentes.

9. Entendemos por dinâmicas socioculturais todas as atividades, eventos e práticas artísticas, culturais e de cunho social empreendidas por diferentes grupos. A ideia de dinâmica remete ao modo como estas ações socioculturais não possuem uma forma fixa, mas estão em constante transformação e na assimilação e ou junção com novas ações.

Elemento fundamental com relação a este mapeamento é o território, elemento transversal as expressões mapeadas. Onde mapear e os limites espaciais desse mapeamento são as primeiras questões que surgem, concomitantes a outras relativas ao conteúdo do mapeamento e, principalmente, quem está interessado em mapear.

No caso do território, há que se levar em conta que, assim como o próprio processo de mapeamento, ele não pode ser definido de forma rígida. Em uma região metropolitana como a de São Paulo, as definições dos limites entre onde começa um território e onde acaba ou inicia o outro são quase sempre bastante imprecisas. Apesar das determinações político-administrativas, os territórios também são construídos culturalmente pelos atores sociais. A área de atuação de uma atividade sociocultural não é limitada pelas fronteiras político-administrativas do município, pois as dinâmicas socioculturais constroem territorialidades particulares.

Neste sentido, definir o que está dentro do espaço mapeado e o que está fora é sempre complexo, ainda mais quando olhamos para as fronteiras da área mapeada. Neste mapeamento, o território escolhido foi a Zona Sul da Região Metropolitana de São Paulo e sua delimitação foi feita em função de o proponente do mapeamento, o Sesc Santo Amaro, situar-se nessa região. Definiu-se, então, que o território a ser mapeado seria formado pelos bairros e distritos da cidade de São Paulo e de outros municípios que fossem adjacentes aos distritos delimitados para a pesquisa.

As etapas do mapeamento:

Quando se fala em um mapeamento, costuma-se remeter a um levantamento estatístico. Este mapeamento, entretanto, não se configura assim, embora realize algumas contagens de

cunho estatístico. Não se baseia em uma amostragem estatística das práticas culturais da Região Sul da Grande São Paulo, mas sim numa amostra do que foi possível e interessante levantar a partir de critérios pré-definidos. Nesse tipo de amostra, denominado amostra intencional, os critérios qualitativos são privilegiados em detrimento do numérico (PATTON, 1990). Desse modo, os dados aqui apresentados referem-se exclusivamente à amostra constituída para o mapeamento, não podendo ser generalizada para todo o território, nem para outros protagonistas de dinâmicas socioculturais de São Paulo.

Determinado o território, o conteúdo e a amostra, concebemos este mapeamento como um processo que envolve cinco etapas:

Descobrir
Conhecer
Organizar
Classificar
Desvelar

O descobrir consiste em tentar levantar o maior número possível de grupos, entidades e indivíduos que possam realizar ou ter alguma relação com as atividades que serão mapeadas. Nessa etapa, tenta-se encontrar tudo que possa dizer respeito à temática do mapeamento, ainda que, mais tarde, uma boa parte não seja incluída. Para este mapeamento, foram levantadas cerca de 1.500 dinâmicas, que nos permitiram chegar as 323 que efetivamente foram incluídas por se adequarem aos critérios de atuação estabelecidos pelo projeto Santo Amaro em Rede. Para chegarmos a elas, recorremos às listas de contatos de instituições disponíveis em sites, fizemos contatos pessoais ou telefônicos com subprefeituras, fóruns, redes, associações, coletivos, movimentos culturais, projetos de fomento etc.

A indicação dos próprios mapeados de outros protagonistas que poderiam constar no mapeamento potencializou a descoberta de novas dinâmicas e permitiu uma percepção

do quanto os grupos estavam articulados em rede e do peso do território nessa articulação, pois, em geral, as indicações restringiam-se às atividades realizadas no mesmo distrito em que atuavam. Essa técnica de entrada em campo e descoberta de outros sujeitos a serem pesquisados é denominada "bola de neve" (BIERNARCKI & WALDORF, 1981).

Essa etapa de descoberta continuou a ocorrer concomitante às outras etapas do trabalho de mapeamento – descobrimos novas dinâmicas socioculturais até os últimos momentos do trabalho –, em que realizamos o processo de conhecer efetivamente os protagonistas das atividades. Para isso, os mapeados respondiam um questionário sobre a situação das atividades que realizavam, o histórico do grupo, o que pensavam da região onde moravam, o público atendido, as dificuldades, as perspectivas etc. O objetivo dessa etapa de conhecer efetivamente os grupos e indivíduos era estabelecer um primeiro contato, configurando o mapeamento como um processo que não se situa apenas de forma distante, mas que também busca estabelecer algum tipo de diálogo com os mesmos. A aproximação permitiu um duplo movimento importante: contar-lhes sobre o projeto e o ouvi-los. Com isso, o mapeamento pode acertar seu rumo e conseguir os elementos com os quais os mapeados pudessem se identificar.

As entrevistas e o contato com os protagonistas das dinâmicas socioculturais eram socializados em reuniões semanais. Além do registro desse momento tão rico da pesquisa, essas reuniões desencadearam processos constantes de atualização das metodologias e dos conteúdos do mapeamento por meio de profícuas discussões e reflexões.

Como organizar a pesquisa que possibilite a construção do mapeamento é um procedimento que deve ser pensado antes de se iniciar o levantamento. Contudo, a definição final sobre a melhor forma de organizar a informação que vem do campo só pode ser definida no decorrer do processo de mapeamento. Inicialmente, definimos que haveria um banco de dados no qual os pesquisadores iriam registrar as informações colhidas por meio

do questionário e aspectos da pesquisa de campo. Esse banco de dados, posteriormente, configurou-se como uma ferramenta importante tanto para a classificação, quanto para a constituição do mapa sociocultural revelado pela pesquisa. Além disso, organizamos listas de mapeados, conforme o tipo de atividade que realizavam, que eram divididas entre os pesquisadores e atualizadas de acordo com as entrevistas realizadas e as novas dinâmicas a serem mapeadas que iam sendo descobertas.

Decorrência direta da organização dos dados do mapeamento, a classificação constitui o momento em que se busca atribuir uma segunda ordem aos dados levantados. Esta é a etapa inicial da interpretação dos dados. Uma classificação só pode ser definida efetivamente depois de os dados serem levantados e organizados, embora algumas diretrizes iniciais e parciais de classificação sejam necessárias para nortear o mapeamento em seu princípio.

Por fim, chega-se ao momento de desvelar o mapa que foi constituído pela pesquisa. Este desvelar consiste em tornar público não apenas os resultados da pesquisa, mas também o conjunto de mapeados em suas especificidades e no que há de comum entre eles. Os meios escolhidos para publicizar o mapeamento foram dois: uma publicação e uma interface gráfica, denominada hipermídia, a qual foi traduzida em um site. Destes, o de maior destaque e com maiores potencialidades é o site, que tem como intuito apresentar os mapeados, situando-os no local onde desenvolvem suas atividades, isto é, o território (ver *Por que Site - hipermídia*).

As dinâmicas socioculturais

Nesta pesquisa, definiu-se realizar um mapeamento de grupos, entidades, instituições e indivíduos da Região Sul de São Paulo e municípios adjacentes que desenvolvessem seus

trabalhos em torno das seguintes temáticas: educação formal, educação não formal, esporte, lazer, saúde do corpo e da mente, gênero, etnias, meio ambiente, linguagens artísticas, cultura alimentar, cultura de paz/direitos humanos, juventude, terceira idade, culturas tradicionais e populares, memória e história local, comunicação e mídia.

Os protagonistas foram organizados de acordo com uma única temática, que constituiria sua área de atuação principal ou prioritária, mas poderiam indicar mais de uma opção de áreas de atuação transversal ou secundários. Assim, conseguiu-se estabelecer uma classificação principal para as dinâmicas, que permitiu não apenas um critério preciso de busca, como também de organização, contagem e análise. Contudo, garantiu-se também que as outras áreas de atuação transversais ou secundárias dos protagonistas das dinâmicas pudessem ser captadas e registradas pelo mapeamento. Uma roda de samba que trabalhe com o resgate de músicas tradicionais desse gênero musical, por exemplo, além de classificada em sua área de atuação principal como linguagens artísticas / música, poderá também indicar Memória como área de atuação secundária. Da mesma forma, uma entidade de educação não formal que trabalhe com linguagens artísticas e esportes em seu cotidiano, terá educação não formal como sua área de atuação principal ou definidora, e linguagens artísticas e esporte como suas áreas de atuação não prioritárias, transversais ou secundárias.

A partir desses critérios temáticos para o mapeamento é que foram elaborados os parâmetros para a classificação final das dinâmicas socioculturais no mapeamento, no banco de dados e no site, apresentados anteriormente: linguagens artísticas, educação não formal, educação formal, esporte, lazer, meio ambiente, tradição e terceira idade.

Contudo, três destas áreas de atuação principal foram ramificadas em áreas específicas e complementares. Linguagens artísticas inclui atuação principal em dança, música, teatro, literatura, artes visuais, audiovisual, artesanato, capoeira, moda, circo e comunicação e mídia. Educação não formal inclui arte e cultura, cultura alimentar, saúde da mente e do corpo,

juventude, gênero, cultura de paz e direitos humanos, esporte e lazer e meio ambiente. Por fim, tradição inclui: culturas populares, culturas tradicionais, culturas indígenas, cultura afro, memória e história local.

O desenho final da classificação dos mapeados para a análise dos dados e para a localização e busca no banco de dados e no site configurou-se assim:

Áreas de atuação principal	Áreas de atuação secundária
Linguagens Artísticas	**Linguagens Artísticas**
Dança	Dança
Música	Música
Teatro	Teatro
Literatura	Literatura
Artes Visuais	Artes Visuais
Audiovisuais	Audiovisuais
Capoeira	Capoeira
Moda	Moda
Circo	Circo
Comunicação e Mídia	Comunicação e Mídia

Educação Não Formal	Educação Não Formal
Arte e cultura	Arte e cultura
Cultura alimentar	Cultura alimentar
Saúde da mente e do corpo	Saúde da mente e do corpo
Juventude	Juventude
Gênero	Gênero
Cultura de paz e direitos humanos	Cultura de paz e direitos humanos
Esporte e lazer	Esporte e lazer
Meio ambiente	Meio ambiente
Tradição	**Tradição**
Culturas populares	Culturas populares
Culturas tradicionais	Culturas tradicionais
Culturas indígenas	Culturas indígenas
Cultura afro	Cultura afro
Memória e história local	Memória e história local
Educação Formal	**Educação Formal**
Esporte e Lazer	**Esporte e Lazer**
Meio Ambiente	**Meio Ambiente**
Terceira Idade	**Terceira Idade**

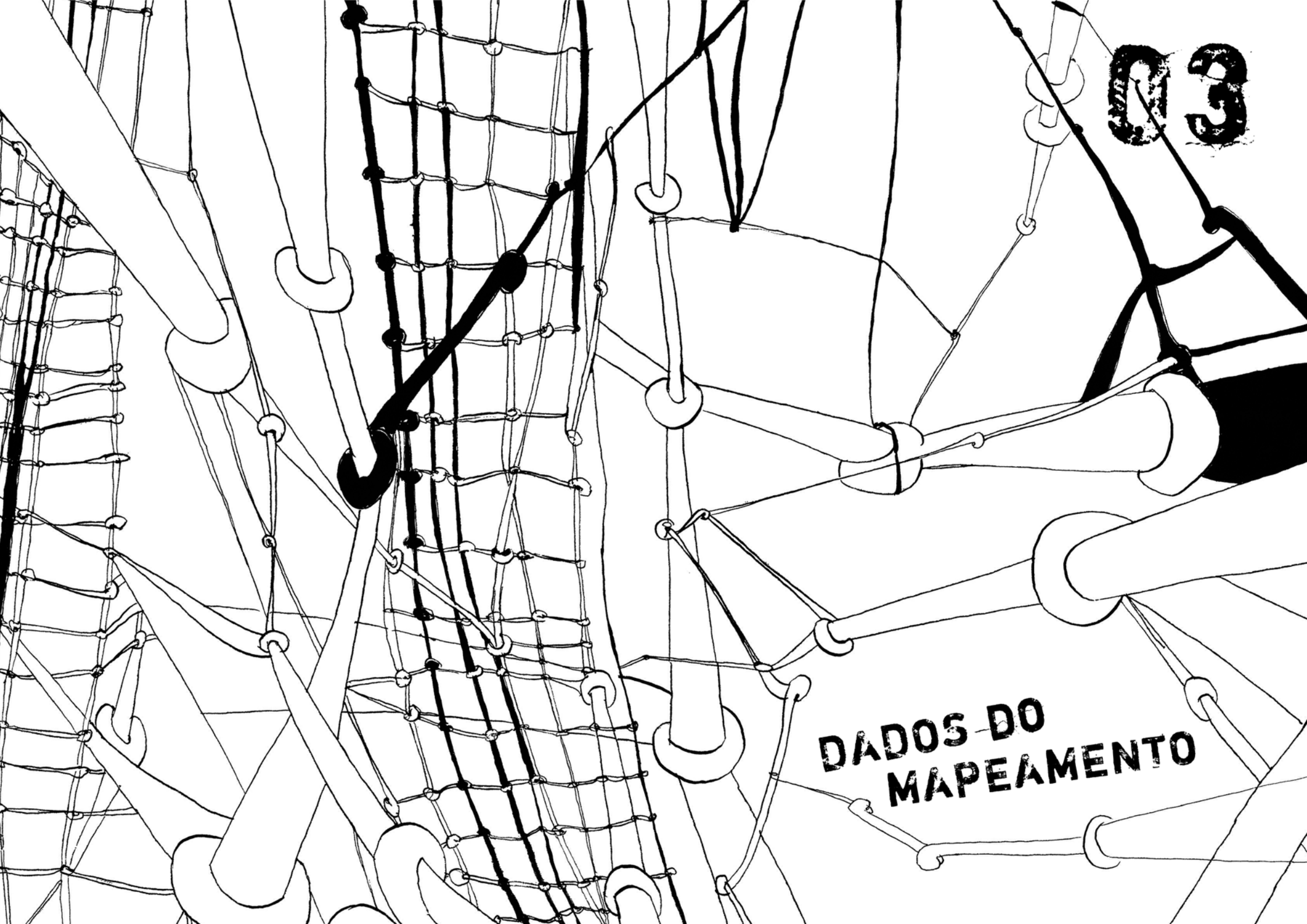
Outros eixos norteadores

Além das temáticas, outros importantes eixos norteadores do mapeamento foram a inserção no território; o protagonismo na articulação de redes; a diversidade de atividades. Com relação à inserção no território, levou-se em consideração que todos os mapeados deveriam estabelecer relação com a localidade. Ainda que alguns mapeados não morassem na região, suas atividades deveriam reverberar na área mapeada, com considerável impacto na localidade, ou serem fomentadoras do desenvolvimento local.

Quanto ao protagonismo na articulação de redes, privilegiaram-se os grupos, indivíduos, instituições e entidades que estabelecessem o maior número de conexões com outros articuladores locais, para que pudessem não apenas indicar outros possíveis integrantes do mapeamento, mas também por serem atores importantes no fortalecimento dos elos mais frágeis da rede social local. Assim, se um determinado indivíduo ou grupo que atua em uma das temáticas mapeadas não foi mapeado em um primeiro momento, ele estaria representado pelo articulador da rede da qual ele faz parte.

Ao privilegiar o protagonismo na articulação de redes como critério importante para o mapeamento, buscou-se garantir que o maior número possível de atores locais estivesse representado, direta ou indiretamente, no mapeamento. Essa escolha fez com que o mapeamento se voltasse mais para grupos, coletivos, instituições e entidades e menos para iniciativas individuais. Dos 323 mapeados, apenas 33 são de indivíduos que não fazem parte diretamente de um grupo, enquanto os demais 290 são agrupamentos.

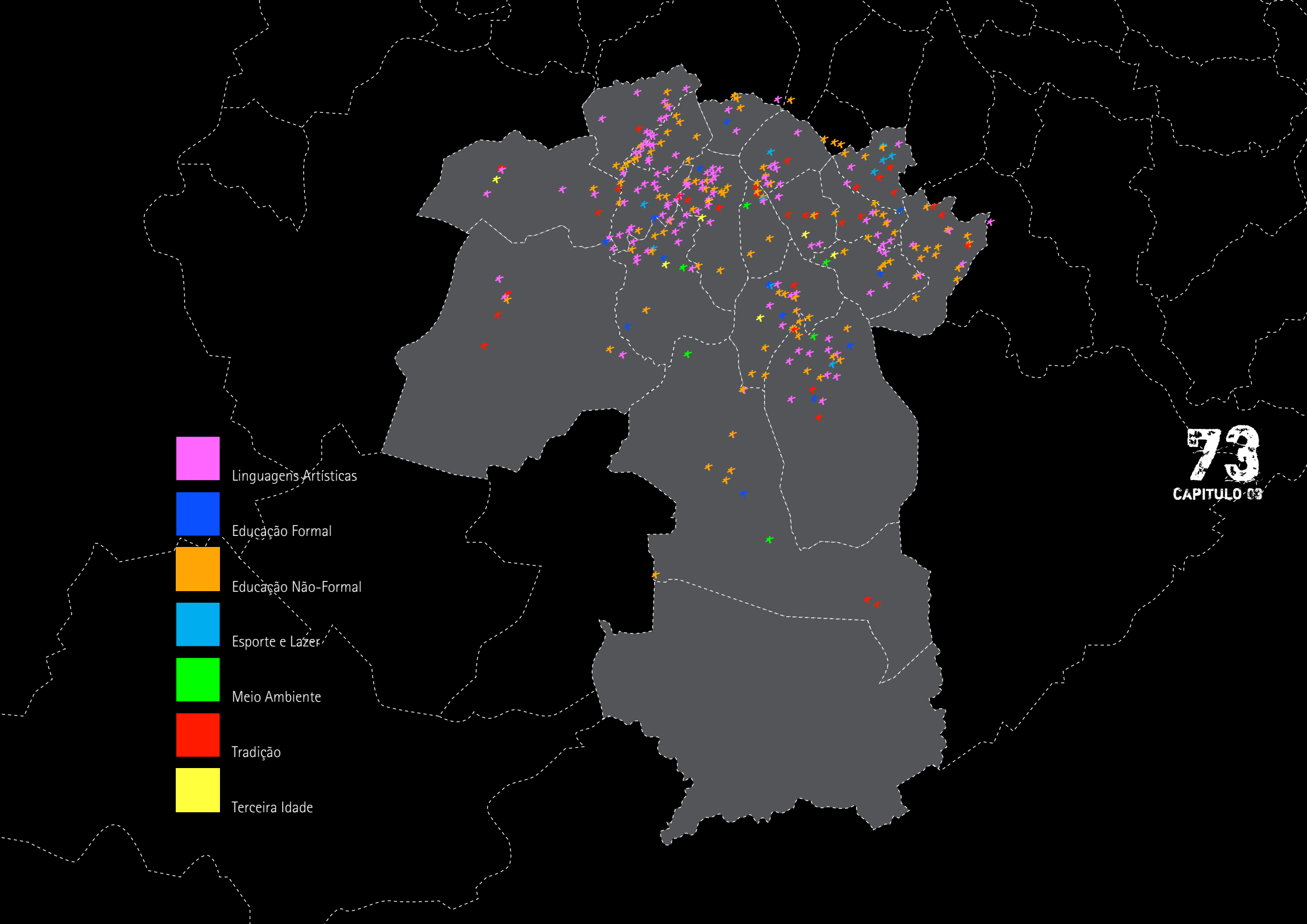
Por fim, outro critério importante na definição do que mapear foi a diversidade de dinâmicas. Dessa maneira, ainda que não faça parte de nenhuma rede ou fórum, um repentista, um cordelista ou um grafiteiro, por exemplo, que não necessariamente articulam-se mais ativamente em alguma rede social local, foram priorizados no mapeamento a fim de garantir uma grande variedade e diversidade de práticas.


03
DADOS DO
MAPEAMENTO

OS TERRITÓRIOS MAPEADOS

O território que constitui a área de abrangência do mapeamento e as dinâmicas culturais protagonizadas pelos grupos foram formados pelos distritos e municípios da Grande São Paulo e distribuídos da seguinte forma:

	Distritos e Municípios	Grupos	%
1.	Campo Belo	5	1,72
2.	Campo Grande	5	1,72
3.	Campo Limpo	31	10,69
4.	Capão Redondo	16	5,52
5.	Cidade Ademar	17	5,86
6.	Cidade Dutra	8	2,76
7.	Diadema	19	6,55
8.	Embu das Artes	6	2,07
9.	Grajaú	29	10
10.	Itapecerica da Serra	11	3,79
11.	Jabaquara	17	5,86
12.	Jardim Ângela	21	7,24
13.	Jardim São Luís	30	10,34
14.	Parelheiros	11	3,79
15.	Pedreira	8	2,76
16.	Santo Amaro	24	8,28
17.	Capela do Socorro	14	14,83
18.	Taboão da Serra	12	4,14
19.	Vila Andrade	6	2,07


Linguagens Artísticas
Educação Formal
Educação Não-Formal
Esporte e Lazer
Meio Ambiente
Tradição
Terceira Idade

Os territórios mapeados nesta pesquisa foram previamente determinados na etapa de elaboração do questionário, pois foi elemento transversal à eleição das expressões a serem pesquisadas. Das 19 regiões eleitas para serem mapeadas, quase todas se situam na região periférica da Zona Sul. O recorte se deu pela riqueza que essas territorialidades produzem em termos artísticos e culturais, fora da lógica da indústria cultural e da produção hegemônica. Essas regiões também representam um exemplo valioso da diversidade cultural da cidade de São Paulo, além de evidenciar e desvelar novos artistas e produções culturais para o grande público.

Não se trata aqui de dar visibilidade para a rotulada "cultura de periferia", pois as grandes mídias já se encarregam disso, mas sim apresentar um panorama das produções locais e a valorosa contribuição que esses movimentos culturais estão dando para a construção da identidade de culturas urbanas e da cidade de São Paulo.

O(s) território(s) é elemento fundamental deste mapeamento, pois é suporte de materialização da pesquisa. Pelas territorialidades foi possível espacializar as expressões, dando uma visualização qualificada de onde se encontram as dinâmicas mapeadas. Algumas, só se concretizam em determinadas territorialidades, como as aldeias indígenas em Parelheiros, cuja pré-condição de resistência está em seu território, uma área de proteção ambiental (APA) com demarcações de terra indígena. Entretanto, o mesmo território que privilegia as expressões indígenas padece da presença de outros grupos culturais, devido à distância e dificuldade de mobilidade.

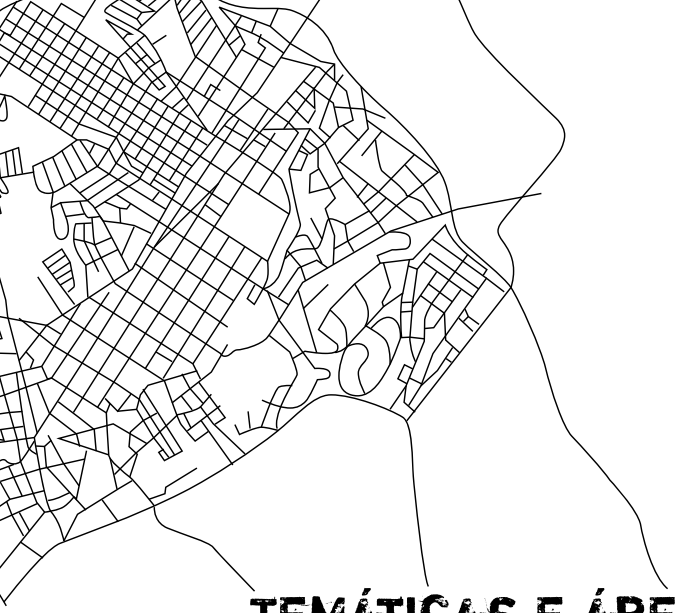
Não se pode afirmar que a falta de mobilidade seja a causa de maior ou menor efervescência cultural. Muitos outros fatores que compõem a complexa construção das territorialidades promovem, ou não, o desenvolvimento cultural local. O que os dados da pesquisa apreenderam foram grandes concentrações de expressões em algumas regiões e ausência em outras. Podemos apontar, em linhas gerais, que as regiões mais servidas

de transporte público e infraestrutura urbana têm uma presença maior de movimentos culturais. Além dos aspectos físicos, podemos ressaltar que regiões como Jardim São Luís, Jardim Ângela, Campo Limpo, Grajaú etc. tiveram historicamente a presença muito forte dos movimentos sociais e sindicais, sobretudo movimentos de moradia, os quais foram um estímulo ao protagonismo e às ações jovens nesses territórios. A presença das ONGs também contribui para diversidade de dinâmicas visualizadas.

Embora o mapa apresente as dinâmicas distribuídas nas localidades mapeadas que, aparentemente, são estáticas, é interessante observar que absolutamente nada é estático, tudo circula e circunda as territorialidades. Todos estão em todos os lugares, em um processo constante de territorialização, desterritorialização e reterritorialização[1], onde o território é moldado, configurado e reconfigurado infinitamente. Territórios nômades com dinâmicas igualmente nômades.

Esta dicotomia está mais evidente nas regiões periféricas tratadas no mapeamento, ficando clara uma organicidade maior das dinâmicas na periferia da Zona Sul, em contraste com as regiões do entorno imediato de Santo Amaro, em que o mapeamento foi mais rarefeito em quantidade e diversidade de linguagens.

1. Gilles Deleuze e Félix Gattari. Mil Platôs. Editora 34. 2002.



TEMÁTICAS E ÁREAS DE ATUAÇÃO

O mapeamento das dinâmicas socioculturais realizado pelo projeto Santo Amaro em Rede levantou 323 dinâmicas socioculturais. Destas, 290 eram protagonizadas por grupos – coletivos, entidades, instituições etc. – e 33 por indivíduos (tabela 31)[2]. Quanto às áreas principais de atuação de todos os mapeados, a maior parte foram de linguagens artísticas com 135 mapeados (41,80%); educação não formal com 117 (6,22%); tradição com 33 (10,22%); educação formal, compreendendo os Centros de Educação Unificados (CEUs) do território, com 14 (4,33%); esporte, 8 (2,48%); meio ambiente, 7 (2,17%); terceira idade, 6 (1,86%); e lazer, 3 (0,92%)[3] .

2. Tabelas em anexo.

3. Conforme Tabela 1.

Os dados revelam que dinâmicas articuladas em torno das linguagens artísticas e da educação não formal constituíram o principal componente do mapeamento. Contudo, esta seria uma leitura apressada da relevância das temáticas para os protagonistas da Zona Sul. Antes, é preciso ler os dados separados dos grupos e indivíduos e, principalmente, analisar as áreas complementares de atuação.

Quando olhamos para os 33 indivíduos mapeados, a presença das linguagens artísticas é ainda mais evidente, pois 30 deles (90,91%) indicaram essa temática como sua área de atuação principal. Dos restantes, dois atuam em educação não formal e um em tradição. Contudo, deve-se considerar que os dois de educação não formal tinham arte e cultura como área de atuação complementar e o que indicou tradição mantinha um diálogo direto com as linguagens artísticas, trabalhando com a temática da cultura popular de forma complementar. Desse modo, conclui-se que as linguagens artísticas constituem elemento importante para os indivíduos protagonistas de dinâmicas socioculturais no território mapeado.

Dos 30 indivíduos ligados às linguagens artísticas, 12 deles, ou 36%, trabalham com artes visuais, campo das artes plásticas que compreende expressões, do grafite à xilogravura. Dez indivíduos (30%) apontaram a literatura como sua área de atuação principal; cinco (15%) indicaram a música. Dança, artesanato e moda foram indicados por um indivíduo cada (3%)[4].

4. Conforme Tabela 32, questões de múltiplas escolha.

Já com relação aos grupos, a educação não formal configura o maior número, com 115 mapeados, ou 39,66%. Logo a seguir, temos as linguagens artísticas, com 105 mapeados (36,21%). As dinâmicas ligadas à tradição somam 32 grupos (11,03%). Os 14 CEUs foram classificados como espaços de educação formal (4,83% dos mapeados). As dinâmicas articuladas às temáticas de esporte, lazer, meio ambiente e terceira idade somaram 24 grupos, ou 8,27% do total. Destes, 8 eram de esporte (2,76%); 7 eram de meio ambiente (2,41%); 6, de terceira idade (2,07%) e apenas 3 indicaram o lazer como sua área de atuação principal (1,03%)[5].

5. Conforme Tabela 2.

Os dados referentes às áreas de atuação específica, complementar à atuação principal, revelaram, no entanto, que apesar do maior número de grupos ligados à educação não formal, a arte e a cultura, portanto as linguagens artísticas são um elemento importante para esses grupos, bem como para os demais. Têm-se, por exemplo, 89 grupos de educação não

formal, ou 77%, que apresentam como foco de sua ação a área de arte e a cultura, o que se realiza por meio de oficinas e práticas de sensibilização artísticas, pela mobilização política e pela difusão de arte e cultura. Os outros grupos de educação não formal estão divididos em cultura de paz e direitos humanos com 13 grupos ou 11% do total dos grupos dessa temática; 8 de esporte e lazer (7%); 3 de saúde da mente do corpo (3%,); e 2 de questões de gênero (2%)[6].

6. Conforme Tabela 4.

Dentro dos grupos de linguagens artísticas, compreendendo principalmente os grupos artísticos, propriamente ditos, as áreas de atuação principal específica dividiram-se em música, com 46 grupos, ou 44% dos grupos dessa temática; teatro com 19 (18%); audiovisual com 12 (11%); literatura, 8 (8%); dança, 6 (6%); artes visuais, 5 (5%); comunicação e mídia, 5 (5%); circo, 3 (3%); e capoeira, 1 (1%). Portanto, os dados revelam que quase metade dos mapeados da área de linguagens artísticas trabalham com a música. A segunda temática mais indicada, teatro, compreende menos de um quinto dos grupos de linguagens artísticas. Constata-se, também, que apesar da grande visibilidade dos saraus literários na região, os grupos de literatura não chegam a 10% dentro das linguagens artísticas[7]. A presença da literatura revelou-se mais forte entre indivíduos do que entre os grupos, o que se explica pela própria característica individual da produção literária, indicando que esse ainda é um campo a ser explorado socialmente, como elemento mobilizador de grupos.

7. Conforme Tabela 3.

Com relação aos 32 grupos de tradição, a divisão das áreas principais específicas de atuação indica 20 grupos trabalhando com culturas tradicionais, ou 63% do total dos que atuam com essa temática; 4 de culturas afro (13%); 3 de culturas indígenas (9%); 3 de culturas populares (9%), e 2 de memória e história local (6%)[8]. As temáticas de educação formal, esporte, meio ambiente, terceira idade e lazer não continham áreas específicas dentro do campo atuação principal.

8. Conforme Tabela 5.

Quando se atenta para as áreas de atuação secundárias ou transversais é que se percebe a extrema relevância das linguagens artísticas e culturais para as dinâmicas

empreendidas pelos mapeados. As áreas de atuação secundárias foram criadas não apenas para facilitar as classificações e filtragens dos grupos, mas também para que estes pudessem identificar todas as ações que realizam no território. Desse modo, quando nos referimos a essa área de atuação secundária ou transversal, estamos indicando tanto os mapeados que utilizam esta temática como transversal a todas as suas atividades, embora essa não seja a temática que defina o seu trabalho, como também aqueles para quem essa é apenas uma atuação sem tanta relevância, ou seja, secundária.

Ao olharmos para as atuações secundárias dos protagonistas que têm linguagens artísticas e educação não formal como temáticas principais, percebemos a centralidade destes dois eixos temáticos dentro dos grupos mapeados, como o modo da forma como se inter-relacionam.

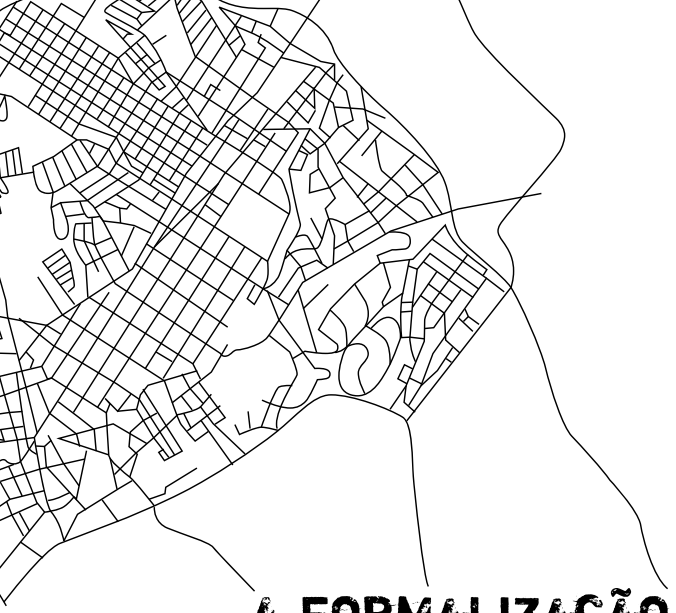
No âmbito dos mapeados de educação não formal, por exemplo, dos 89 grupos (77%) que têm a arte e a cultura como área de atuação específica principal, 83 deles (72,8%), apontaram também as linguagens artísticas como sua área de atuação secundária ou transversal. Claro que este número apenas reforça o primeiro, tendo em vista que aqueles que têm a arte e a cultura como sua área de atuação específica dentro do campo da educação não formal tenderam a apontar as linguagens artísticas como sua área de atuação secundária ou transversal. Ainda dentro da temática educação não formal como classificação principal, o esporte aparece como área de atuação secundária, ou tema transversal, para 39 grupos, ou 34,22% dos protagonistas desta área. O lazer foi indicado como área de atuação secundária por 54 grupos (47,40%) e tradição por 60 grupos (52,6%).

Os dados sobre as áreas de atuação transversais também revelam um dado importante com relação ao meio ambiente e à terceira idade. Embora o mapeamento tenha revelado apenas 7 grupos que tinham como tema principal de sua atuação o meio ambiente, 36 grupos de educação não formal (31,60%) afirmaram trabalhar com essa temática. Os números são

elucidativos de como o meio ambiente, com um apelo pequeno entre os mapeados, começa adquirir espaço, ainda que como tema secundário ou transversal das atividades realizadas. A terceira idade também apresenta esse fenômeno. Embora o mapeamento tenha captado apenas 6 grupos trabalhando com essa temática, existem 42 grupos de educação não formal, ou 36,8% deles, que apresentaram o trabalho com a terceira idade como sua área de atuação transversal ou secundária. Somente um grupo de educação não formal não indicou área de atuação secundária.

Já dentre as linguagens artísticas, 75, ou 71,4% dos grupos apontaram que em sua prática artística a educação não formal é uma atuação secundária ou transversal de suas atividades. Talvez nem todos os grupos de linguagens artísticas trabalhem efetivamente com educação não formal, mas sua indicação como área de atuação secundária revela a ideia de que seu trabalho dialoga com uma proposta nessa área ou, ao menos, tem a pretensão de alcançar essa temática em sua ação. A tradição aparece, assim como em Educação não formal, como um componente forte do diálogo das linguagens artísticas, com 66 grupos de linguagens artísticas, ou 62,9%. O lazer é uma área de atuação secundária para 36 dos grupos desta temática (34,3%); o meio ambiente revela-se com um tema secundário para 17, ou 16,19%, desses grupos, esporte e terceira idade são indicados por 9 grupos de linguagens artísticas, ou 8,57% destes. Dos protagonistas das linguagens artísticas, 11, ou 10,5% dos grupos não indicaram área de atuação secundária ou transversal de seus trabalhos[9].

9. Conforme Tabela 44.



A FORMALIZAÇÃO DOS GRUPOS

Além das questões relativas à dinâmica sociocultural propriamente dita, o mapeamento também investigou outras questões relativas ao território e as práticas dos protagonistas. O tipo de formalização do grupo foi uma delas. Constatou-se que as associações, as instituições públicas, os coletivos e as organizações do terceiro setor foram os principais tipos de formalização relatados pelos mapeados, totalizando 98,28% dos grupos levantados. Os coletivos e grupos apareceram em primeiro lugar, com 96 mapeados, ou 33,10% do total. Em segundo lugar, ficaram as instituições do terceiro setor. Com 65 registros (22,41%), seguidas pelas associações – de bairro ou de moradores – pelas instituições públicas, cada uma com 62 ocorrências (21,38%). Os outros 5 mapeados (1,72%) dividiram-se em instituições privadas, empresas, fundações, cooperativas[10].

10. Conforme Tabela 10.

O PÚBLICO DAS DINÂMICAS SOCIOCULTURAIS

O público prioritário das atividades dos mapeados também foi registrado em pergunta de múltipla escolha. Quanto à faixa etária, 73,10% dos entrevistados, ou 212 em um universo de 290 grupos, responderam que os jovens e os adolescentes eram seu público prioritário; as crianças vieram em segundo lugar, com 191 indicações (65,86% dos grupos); os adultos, em terceiro, com 182 respostas (62,76%), e a terceira idade, por último, com 141, ou 48,62% dos grupos. Entre os 33 indivíduos mapeados, 31, ou 93,94%, apontaram os jovens e adultos como seu público prioritário; 27 (81,82%) indicaram os adolescentes; as crianças tiveram 21 respostas (60,61%); e a terceira idade, 18 (54,55%).

É marcante que as produções artísticas e atividades socioculturais mapeadas têm a figura do jovem como seu principal público. O fato das crianças virem em segundo lugar entre os grupos e em penúltimo lugar entre os indivíduos ressalta a importância do trabalho das instituições de educação não formal para essa faixa etária. Isso talvez explique o pequeno

número dos que apontem a terceira idade como sua área de atuação principal – apenas 6 grupos, ou 1,86%[11].

Os grupos responderam sobre os critérios de participação do público em suas atividades: 131, ou 45,17% deles, não adotam nenhum critério. Entre os que adotam, 100 grupos (34,48%) apontaram a faixa etária; 69 indicaram a ordem de chegada ou de cadastro (23,79%); 51, a frequência à escola (17,59%); 33, o grau de risco pessoal e social; 27, a renda familiar (9,31%); 22, o fato de morar próximo às atividades (7,59%); 8, a composição e caracterização familiar (2,76%); 7 levam em consideração o público a ser atendido já desenvolver atividades artísticas (2,41%), e 6 adotam o convite como critério (2,07%).[12].

11. Conforme Tabelas 11 e 35, questões de múltiplas escolha.

12. Conforme Tabela 12, questões de múltiplas escolha.

AS ARTICULAÇÕES EM REDES E FÓRUNS

Perguntados sobre a participação em redes e fóruns ou sobre a articulação com outras entidades, os grupos responderam da seguinte maneira: 168, ou 57,93%, disseram participar de algum tipo de rede ou fórum e 122, ou 42,07%, disseram não participar. Já entre os indivíduos, 23, ou 69,70%, disseram se articular com entidades e 10, ou 30,30%, afirmaram não manter articulações[13].

13. Conforme Tabelas 14 e 37.

Os mapeados foram indagados sobre quais tipos de entidades eles costumavam se relacionar. Em outra opção de múltipla escolha, as escolas constituíram a principal entidade com a qual os grupos se relacionam ou buscam se relacionar, com 207 respostas, ou 71,38%. Em segundo lugar, apareceu a família, com 197, ou 67,93%. As ONGs e o poder público tiveram respectivamente 180, ou 62,07%, e 177, ou 61,03% das respostas. Os grupos da comunidade representaram 159, ou 54,83%, e as lideranças da comunidade, 118, ou 40,69%. Em seguida, apareceram as entidades religiosas e o SESC e Senac (2,07%) com,

respectivamente 88 (30,34%) e 95, ou 32,76%[14]. Esses dados nos levam a refletir sobre a importância das escolas, principalmente no que se refere às crianças, jovens e adolescentes, como parceiras de ações socioculturais e como base para a divulgação, mobilização e articulação dessas faixas etárias.

14. Conforme Tabela 13, questões de múltiplas escolha.

FONTES DE RECURSOS

As principais fontes de recursos para a realização das atividades dos grupos e indivíduos também pauta das entrevistas com os mapeados, indicaram uma grande diversidade de fontes. A maioria dos grupos, 168, ou 57,9% deles, utiliza recursos próprios, incluindo nessa categoria recursos obtidos em premiações. As doações de pessoas físicas e jurídicas são outra importante fonte de recursos, indicadas por 103 grupos, ou 35,5%. Já beneficiados por recursos públicos diretos – aqui entendidos como aqueles recebidos por equipamentos públicos municipais e estaduais – são em número de 62, ou 35,5%. Os convênios e as ONGs são fontes de recursos financeiros para 67 grupos (23,1%) e agências de cooperação nacionais e internacionais para 33 (11,39%).

Outra importante fonte de recursos apontada, principalmente pelos coletivos de artes, foi o VAI – Valorização de Iniciativas Culturais da Cidade de São Paulo, indicado por 32 deles, ou 11%. As leis de Incentivo Fiscal representam 17, ou 5,9% dos grupos, os editais públicos

federais, onde se incluem os Pontos de Cultura, são 13, ou 4,5%, os editais privados, 7 ou 2,4%, os editais públicos estaduais, 6, ou 2,1%, e, em último lugar, como fonte de recursos, as leis de fomento cultural com 4, ou 1,4%.

PRINCIPAIS DIFICULDADES

As dificuldades relatadas pelos grupos foram muitas, sendo as principais a escassez de recursos financeiros, com 259 indicações, ou 89,31%, e de recursos materiais, com 210, ou 72,41%. Os problemas com os recursos humanos apareceram em 168 respostas, ou 57,93%. A dificuldade de diálogo com os financiadores foi apontada em 154 respostas, ou 53,10%. O espaço para desenvolver as atividades é um problema para 144 grupos, ou 49,66% das respostas. As deficiências na formação do quadro técnico dos grupos foram apontadas por 132, ou 45,52%. As necessidades de reforma do prédio foram indicadas por 129, ou 44,48%. Os problemas para divulgar as atividades para um público mais amplo representaram 124, ou 42,76% das respostas e falta de espaços para divulgar a própria atividade realizada representa uma dificuldade para 120, ou 41,38%, dos grupos mapeados. A necessidade de vagas, a falta de equipamentos e serviços urbanos e o reconhecimento da produção apareceram nas respostas de 113 (38,97%), 97 (33,45%) e 96 (33,10%), respectivamente.

Por último, a falta de infraestrutura urbana, a dificuldade de acesso à informação e a discriminação e o preconceito foram apontados como problemas por 82 (28,28%), 69 (23,79%) e 65 (22,41%)[15].

Entre os indivíduos, a escassez de recursos financeiros e materiais foram a principal dificuldade para 28 (84,85%) e 20 (60,61%) deles, respectivamente. Em seguida, veio a falta de diálogo com os financiadores teve 13 indicações (39,39%) e a falta de espaço para divulgação, 11 (33,33%). A falta de espaços para desenvolver as atividades foi apontada por 7 (21,21%) e o pouco acesso à informação por 6 (18,18%). A falta de reconhecimento; a discriminação e o preconceito foram indicados por 3 indivíduos (9,09%)[16].

15. Conforme Tabela 16, questões de múltiplas escolha.

16. Conforme Tabela 39, questões de múltiplas escolha.

DIVULGAÇÃO DOS TRABALHOS

Os mapeados indicaram seus principais modos de divulgação, os locais de divulgação e os meios de comunicação que possuem. Em relação aos modos de divulgação, a maioria dos grupos, 259 ou 89,31%, apontou o boca a boca. A internet foi outro meio de comunicação que apareceu como importante para a divulgação do trabalho dos grupos para 231 grupos, ou 79,66%. As próprias apresentações das atividades realizadas foram indicadas como um modo de divulgação por 158 grupos, ou 54,58%. As articulações com as outras entidades foram apontadas por 133, ou 45,86%. Outros 131, ou 45,17%, dizem se utilizar de jornais e revistas. As articulações com outros grupos e com outras práticas foram apontadas por 111 (38,28%) e 65 (22,41%). As rádios comunitárias são um recurso de divulgação para apenas 19 grupos, ou 6,55%[17].

Entre os indivíduos, o boca a boca e a internet também apareceram como modos importantes de divulgação dos trabalhos, correspondendo, respectivamente, a 30, ou 90,91%, e a 29, ou 87,88%. Em seguida, indicaram suas próprias apresentações e as relações com

17. Conforme Tabela 17, questões de múltiplas escolha.

outros indivíduos ou grupos como meios de divulgação utilizados, com 21, ou 63,64%, e 20, ou 60,61%. Os jornais e revistas tiveram 15 respostas, ou 45,45% e a relação com outras entidades, 12, ou 36,36%. As outras práticas realizadas e as rádios comunitárias foram as respostas dadas por 9, ou 27,27%, e 3, ou 9,09%, dos indivíduos[18].

Sobre os modos de divulgação do trabalho dos grupos e indivíduos é interessante ressaltar como aspectos das relações locais, como o boca a boca ou a configuração de redes, relacionam-se com elementos mais globais de divulgação, como a internet e jornais e revistas. Há uma preponderância tanto do boca a boca, ou seja, da divulgação local feita entre a população a partir da reverberação dos resultados dos trabalhos, quanto da internet como meio de articulação mais geral e mais amplo. De certa maneira, os protagonistas do território mapeado já começam a articular, ao menos com relação aos modos de divulgação utilizados, elementos de caráter "glocal".

Essa articulação entre mecanismos locais e globais de divulgação dos trabalhos realizados revela-se também em outra questão feita a grupos e indivíduos quanto aos lugares em que costumam divulgar suas atividades, ainda que os dados abaixo apontados denotem ainda uma maior concentração na divulgação local. Entre os grupos, 161, ou 55,52%, divulgam seus trabalhos na própria região de atuação. Contudo, 127, ou 43,79%, afirmam divulgar em outros bairros; 125, ou 43,10%, em todo o município; 71, ou 24,48%, em outros municípios; 36, ou 12,41%, em outros Estados e 27, ou 9,31%, em outros países[19]. Já entre os indivíduos, todo o município é local de divulgação para 21 deles, ou 63,64%. A própria região de atuação e os outros bairros foram apontados por 18, ou 54,55%; outros municípios e outros Estados apareceram, respectivamente, para 12, ou 36,36%, e 10, ou 30,30%; apenas 3, ou 9,09%, realizam algum tipo de divulgação em outros países[20].

Os grupos ainda foram indagados sobre se possuíam meios de comunicação próprios ou não. Houve 263 respostas (90,69%) indicando algum tipo de meio de comunicação próprio, seja ele o telefone ou algum site na internet[21].

18. Conforme Tabela 40, questões de múltiplas escolha.

19. Conforme Tabela 18, questões de múltiplas escolha.

20. Conforme Tabela 41, questões de múltiplas escolha.

21. Conforme Tabela 19.

PERCEPÇÕES

Além do levantamento de dinâmicas culturais, o projeto Santo Amaro em Rede também buscou entender o que as pessoas entrevistadas pensavam sobre alguns temas importantes para a região onde moram e para a cidade. Os temas abordados foram arte, cultura, violência, discriminação, desemprego, meio ambiente, direitos humanos e cultura de paz. Para isso, mais do que um questionário aberto aplicado aos entrevistados, o processo de mapeamento estabeleceu um contato mais prolongado com os sujeitos da pesquisa, promovendo um diálogo efetivo com os protagonistas de atividades socioculturais, que falaram sobre os temas investigados a partir de suas vivências no território mapeado e das experiências adquiridas nas atividades que desenvolvem.

No que tange às questões referentes à arte e à cultura, o objetivo foi captar como os diferentes atores sociais da região compreendem esses conceitos e os utilizam em suas práticas. Foram feitas questões relativas à arte e à cultura como fontes de renda e elementos

dinamizadores das relações econômicas locais; seus potenciais de transformação social e de conscientização política, bem como meios de promoção da diversidade étnica, cultural e artística na região.

Esse conjunto de questões abertas sobre a dimensão cultural e artística das práticas dos grupos, instituições e indivíduos mapeados revelou-se de extrema relevância para uma maior compreensão das dinâmicas socioculturais mapeadas. Isso porque, durante a pesquisa, as práticas ligadas a linguagens artísticas ou a expressões culturais despontaram como elementos importantes tanto para os atores diretamente ligados à arte e à cultura, como para instituições, organizações não governamentais, que passaram a conceber a arte e a cultura como importante instrumento de mobilização social e de potencialização de processos educativos.

O meio ambiente foi outro ponto discutido com os mapeados. O objetivo foi compreender como a região lida com algumas de suas peculiaridades importantes, como a presença das represas (Billings e Guarapiranga e de uma grande Área de Preservação Ambiental nas regiões de Parelheiros e Marsilac, no extremo sul da cidade, e também como a questão ambiental tem sido vista pelas pessoas em seu cotidiano. Entendemos o meio ambiente aqui não apenas como a relação com a natureza, mas como a relação das pessoas entre si com o território onde vivem, tomando por premissa a importância de olhar para os dois processos simultaneamente. Além disso, a questão ambiental, pauta importante de discussões internacionais e de atuação do poder público e de organizações não governamentais, também apresenta seu impacto na ação de alguns protagonistas da parte sul da cidade.

O Projeto Santo Amaro em Rede tentou, ainda, entender como alguns problemas sociais eram refletidos por parte dos entrevistados. Para isso, perguntou-se aos mapeados como viam e o que pensavam da violência, da discriminação, do preconceito e do desemprego na

região. O cuidado aqui foi evitar atribuir determinadas características que poderiam reforçar estereótipos sobre as regiões pesquisadas, denominando-as como violentas ou como lugar de grande discriminação e preconceito. O objetivo era entender como as pessoas que vivem na região concebem estas questões e refletem sobre elas no território. Dessa maneira, coadunamos com o propósito pelo qual se pautou este projeto desde o seu início: desvelar o modo como os protagonistas das dinâmicas socioculturais da Região Sul da Grande São Paulo articulam suas práticas e constroem saberes específicos sobre os seus modos de vida no lugar onde moram. Entendemos que conhecer melhor estas práticas e saberes pode não apenas aumentar o conhecimento da região, mas revelar novas possibilidades de soluções criativas para problemas que afligem a metrópole.

Por fim, e de modo articulado com as questões já citadas, a pesquisa levantou também dimensões que podem apresentar soluções possíveis e novos modos de atuação política, por meio da discussão sobre direitos humanos, a articulação de uma cultura voltada para a paz e a conformação de redes de solidariedade.

ARTE E CULTURA NA REGIÃO SUL DE SÃO PAULO

Cada vez mais, a arte e a cultura têm se tornado importantes elementos de mobilização política entre camadas desfavorecidas e em instituições que realizam trabalho de cunho educativo, social, cultural ou assistencial. Este fato foi comprovado por este mapeamento realizado na Região Sul da Grande São Paulo. É importante ressalvar, que, embora muitas vezes sejam utilizados como sinônimos, os dois termos não se referem efetivamente às mesmas coisas. Por isso, em nossa pesquisa, entre outras questões, buscamos apreender o modo como os grupos, instituições e artistas lidavam com estes dois fatores: a arte e a cultura.

A pesquisa constatou, em primeiro lugar, a grande apropriação da cultura e da arte como meio de mobilização política e de formação na região. Quando questionados sobre as diferenças entre arte e cultura, os atores sociais da Zona Sul souberam diferenciá-los, entendendo a arte como um componente simbólico e estético dentro da cultura e esta como

um modo de vida e de organização simbólica das relações sociais. Sabemos, entretanto, que definir arte e cultura não é tarefa fácil nem para os especialistas no assunto, como os antropólogos, por exemplo. Por isso, apesar dessa compreensão da diferenciação entre os termos, em alguns momentos, as duas esferas se confundem nas ações dos grupos, o que se revela plenamente compreensível, dado que na prática a distinção entre os conceitos é muito complicada.

Gostaríamos de destacar aqui algumas definições de arte e cultura expostas pelos grupos durante a pesquisa, pois nada melhor do que ouvir os próprios atores dando suas definições:

"Arte é liberdade de expressão, oportunidade de extravasar. Cultura é o dia a dia de cada um, existe cultura em tudo."

"Cultura é tudo o que a sociedade produz e a arte é a expressão criativa da cultura."

"Cultura é a identidade de um povo, do nosso local. Através da discussão da área cultural, englobamos outras áreas também. A arte é onde o ser se expressa, de uma forma não racional, se manifesta através das linguagens artísticas como se houvesse um rio dentro da pessoa que ela transfere para fora. É preciso de uma orientação para desenvolver a arte."

Esta tomada da cultura pelos movimentos sociais da Zona Sul – não só dessa região, mas da cidade inteira e do próprio país – como elemento de afirmação de identidade, de mobilização, de formação e de transformação, nos apresenta um movimento interessante. Curioso notar que justamente quando a Academia – e aqui falamos particularmente de uma disciplina que se especializou no estudo da cultura, a antropologia – começa a repensar a ideia de cultura, vista até então como uma categoria una, fixa e rígida que designa elementos essencialistas, do tipo a cultura X ou a cultura Y, as pessoas tomam a ideia de cultura para si como modo de organização e de autoexpressão.

O antropólogo Marshall Sahllins (1997), em texto denominado *O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção*,

discute este fenômeno de retomada da ideia de cultura por diversos povos, enquanto os antropólogos a problematizavam.

“Exatamente quando os povos por eles estudados estavam a descobrir suas "culturas" e a proclamar o direito destas à existência, os antropólogos punham-se a debater a realidade e a inteligibilidade do fenômeno. Todos tinham uma cultura; só os antropólogos duvidavam disso. Mas a hipocondria epistemológica da disciplina parece ter sido causada por essa reorganização planetária da cultura, não por algum tipo de desordem inerente ao fenômeno sobre a qual o conhecimento humano nada poderia dizer. Felizmente, parece que a filosofia não existencialista está passando. Agora é explorar toda essa imensa variedade de processos culturais e de relações interessantes.” (SAHLINS, 1997:137)

O mapeamento detectou justamente como a cultura passou a ser um elemento de afirmação e fortalecimento de relações sociais entre grupos, artistas e instituições, bem como de educação não formal em organizações não governamentais e projetos sociais de uma maneira geral.

De certa forma, o poder público, nos âmbitos federal, estadual e municipal, por meio de editais públicos e incentivos diversos tem desempenhado um importante papel nesta tomada da cultura como forte elemento de expressão e afirmação. No município de São Paulo, particularmente, o Programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) tem desempenhado um papel importante de estímulo à produção cultural protagonizada por jovens da Zona Sul. O VAI, criado pela Prefeitura de São Paulo em 2005, tem como objetivo principal incentivar financeiramente, de modo desburocratizado, produções artístico-culturais dos jovens paulistanos. Além desta iniciativa municipal, outros mecanismos importantes do poder público de fomento à produção cultural das periferias de São Paulo e do Brasil são os Programas Mais Cultura e Cultura Viva, do Ministério da Cultura (MinC), entre outros, cuja principal ação é o fomento aos Pontos de Cultura em todo o país. Os Pontos de Cultura, segundo o MinC, formam-se como:

"Iniciativas desenvolvidas pela sociedade civil, que firmaram convênio com o Ministério da Cultura (MinC), por meio de seleção por editais públicos, tornam-se Pontos de Cultura e ficam responsáveis por articular e impulsionar as ações que já existem nas territorialidades."[22]

22. http://www.cultura.gov.br/cultura_viva/?page_id=31

Tanto a lista de projetos que foram contemplados pelo VAI na Zona Sul da Região Metropolitana de São Paulo, quanto a relação dos Pontos de Cultura, foram utilizadas como fonte de grupos, artistas e dinâmicas culturais para este mapeamento.

No processo de mapeamento, durante a realização das entrevistas, todos os responsáveis por grupos e instituições ou protagonistas de dinâmicas culturais diversas, além de responderem sobre como concebiam as noções de arte e cultura e as suas diferenças, também responderam sobre outras questões, como a relação entre cultura e estratégias de profissionalização e geração de renda, bem como cultura e transformação social. A proposta desta pesquisa empreendida pelo mapeamento das dinâmicas culturais no território foi justamente apreender os diferentes aspectos que esta dimensão cultural agencia no cotidiano dos grupos mapeados, tentando entender tanto seu impacto econômico e no mundo do trabalho, como seu impacto político e social.

Com relação à **geração de renda**, os entrevistados, em sua quase totalidade, 98%, responderam que a arte e a cultura eram importantes dispositivos de geração de renda para os moradores da região. Dentre os 323 mapeados, apenas 9 disseram não acreditar nisso; ou seja, apenas 2,7% da amostra total. Destacamos algumas opiniões expressivas acerca dessa questão:

"Eu tenho vários ex-alunos que pintam camisetas, fazem grafite, artesanato, rap. Isso tudo surgiu através de cursos e oficinas que realizei e depois passei a ministrar. Eu vim de oficinas e sobrevivo com oficinas. Isso mostra como a geração de renda é algo possível."

"Acho fundamental que, futuramente, o governo encare arte como serviço público."

"Claro, a própria ideia de cultura na periferia pressupõe que você pode produzir cultura, ter um produto cultural. Isso já está sendo feito. Há casas de forró, de funk, de cultura de periferia. Talvez possamos universalizar as coisas e transformá-las em algo mais unificado. O artesanato é um grande exemplo. Numa cidade grande como São Paulo, você precisa cuidar do lixo; a ideia de reciclagem pelo artesanato é uma grande possibilidade para muita gente. Isso é uma forma de trabalhar com diversas coisas utilizando sua cultura."

Com relação à **dimensão política e transformadora**, 100% dos mapeados acreditam que a arte e a cultura poderiam trazer transformações sociais significativas para a região. Essa percepção da cultura como elemento transformador pode ser explicada por diferentes fatores: a crença na cultura como elemento formador e conscientizador, como possibilidade de expressão contestadora, como potencial agregador e mobilizador, como contraposição à violência etc. As posições mais expressivas sobre esta questão podem ser lidas abaixo:

"Quando tem arte e cultura, a pessoa está se informando sobre o que é certo e o que é errado. Havendo associações que trabalham com essas coisas, elas transformam, pois evitam que as pessoas procurem a violência, pois através da arte, as pessoas extravasam o que sentem."

"Fazendo a ligação dessa juventude que está sem emprego, sem escola, sem perspectiva, com o que eles têm de preferência, seja a música, seja o teatro, é possível trazê-los para o espaço e fazer esse vínculo. A gente percebe que as mães que trazem os filhos para as oficinas confiam nas pessoas, no espaço, existe essa credibilidade."
"Acho que tudo que leva a uma conscientização que possa transformar todas as possibilidades de políticas públicas, culturais, elas podem transformar comportamentos."

"A educação tem um papel muito forte nisso. Hoje, aqui, vários jovens conseguiram mudar, se distanciar do crime, se descobrir, pensar. É isso que a arte e a cultura dão, não é só reproduzir."

"O movimento do hip hop levantou o Capão, é super pedagógico, existe um método. Todos tinham vergonha de dizer onde moravam, o hip hop deu identidade ao Capão, ao Jardim Ângela. Traz dignidade."

"Influencia na questão de convivência social, abrir a cabeça, sensibilização. Com certeza, esse contato será significativo na vida da pessoa."

Além da dimensão econômica e do potencial transformador da cultura, as pessoas falaram também sobre o quanto a produção cultural pode contribuir para a **diversidade cultural** da região. Da mesma forma, todos os mapeados acreditam que a cultura seja importante para a promoção da diversidade. A maioria afirma, também, realizar atividades que visem à promoção da diversidade na região. Apenas seis entrevistados, ou menos de 2% do conjunto de pesquisados, afirmaram não ter nenhum tipo de trabalho ou reflexão mais aprofundada sobre a questão da diversidade. A diversidade foi compreendida de diferentes maneiras:

- Diversidade de expressões culturais.
- Estímulo a novas e diferentes linguagens artísticas.
- Diversidade étnica e cultural.
- Combate a preconceitos.
- Relações intergeracionais.

PROBLEMAS SOCIAIS: VIOLÊNCIA, DISCRIMINAÇÃO E DESEMPREGO

A pesquisa procurou entender como os entrevistados concebiam e compreendiam o impacto de alguns problemas de âmbito nacional na região. Para isso, os mapeados foram perguntados sobre como eles percebiam e o que pensavam a respeito da violência, do desemprego e do preconceito e da discriminação no local onde vivem. Deve-se destacar que o intuito deste conjunto de questões não é atribuir esses problemas como inerentes aos territórios mapeados, mas, sobretudo, indagar a população que ali vive sobre o que pensa e tem a dizer sobre esses temas. Compreendemos que, dessa maneira, captamos as reflexões locais e respeitamos o ponto de vista das pessoas, sem atribuir determinados estereótipos midiáticos aos lugares estudados.

Violência

Ao serem perguntados sobre como viam a violência na região, as respostas dos entrevistados dividiram-se em três grandes linhas:

1 – Respostas mais politizadas sobre a violência, reconhecendo a violência na periferia, mas entendendo-a como resultado de problemas sociais estruturais e das desigualdades sociais.
2 – Afirmações de uma diminuição da violência na região, principalmente no que concerne aos homicídios.
3 – Visões mais distanciadas, que tendem a ver a periferia como espaço de violência exacerbada, geralmente de indivíduos que não moram na região, mas integram ou trabalham nas entidades sociais locais.

Desigualdade e violência

As afirmações mais politizadas reconheceram a violência como um problema grave de grande parte dos bairros da Zona Sul. Contudo, para os que sustentam essa posição, a violência não se expressaria apenas nas relações interpessoais de seus moradores, mas seria decorrente, em grande medida, de violências estruturais oriundas da falta de políticas públicas adequadas em termos de infraestrutura urbana, saúde e educação. Dentro dessa chave, há ainda os entrevistados que apontam a violência policial como um dos principais problemas da região onde moram.

Os entrevistados destacaram também outras formas de violência que impactariam nos bairros da periferia de São Paulo, como a forte desigualdade social e as diferentes

formas de violência propagadas pela mídia. Segundo essa perspectiva, essa modalidade de violência se expressaria por meio de filmes e programas violentos e por programas policiais que estimulariam o desrespeito aos direitos humanos. Outra forma de expressá-la seria pelo mundo glamoroso que a TV mostra, que refletiria apenas uma classe social e incentivaria o consumo exacerbado, estimulando, principalmente nos jovens, uma revolta por sua condição socioeconômica em um país de grandes desigualdades. Esse último fator, segundo alguns entrevistados, estimularia o jovem ao consumo, a querer ter as roupas de grife e o carro e a moto usados por personagens de filmes ou novelas, mas, como ele não tem condição de comprar, seria induzido ao ingresso no mundo do crime como modo alternativo de conseguir acessar o mundo do consumo.

Esse tipo de afirmação mais contundente sobre a violência vem de grupos mais engajados politicamente, principalmente nos movimentos culturais de afirmação da periferia, que formulam um discurso mais político sobre a periferia, reconhecendo no espaço em que vivem um elemento articulador de identidades e de mobilização.

Diminuição da violência

A segunda linha de posições gerais sobre a violência aponta para uma percepção de sua diminuição, principalmente com relação ao número de homicídios. Durante as entrevistas, houve uma recorrência nas declarações dos moradores, afirmando que antes se viam pessoas assassinadas constantemente nos arredores de suas casas e que hoje isso não aconteceria mais: “Diminuiu bastante. Antigamente, era uma catástrofe, diariamente amanheciam pessoas "tombadas" pelas esquinas. Agora melhorou bastante”, declarou um dos entrevistados. A diminuição da violência é atribuída a diversos fatores, entre eles, a maior atuação das organizações não-governamentais e movimentos sociais, articulando

projetos sociais e de inclusão. Contudo, esta diminuição da violência é também atribuída à atuação do crime organizado, que estaria orientando a criminalidade e não permitindo tantos assassinatos nestas regiões, pois as mesmas causariam alarde, chamando a atenção da mídia e da polícia. Esta percepção da diminuição da violência vai ao encontro dos dados estatísticos sobre a violência do SIM/DATASUS. Segundo os dados divulgados, entre os anos 2000 e 2006, a taxa de homicídios na cidade de São Paulo teria recuado em 60,61%, reduzindo de 58,48 em 100 mil habitantes para 23,04 em 100 mil habitantes[23].

Os entrevistados apontam, entretanto, para outros tipos de violência que permaneceriam ainda sem solução e de forma bastante forte, como o tráfico, o consumo excessivo de drogas e, principalmente, a violência doméstica, que, segundo eles, ocorreria de maneira velada, mas de forma intensa, com pais agredindo filhos, ou homens agredindo mulheres.

23. http://nevusp.org/downloads/bancodedados/Homic%eddios/Capitais/TAXA%20GERAL%20DE%20HOMICIDIOS%20-%20CAPITAIS%20%282000-2006%29.htm http://nevusp.org/downloads/bancodedados/Homic%eddios/Distritos%20S%e3o%20Paulo/N%DAMERO%20GERAL%20DE%20HOMIC%CDDIOS%20-%20DA%20DE%20SP%20%282000%20-%202007%29.htm

Outros olhares sobre a violência

Durante a pesquisa, foi possível perceber uma fala mais distanciada, de pessoas que, em sua maioria, atuam em entidades da região, mas não moram de fato nos lugares onde realizam trabalhos sociais ou culturais. Estas, geralmente, apontam para a existência de uma violência exacerbada e sem limites, algumas vezes, quase como algo natural entre os moradores das regiões periféricas: “A violência é a rotina deles, estamos num ponto muito forte de drogas. A violência doméstica é gritante e isso é visível pelos jovens que são atendidos, mães que põem os filhos para fora de casa, pais desempregados por causa das drogas.”

Segundo essas pessoas de fora da região, as notícias sobre a violência chegariam, muitas vezes, pelas crianças e jovens atendidos por seus projetos e atividades sociais. Algumas apontam para uma relativa diminuição da violência a partir dos trabalhos desenvolvidos

por suas instituições, outras reafirmam o discurso da violência sem limites e indicam sua instituição como o principal agente contra a violência na região:

"Este é um dos bairros mais violentos da cidade de São Paulo e é por isso que estamos aqui. A violência aparece aqui dia após dia e surge de muitas formas: às vezes as crianças trazem armas de casa ou praticam outras formas de violência, principalmente no jeito com que se relacionam. Aqui é o espaço para elas aprenderem a agir de forma diferente e é por isso que estamos aqui."

Muitos representantes de instituições sociais se apoiam nas estatísticas que apontam os jovens como as principais vítimas e protagonistas dos atos violentos para justificar seu trabalho social e cultural, afirmando que esse seria um meio de engajá-los em atividades para ocupar o tempo. Há nesta percepção uma noção de que o ócio dos jovens da periferia seria perigoso – "cabeça vazia, oficina do diabo" – e as atividades das ONGs viriam, então, justamente para ocupar esse espaço e salvar os jovens, conforme aponta a citação a seguir de um representante de uma entidade social da região:

"A violência existe porque as pessoas não têm expectativa de nada, o nosso jovem precisa muito de cursos profissionalizantes, para entreter a mente deles. A maioria está na porta do bar com o copo de cerveja na mão, a bebida gera violência, aqui tem um bar em cima do outro."

Como se pode perceber pelos relatos acima, a violência se manifesta de forma bastante complexa e permite múltiplas interpretações. Reafirmamos mais uma vez aqui o intuito de captar muito mais o que os entrevistados tinham a dizer sobre o assunto, a partir de suas reflexões pessoais, do que atribuir determinados estereótipos a determinadas regiões, não disseminando preconceitos contra os bairros mapeados, conforme pode ser apreendido pelos seus moradores.

Discriminação e preconceito

Com relação à questão da discriminação e do preconceito, os entrevistados indicaram a existência de preconceitos contra homossexuais, mulheres, negros, nordestinos, pobres e portadores de necessidades especiais. Todos afirmaram que esses preconceitos existem não só no território mapeado, mas na cidade como um todo. Contudo, a maioria tem a impressão de que estaria ocorrendo uma diminuição destes preconceitos.

"Existe, como em toda cidade, não adianta falar que não, tanto quanto a classe social, como a cor, sexualidade e idade. Isso é uma coisa que deveria mudar, está tudo muito interligado."

Os mapeados ressaltaram a existência de preconceito contra a periferia, inclusive na própria periferia: determinados moradores discriminariam as pessoas da periferia mais pobres do que eles ou não se viam como moradores de uma área periférica, mas o mais significativo seria o preconceito da cidade (ou do centro) contra a periferia. Esse preconceito contra a periferia seria pautado por preconceitos de caráter socioeconômico, mas também por estereótipos criados pela mídia em torno da questão da violência. Além disso, segundo os entrevistados, há um grande preconceito por parte do poder público que discriminaria a periferia na aplicação de políticas públicas e na construção de infraestrutura urbana. Alguns grupos apontaram, ainda, a existência de preconceito contra as suas próprias práticas, que ora seriam desvalorizada, ora discriminada por questões religiosas ou de estereótipos. Os grupos que mais apontaram essas questões foram os de hip hop e os movimentos culturais afro.

"A religião, sim, ainda é muito discriminada, fora da comunidade é bem maior. Nas escolas, há professores que não aceitam alguns espetáculos com referências à cultura afro."

Desemprego

O desemprego aparece para os entrevistados como um grande problema que assolaria a periferia da Zona Sul de São Paulo. Porém, eles também reconhecem que esse não é uma exclusividade das periferias, mas um problema de toda a cidade de São Paulo e do Brasil.

Os mapeados apontaram os seguintes fatores como principais causas do desemprego na região:

- Pouca formação / Problema educacional
- Preconceito.
- O jovem como o segmento que mais sofre com o desemprego: “Os mais velhos se viram, fazem bico, trabalho informal etc.”
- Desemprego como porta de entrada para a violência.
- Trabalho informal.

Segundo alguns depoimentos, haveria, ainda, pouca articulação das ONGs para atender essa demanda, oferecendo apenas um trabalho mais emergencial e cursos que garantem apenas trabalhos informais, mas não trabalhos formais, com carteira assinada. Algumas falas dos entrevistados apareceram como exemplares de um diagnóstico sobre a situação do emprego e do desemprego na região e na Grande São Paulo como um todo. Por isso, gostaríamos de destacá-las:

“Um problema gera o outro, tem tudo mais ou menos as mesmas causas, os mesmos efeitos, a falta de oportunidade, o bairro por ser praticamente quase todo dormitório, o pessoal vai trabalhar mais para área central e volta à noite, e a quantidade de gente também, não tem emprego para todo mundo, complicado mesmo.”

“O problema do desemprego para o adulto é a má preparação para o mercado de trabalho moderno, o que faz com que as populações mais carentes sejam jogadas ao trabalho informal, precário.”

“O alto índice de desemprego aqui é explicado pela dificuldade de deslocamento até centros comerciais e financeiros e pelo baixo desenvolvimento econômico da região (Parelheiros).”

“O desemprego existe, mas a população acaba se virando, indo para o trabalho informal.”

“A maioria vive de bicos, trabalho informal. O comércio local é muito pouco. O comércio daqui vem de pessoas de outros lugares que contratam gente daqui para ter ordenados ridículos.”

MEIO AMBIENTE

A pesquisa também procurou saber como os mapeados compreendiam a questão ambiental em seu território, se elaboravam ou não ações em seu cotidiano referente ao tema e se essa era uma pauta de suas reflexões. Além das áreas das represas de Guarapiranga e Billings, a região possui também uma importante área de preservação ambiental. Buscou apreender também se essa população pensa o seu meio ambiente, ou seja, se eles entendem a relação que estabelecem com o espaço onde vivem como um problema importante em suas vidas. Assim, tanto as relações de vizinhança quanto o destino do lixo produzido ou as intervenções na paisagem urbana poderiam ser vistas como aspectos importantes dessa relação com o ambiente.

A pesquisa revelou que a questão ambiental tem ganhado espaço de reflexão e ação perceptível entre os grupos mapeados da região. Contudo, apesar do reconhecimento da relevância do tema por parte dos entrevistados, apenas 7 deles, cerca de 2% do total

mapeado, declararam que a sua principal atuação estava ligada a essa temática. No entanto, uma parcela significativa dos entrevistados, 27% dos grupos mapeados, ou 78 deles, afirmou abordar as questões de meio ambiente de forma complementar às suas diversas atuações.

Em alguns grupos, embora a questão ambiental não seja o fator primeiro de mobilização, se revela como componente importante do trabalho – ou seja, a preocupação ambiental faz parte do desenvolvimento da própria ação. Podemos utilizar como exemplo os coletivos artísticos de intervenção urbana, principalmente os ligados ao grafite. Eles fazem intervenções diretas na paisagem, ou seja, adotam como suporte a própria cidade, chamam a atenção para questões relevantes daquela localidade e começam a acionar o meio ambiente como um importante conteúdo de suas manifestações. Além de, em alguns casos, esses grupos se valerem de materiais alternativos e reciclados em seu próprio trabalho, denunciando a problemática e sua urgência, também têm demonstrando formas criativas de se lidar com a questão ambiental. Tal aspecto pode ser observado nos relatos a seguir:

"Nossa arte dialoga o tempo todo com o ambiente. A gente percebeu que não era só fazer a obra e pronto, tínhamos que dar uma contrapartida, por isso parte de nossas obras tem outras funções, como um recipiente coletor de lixo. Tentar usar o que tem em volta para fazer alguma coisa positiva, como o trabalho com pet."

"Quando saímos para desenvolver nosso trabalho, rebocamos casas que serão pintadas, isto já dá um diferencial, mas é pouco significativo em relação ao meio ambiente."

"A comunidade e o coletivo têm feito ações pontuais com lixeiras a partir de materiais descartados."

Muitos dos entrevistados revelaram que a questão ambiental não despontava como um fator importante, ou prioritário, de suas reivindicações ou atuações, que privilegiavam questões mais urgentes da vida cotidiana ou da sobrevivência da população mais pobre. Alguns relatos alertam para o cuidado que se deve ter em não se priorizar o meio ambiente

em detrimento das pessoas que vivem no território, levando à reflexão de que é preciso pensar a população como intrinsecamente relacionada ao ambiente.

“Muito complicado. Há uma contradição que está sendo muito complicada entre a visão do mundo que vê que o meio ambiente tem que ser preservado e não pensa onde toda essa população vai morar. Não é só essa população que prejudica, há também as indústrias etc. Mas só se olha para quem está morando na beira da represa. As áreas de mananciais, como essa em que estamos, precisam ser preservadas e, portanto, as pessoas que moram aqui são mal intencionadas porque moram na beira da represa. Claro, ninguém acha que não temos que proteger o meio ambiente, mas há 1 milhão de pessoas morando aqui há muito tempo. As alternativas que estão sendo pensadas não podem deixar de lado essa população.”

“O assunto está muito em pauta, infelizmente a questão aqui não é bem cuidada. Aqui estamos em uma área de manancial e isso aqui é uma pauta, mas infelizmente, a questão econômica ainda é a principal, então você vê um monte de gente sendo tirada das margens da represa, tendo como um pano de fundo o rodoanel, empresas construindo pilares na represa. Então, dentro dessas questões do meio ambiente, as pessoas ainda estão dentro, então o cuidado tem que ser pensado com as pessoas.”

”Isso não é uma coisa isolada de outras questões, ninguém é um bom ambientalista e um péssimo pai, ninguém é um mau caráter e gosta de planta. As coisas andam juntas, se o cara é sensível, ele é um cara bacana, inteligente, que gosta de planta, é um caminho só. Não se desenvolve um ser humano pela metade. Eu acho que essa ideia da natureza tem a ver com a ideia de cuidado, e a natureza começa no quintal.”

Essa perspectiva, de que as questões sociais e econômicas têm que ser pensadas junto com a questão ambiental, sem que necessariamente haja precedência de uma sobre a outra, explica a grande quantidade de mapeados que identificam a temática de meio ambiente apenas como complementar à sua atuação principal. O relato abaixo revela a importância desta questão para os entrevistados:

“Aqui é uma região muito necessitada, temos pouca infraestrutura urbana e a questão do meio ambiente nem se fala. Porque aqui nós precisamos destruir o meio ambiente para morar, por uma questão de necessidade.”

A constatação apresentada nos relatos explicita como a dimensão dos movimentos sociais é importante para se pensar os movimentos ambientais. Nesse sentido, é fundamental refletir sobre o modo como os movimentos sociais se organizam e em que o movimento ecológico se diferencia. Os movimentos sociais emergem a partir de uma condição social[24], é construído a partir de lutas por reivindicação de segmentos específicos, ora afirmando diferenças, ora em busca de elementos que apontem para a igualdade[25]. Entretanto, para a questão ecológica não há esta condição social imediata, ou, pelo menos, não é apreensível da mesma maneira. Nos relatos dos entrevistados, é notável a variedade de discursos que são produzidos acerca dessa temática, dentre eles: o direito a moradia digna, a recuperação dos mananciais, a poluição do ar e da água ou a falta de parques e áreas verdes, mostra o amplo leque de temas com o qual a questão ecológica se ocupa. As reivindicações ligadas ao meio ambiente apareceram entre os mapeados como apelos para mudanças conjunturais, referentes aos seus modos de vida, como o consumo exacerbado, melhores condições de moradia, qualidade de vida etc. Por isso, têm um caráter difuso, sem bases sociais mais objetivas.

A maioria dos entrevistados identificou o lugar onde vive como bastante complicado em relação à questão ambiental. O ambiente de sua região foi apontado como maltratado, esquecido, com poucas árvores, sujeiras nos córregos etc. A poluição e o lixo apareceram como os principais problemas que caracterizam tanto o território mapeado como toda a Região Metropolitana de São Paulo. Os entrevistados destacaram esses elementos como um fator importante, pois essa dimensão atingiria ricos e pobres, ainda que de formas diferenciadas.

24. Este fenômeno trata do que o geógrafo Carlos Walter Porto Gonçalves discute, quando se refere ao movimento ecológico no Brasil: “Ela diz respeito, entre outras coisas, ao modo como a sociedade, ao instituir suas relações, conforma o corpo de indivíduos. Há um corpo de operário, camponês, indígena, mulher, negro, homossexual e jovem, por exemplo. Não há um corpo ecológico enquanto condição social. Não há, para o movimento ecológico, essa base objetiva, produzida e instituída através de lutas. Essa é uma diferença extremamente significativa: o movimento ecológico é mais difuso, não apreensível do mesmo modo que os demais corpos que se movimentam socialmente e politicamente” (GONÇALVES, 1996:21).

25. Como as lutas reivindicativas que se situam em torno da questão dos negros, dos homossexuais, das mulheres, dos camponeses, dos indígenas etc.

"A qualidade do ar não é muito boa, poucas árvores, muito concreto. O córrego Pirajuçara é imundo."

"Deteriorado! A comunidade e o coletivo têm feito ações pontuais com lixeiras, a partir de materiais descartados. A ausência do poder público contribui para a degradação, como as obras que dizem que foram feitas na região e nunca aconteceram de verdade. O Projeto Mananciais está removendo as moradias com o discurso da preservação, o povo é invisível, o Estado não faz nada no lugar. O fato das pessoas não saberem se vão ficar na região faz com que os mananciais não sejam visíveis para a comunidade."

Os dados oficiais da cidade de São Paulo[26] mostram que o serviço de coleta recolhe cerca de 15.000 toneladas de lixo domiciliar por dia. Se compararmos os dados de produção de lixo da Subprefeitura de Vila Mariana, região bem estabelecida do ponto de vista urbanístico e de infraestrutura, com a Subprefeitura de M'Boi Mirim, temos que, na primeira, são coletadas cerca de 11.600 t/mês de lixo domiciliar, produzidos por uma população de 311 mil habitantes. Na segunda, são coletadas cerca de 10.720 t/mês, produzidas por uma população de 480 mil habitantes.

Assim, percebe-se que a questão do lixo não se refere a uma parcela da sociedade, mas que é um problema de toda a região metropolitana de São Paulo. E se o problema do lixo está em maior evidência nas áreas mais pobres, é porque estas sofrem com a falta de infraestrutura urbana, saneamento básico, varrição pública e uma coleta de lixo adequada às particularidades da região.

Os depoimentos dos mapeados enfatizaram que haveria um descaso geral com o meio ambiente. Este seria pautado pela falta de estrutura e de pessoas qualificadas para tratar da questão, propor modificações e apresentar ideias para a questão do meio ambiente. Além disso, ressaltaram a ausência do poder público no que tange a essa temática, o que traria como consequência a falta de consciência do papel do cidadão na construção de uma realidade mais estruturada. Porém, os entrevistados também levantaram muitas questões que não dependem apenas do poder público, mas da ação direta do cidadão, como o lixo jogado nas ruas e nos córregos.

26. http://www.ecourbis.com.br/

“Eu tento, através das minhas atividades, trazer isso para a minha comunidade. Acho que meu bairro é um dos melhores lugares para trabalhar o meio ambiente, pois estamos numa costeira da represa, mas às vezes me sinto desfalcada. Faltam pessoas qualificadas, faltam iniciativas, falta um apoio maior para cuidar dessa causa. A gente sempre trabalha o meio ambiente, mas precisamos de um sopro nisso tudo. Eu tento fazer minha parte, é uma gotinha, mas acho que tem de ser assim. Têm algumas iniciativas com relação à represa. A gente procura participar dessas iniciativas. Aqui nós temos um problema com esgoto, falta força do poder público, tem muito lixo depositado na represa e, ainda por cima, também tem um esquecimento das pessoas para com esse lado da represa.”

A maioria dos mapeados fez questão de afirmar que o ser humano também esta incluído no meio ambiente, que não é constituído apenas pelas árvores, pela represa, pelo rio, mas também pelas pessoas que ali moram, que ali estabelecem suas relações. Esses grupos/indivíduos, em alguns casos, acabam pautando também a questão econômica como um complicador para a reflexão sobre o tema e para a tomada de ações práticas em relação aos problemas ambientais locais.

O pensar nas pessoas que moram no local quebra com ideia de que o meio ambiente precisaria ser conservado de qualquer forma, passando por cima das pessoas, que têm histórias e se relacionam naquele lugar. Torna-se necessário pensar em possibilidades que relacionem as duas necessidades, as das pessoas que ali vivem e a da preservação que é necessária. E para que esses dois interesses se conciliem e promovam uma mudança é necessário conversar com as pessoas que ali vivem, ouvir suas ideias, explicar as consequências.

Gostaríamos ainda de ressaltar uma última peculiaridade identificada durante o mapeamento relativa ao modo como alguns entrevistados pensam a questão do meio ambiente a partir de si mesmos.

“O ambiente daqui é bom. O pessoal gosta bastante de mim, posso sair a qualquer hora que todo mundo me conhece.”

“O meio ambiente está bom, todo mundo é gente boa. Por aqui são todos mineiros de Viçosa, acho que por isso todo mundo se dá bem.”

O meio ambiente para esses entrevistados são suas relações, suas trocas, suas vivências no território em que vivem. Talvez essa seja uma dimensão importante para se pensar novas perspectivas para a questão ambiental.

Há, ainda, um último destaque com relação à particularidade da questão ambiental na região, onde existem duas aldeias guaranis, a Krukutu e a Tenondé Porá. O mapeamento entrevistou lideranças das duas aldeias e uma delas, da aldeia Krukutu, assim se manifestou com relação a essa questão:

"A sociedade não consegue entender o que é respeitar a natureza. Dentro da aldeia há um respeito à natureza. O branco nunca entendeu o índio, que é visto como vagabundo, como alguém que não faz nada. Só que o índio, ao não fazer nada, protege a floresta. E o branco, com o seu trabalho, destrói tudo. Se der uma terra para o índio de 10 alqueires, o branco vai dizer por que dar para ele, se vai virar mato. Se der para o branco, ele vai destruir tudo. Um nasceu para destruir e o outro, para crescer naturalmente."

CULTURA DE PAZ E DIREITOS HUMANOS

Durante o processo de mapeamento, os entrevistados posicionaram-se também a respeito de questões relativas tanto à violência, já apresentadas anteriormente, como com relação à garantia dos direitos humanos e da não violência e promoção da paz e de formas culturais solidárias. Além de um levantamento das redes de direitos humanos existentes na região e dos Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (Cedeca), entre outras entidades, o mapeamento buscou também apreender o que os entrevistados pensavam acerca da temática direitos humanos e o que entendiam ou pensavam sobre a ideia de uma cultura de paz. O objetivo era perceber o quanto as pessoas conheciam ou se relacionavam com a noção de cultura de paz que vem sendo trabalhada a partir do Manifesto 2000 da UNESCO[27].

Segundo Hamilton Faria:

27. http://convivenciaepaz.org.br/wp-content/uploads/2008/12/manifesto-unesco-2000.pdf

"No plano local desenvolvem-se no país, desde os anos 80, ações e projetos de Cultura de Paz. Algumas sem este nome, estimulando valores e ações de justiça, democracia participativa, diversidade cultural, desarmamento, diálogos com escutas e auscultas e desenvolvimento sustentável. Estas redes vitais têm humanizado o território local de São Paulo e do país, e criado campos sinérgicos para a proliferação da paz e da não violência."[28]

28. http://convivenciaepaz.org.br/wp-content/uploads/2008/12/hamilton-cultura-de-paz.pdf

A diversidade de respostas foi grande, bem como as reações e posicionamentos em relação a esta questão sobre a cultura de paz. Em algumas, a justiça e a igualdade social apareciam como elementos fundamentais para a constituição de uma cultura de paz.

"Cultura de paz só é presente quando não há exclusão."

A promoção da diversidade – de expressões culturais e de respeito às diferenças étnicas, de gênero, de classe etc. – apareceu também como principal ação em prol da cultura de paz.

"Cultura de paz é respeitar os gostos alheios. Você não criticar o que os outros fazem, você respeitar."

"Desenvolvemos isso antes desse termo existir. Respeitar as diferenças, diferentes etnias, idades, o respeito à diversidade, é cultura de paz."

Muitos grupos, entretanto, afirmaram desconhecer a expressão cultura de paz e os seus significados.

"Não conheço esse termo. Acho meio esquisito, talvez algo contra a discriminação."

Outros apontaram para a necessidade de se pensar a cultura de paz no cotidiano, nas relações interpessoais.

"É a formação de um caráter, de uma personalidade, de princípios e da busca de valores éticos. A paz não pode ser restrita ao discurso de violência urbana, mas deve estar dentro da própria casa, no respeito com a família, respeito na escola, na não agressividade, na humanização da pessoa."

“A Cultura de paz começa com valores dentro da família e comunidade. Como eu posso ter ou querer paz, se eu agrido e não respeito o espaço do outro.”

“Para mim, cultura de paz é isso, uma reflexão interna e externa, pro indivíduo, pro grupo e pro mundo (...) é trabalho interior, porque, a partir do interior, você consegue vislumbrar um trabalho desse tipo com um grupo e ir ampliando.”

Contudo, houve ainda aqueles que defenderam a afirmação da paz como só possível a partir do conflito ou de um processo revolucionário violento.

“Eu acho até que a gente tem um horizonte de algum dia chegar numa cultura de paz, mas vai ter que ter muita guerra, muito sangue, muita briga, muita não paz para conseguir isso... Eu não acredito que é via paz que a gente vai conseguir alguma coisa... Não tem como responder pacificamente à violência diária que se vive num lugar desses.”

“Eu acho bacana a cultura de paz, mas para mim é um termo muito agressivo, muito tênue. Cultura de paz é muito tênue. Tem umas moradias aqui em área de manancial e existe um movimento para que essas casas saiam dessa área de manancial. Mas também há uma série de mansões na beira da represa que não sofrem essa pressão. O que é cultura de paz então nesse momento? Deixar a mansão lá porque ela pode ter um caráter ecossustentável? A cultura de paz é muito ambígua. A cultura de conflito talvez seja mais exata. Existem conflitos e a cultura de conflitos talvez possa mediar esses conflitos. A cultura de paz me soa muito agressiva. É claro que existem os conceitos de cultura de paz, mas hoje em dia estou muito mais para uma cultura de conflitos, de enfrentamento, de intervenção direta do que uma cultura de paz. As pessoas têm de assumir um conflito, mas têm de saber mediá-lo.”

As entrevistas revelaram também uma identificação do termo cultura de paz com um movimento conformista, que visaria amenizar os conflitos gerados pela exclusão e desigualdade sociais, sem resolver os problemas. Essa percepção geralmente associa o termo cultura de paz com um movimento classista (burguês ou pequeno burguês) de defesa de interesses próprios.

“Não existe isso. Cultura de paz coisa nenhuma. Os caras fazem um trabalho no Capão Redondo e falam que isso é cultura de paz. É uma expressão criada e é uma elaboração feita em cima dessa expressão, mas que é inócua. Os intelectuais continuam em seus apartamentos fechados e quem continua morrendo é quem está na batalha. Numa sociedade capitalista, não há como ter paz, ela prega pelas diferenças antes de tudo. Esse termo não funciona nesse tipo de sociedade.”

“A classe média principalmente, quando ela se sente violentada, de alguma forma agredida, ela transforma isso num grande elemento midiático, a partir disso constrói uma série de fenômenos culturais, de ações e tal, a partir do ponto de vista de que aquela coisa é um fato anormal, e que é necessário combater a partir daquele foco e agora, como se não fosse uma coisa contínua, que fosse estrutural na nossa sociedade. Quando morre um jovem de classe média que é violentado, sequestrado, cria-se um sentimento de comoção na sociedade, cria-se todo um cenário midiático como se aquilo fosse um absurdo. Mas é como se a coisa só acontecesse naquele momento, como se, por exemplo, jovens da periferia não fossem violentados pela policia, não fossem exterminados, e por aí vai. Acho que rola muita hipocrisia, acho que, se for pra discutir direitos humanos na sua plenitude, o buraco é muito mais embaixo, não só nesses momentos onde a classe média se sente fragilizada.”

“É complicado porque não sei se essa paz é boa pra gente. A ‘paz’ com conformismo não sei até onde ela é boa. Não sei se a gente faz cultura de paz. De certa forma a gente entra num nicho que as pessoas não entram, nem a polícia, nem a associação, nem a sociedade em geral entra. Com esse trabalho que a gente faz, a gente fala para os moleques o que as pessoas não conseguem falar. Mas não sei se é cultura de paz, acho que é cultura de pensamento”.

Alguns atores sociais da região mapeada afirmam não utilizar o termo cultura de paz, mas identificam as suas ações como promoção da cultura de paz.

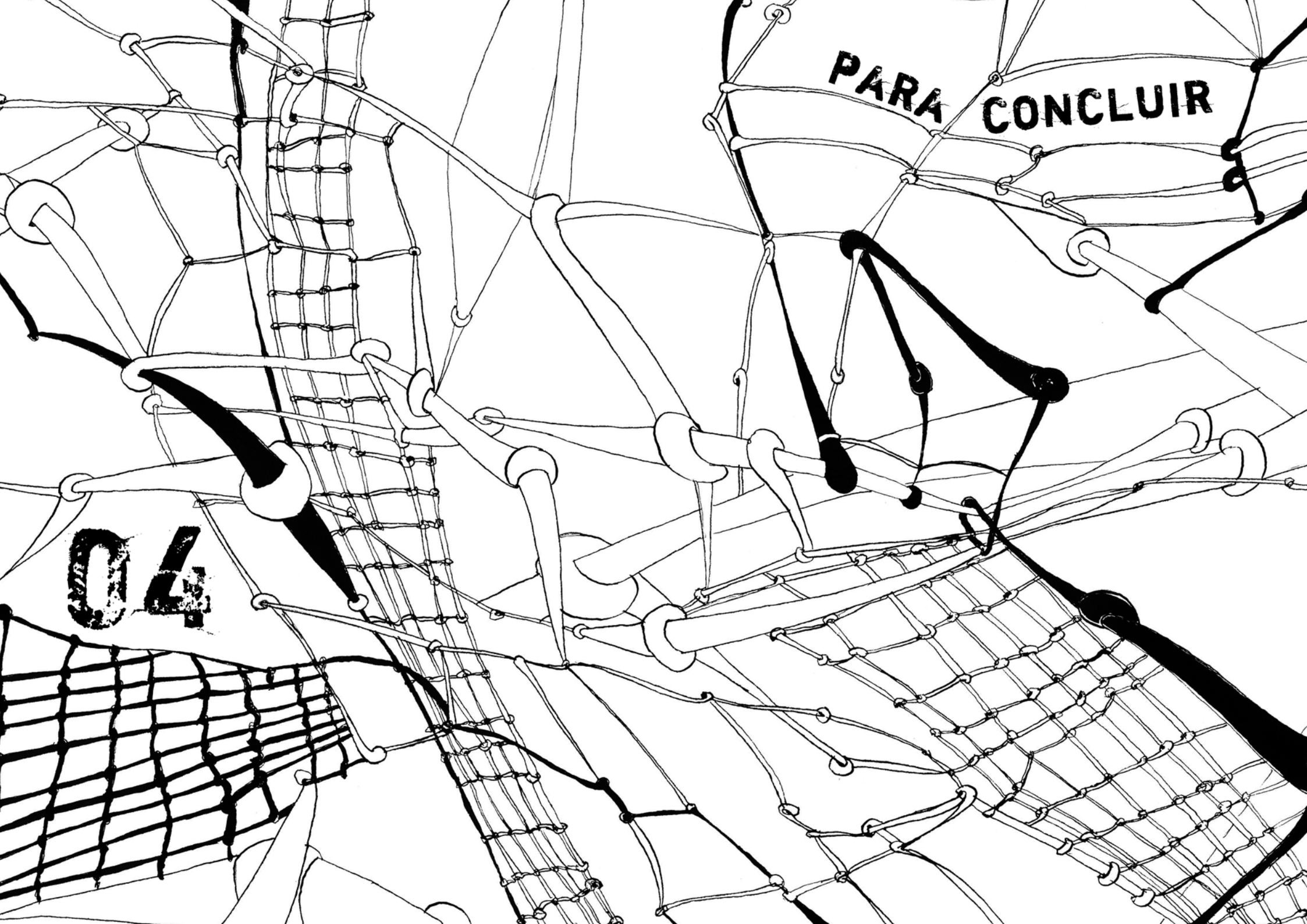
“Cultura de paz é você trabalhar convivência, tolerância, é saber mediar conflitos. Nosso trabalho nunca focou a cultura de paz, mas a partir do momento que se trabalha a convivência, dar espaços para todos falar e se manifestar, estamos trabalhando a cultura de paz”.

Há também grupos e instituições que reconhecem prontamente o valor positivo da noção de cultura de paz e dizem refleti-la e praticá-la em seu cotidiano.

"Trabalhamos muito a cultura de paz dentro dos princípios da não violência. É um dos princípios da organização, assim como a educação em valores positivos (valores todos têm, mas falamos de valores positivos de não violência). Trabalhamos muito com os jovens o uso da inteligência para sair das situações adversas, das dificuldades. Sem o uso da violência. Através da inteligência e da palavra. É um exercício difícil e que vai muito contra o que a nossa sociedade ensina, mas não há outra saída para a sustentabilidade do planeta e do ser humano. Trabalhamos isso não só no discurso, mas na discussão, na reflexão, na vivência."

Outra percepção recorrente é a de que a cultura, ou a produção artística, por si só já promoveria a paz. Este tipo de visão tem alguns problemas, na medida em que se baseia numa noção de cultura como algo positivo, ignorando que o termo cultura, assim como a noção de troca, pode designar tanto elementos positivos quanto negativos. Trocar ofensas ou agressões é também uma possibilidade, por exemplo, e cultura também pode ser cultura de guerra.

Entretanto, embora alguns atores sociais da Região Sul de São Paulo não conheçam a discussão ou tenham um certo ceticismo em relação à ideia de uma cultura de paz, a maioria demonstra grande confiança e disposição na busca de ações não violentas, de garantia dos direitos humanos e de atividades artístico-culturais que visem uma maior integração e o desenvolvimento local. A grande diversidade de respostas, posicionamentos, reflexões e ações com relação à questão da violência e da ideia de uma cultura de paz já é um dado extremamente relevante, que aponta para o fato de esse ser um tema complexo e de grande importância para a população pesquisada.


PARA CONCLUIR
04

TENSÕES E APROXIMAÇÕES NO TERRITÓRIO: APONTAMENTOS E PERSPECTIVAS

Dialogar com as redes de relações já existentes entre os protagonistas de dinâmicas socioculturais e fomentar a articulação de novas conexões dentro da rede para que se possa criar, assim, novas possibilidades de agenciamentos criativos e transformadores da realidade social constituem o principal objetivo deste mapeamento. Acreditamos que desse modo respeita-se a realidade das relações já existentes, mas também se propiciam novas potencialidades de ações e relações dentro do território mapeado. Neste sentido, a ideia de se criar uma interface gráfica site - hipermídia (banco de dados + formulários dos mapeados + site), com os dados do mapeamento, situando cada protagonista em seu território de atuação e descrevendo suas atividades e conexões, tem como principais propósitos propiciar a visualização das dinâmicas mapeadas e seus protagonistas no território, mas também propiciar que estes agentes locais se visualizem nesta ferramenta online. Permite-se, assim, que os protagonistas do território mapeado possam encontrar outros agentes que trabalhem

com questões próximas às suas ou com temas que lhe interessem, possibilitando, dessa maneira, o fortalecimento da rede. Da mesma forma, novos protagonistas, que não fazem parte do mapeamento ou da rede de dinâmicas socioculturais da Região Sul de São Paulo, podem vir a querer fazer parte desta teia, ampliando as conexões e fortalecendo as atuações conjuntas. Além disso, a proposta do mapeamento elaborado para o Projeto Santo Amaro em Rede é suscitar questões que sejam de interesse geral dos integrantes da rede, favorecendo a formação de debates e fóruns de discussão e de formação no território.

A ideia de rede social tem tomado grande importância na formulação de políticas públicas em diferentes segmentos, conforme apontam as pesquisas12 do Centro de Estudos da Metrópole (MARQUES ET AL., 2007). Retomando um conceito já clássico das ciências sociais, estes pesquisadores têm apontado para a importância de se refletir sobre como as dimensões do território e das relações sociais têm influência nas condições de maior ou menor exclusão ou inclusão social. Segundo essa perspectiva, não se deve necessariamente atrelar estas duas instâncias rigidamente, na pesquisa ou na aplicação de políticas públicas, pois a ideia de rede social, em alguns casos, suplantaria a de uma comunidade de contatos face a face.

Importância das redes sociais

A proposta de estudo da realidade social das redes sociais, abordada por Eduardo Marques (2007) e outros pesquisadores do Centro de Estudos da Metrópole, parte do princípio de que quanto mais isolada for uma rede social, maior seria seu nível de segregação e de vulnerabilidade. Da mesma forma, quanto maior e mais diversa uma rede social, menor seria o grau de vulnerabilidade social e maiores seriam as oportunidades de inserção no mercado

de trabalho. Os pesquisadores, entretanto, alertam para o fato de que apesar da pertinência da análise de redes, principalmente no que tange a contextos de pobreza, não se pode afirmar que a influência na produção de redes ou na intensificação das relações no interior de uma rede pelas políticas públicas obteria um resultado positivo. Precisa-se, portanto, antes conhecer as redes já existentes, fortalecê-las ao longo do tempo por meio de ações continuadas (MARQUES ET ALL., 2007).

Arte, cultura e política

Na rede de dinâmicas socioculturais mapeada pelo Projeto Santo Amaro em Rede, os dados apontados levam à constatação da importância que as linguagens artísticas desempenham não apenas na produção dos artistas locais, mas também nas práticas de mobilização política e de educação não formal, oriundas, muitas vezes, como já foi dito anteriormente, dos movimentos sociais e da presença do terceiro setor nas localidades. Se as artes possuem uma centralidade dentro das atividades dos mapeados, não se pode descartar, entretanto, a importância das entidades, ONGs e instituições governamentais no fomento dessa riqueza cultural revelada pelo mapeamento.

Durante o processo de levantamento e entrevista dos grupos de linguagens artísticas, foi revelador o fato de a maioria ter iniciado ou recebido algum tipo de apoio inicial dessas instituições de educação não formal. E essas instituições continuam contribuindo para a formação de novos protagonistas culturais por meio de suas atividades cotidianas de formação e mobilização social. O mapeamento revelou, portanto, como, entre as dinâmicas socioculturais mapeadas, há uma relação profundamente imbricada entre as atividades artístico-culturais e as de educação não formal. Apostar em futuras parcerias de protagonistas

destas duas áreas pode configurar, portanto, uma importante forma de fortalecer e ampliar a rede de dinâmicas socioculturais da Região Sul de São Paulo.

Entretanto, não podemos afirmar que a riqueza cultural do território mapeado se dê somente pela presença das ONGs, pois existem muitos outros atores que contribuem para esta condição, como os movimentos sociais e afirmativos, as entidades religiosas, entre outros. Os grupos que falaram das contribuições das ONGs também foram extremamente críticos aos trabalhos realizados pela maioria delas nos territórios.

O tratamento dado às atividades ou linhas de ação muitas dessas entidades foi recorrente. Por exemplo, as entidades de educação não formal, em sua maioria, trabalham a arte e a cultura como mediação social, ou seja, o fazer artístico e cultural está vinculado sempre a um projeto social – arte para resolver problemas sociais –, centralmente o de acabar com a exclusão, discurso recorrente das entidades do terceiro setor, que denominam seu público como "os excluídos", contribuindo assim para estigmatizar ainda mais a periferia e seus moradores. Embora muitas ONGs trabalhem com essa concepção, os grupos e artistas que se formaram nessas entidades, buscam construir trabalhos de educação não formal em que a arte e a cultura estão voltadas para o ato criativo – o fazer artístico e cultural –, distante da ideia das entidades com quem partilham o território.

Identidade

Há que se destacar, ainda, que embora o território mapeado seja bastante diverso, compreendendo áreas de altos e baixíssimos índices de vulnerabilidade social, uma parcela considerável das linguagens artísticas levantadas pelo mapeamento apresentou uma característica peculiar: a articulação de seus protagonistas em torno de um processo de

identificação com a periferia de São Paulo. Compreendida como categoria social, a periferia passa, portanto, a partir da produção sociocultural de agentes que se autodenominam periféricos, a representar uma identidade que remete a alguns aspectos ligados às classes populares e também a elementos étnicos e políticos.

Pode-se dizer, portanto, que o território da periferia, lido não apenas localmente, mas de modo mais amplo, passa a conformar uma identidade política, com todas as complexidades e contradições às quais o conceito de identidade pode remeter. O antropólogo José Guilherme Magnani (2006), discutindo essas novas compreensões da noção de periferia, afirma que esta já não teria uma oposição polarizada com o centro, bem como não configuraria um estigma, como na dicotomia que opunha a periferia, marcada pela carência ao centro caracterizado pela presença de uma consistente e qualificada estrutura urbana e de serviços públicos. Magnani relaciona essa tomada do conceito de periferia com o movimento dos atores sociais, descrito por Marshall Sahlins (1997), de assumir a cultura como elemento de afirmação e resistência, concomitantemente à problematização desse conceito realizada pelos antropólogos. O discurso dos rappers sobre a periferia, por exemplo, deixa o foco no estigma um pouco de lado e direciona sua atenção mais ao pertencimento do que à carência, como afirma Magnani.

Há aí uma visão propositiva, segundo a qual "ser da periferia" significa participar de um ethos que inclui tanto a capacidade para enfrentar as duras condições de vida quanto o pertencer às redes de sociabilidade, compartilhar gostos e valores (MAGNANI, 2006: 39).

Se o hip hop foi um dos precursores desse movimento de resistência e afirmação da periferia e de valorização de determinados elementos das práticas sociais de seus moradores, atualmente essa tendência já repercute em outras linguagens e atividades culturais, reverberando em práticas tão diversas como o teatro e a literatura, passando pelos grupos de dança e de manifestações de cultura popular, demonstrando grande vigor nessa chamada

cultura da periferia, a produção audiovisual. Os coletivos de audiovisual desempenham papel importante nos que diz respeito à difusão dos fazeres culturais no território, pois apreendem em suas realizações a síntese do que se produz localmente nas territorialidades, contribuindo, assim, para a construção imagética desse novo ideário periférico.

O mapeamento destacou, por exemplo, o forte protagonismo dos saraus literários, como a Cooperifa e o Sarau do Binho, que já configuram um circuito da literatura não apenas na Zona Sul, mas em toda a Região Metropolitana de São Paulo. Para Érica Nascimento (2009), antropóloga que defendeu dissertação de mestrado sobre essa temática do novo movimento de literatura da periferia, esse processo de autovalorização da periferia teria criado um novo momento em que, por meio desses agentes culturais, a periferia teria se tornado "autora de sua própria imagem".

Esse novo movimento político cultural, apesar de avançar em novas formas de se fazer política da periferia de São Paulo, tendo a arte e a cultura como meio de expressão e afirmação, não rompe, entretanto, com as formas mais tradicionais, pautadas pelas reivindicações por melhorias locais e por práticas de solidariedade e assistência social, como as representadas pelas associações de bairro. Isso explica as relações imbricadas entre os grupos de linguagens artísticas e os de educação não formal que o mapeamento revelou. Aliás, o intercâmbio entre os protagonistas culturais e as instituições sociais de caráter associativo e reivindicativo é um dos aspectos marcantes deste mapeamento.

Deve-se ressaltar também que o mapeamento das dinâmicas socioculturais da Região Sul de São Paulo também não se restringiu aos territórios considerados periféricos, nem aos grupos que assumem uma identidade periférica. O mapeamento apreendeu tensões em relação a essa questão, pois assim como há quem se identifique plenamente com a dimensão periferia como afirmação política, há outros que não querem se identificar com a periferia ou não veem sua produção artística como periférica, ou, ainda, consideram este termo depreciativo.

Muitos grupos entrevistados fazem questão de se afirmar somente como “artistas”, dispensando o adjetivo de “artistas periféricos” ou produtores de “cultura de periferia”. Eles vão na contramão dessa identidade que se capilariza por toda Zona Sul. A recusa a identidade de “periferia” é uma reação ao preconceito ou à subestimação do trabalho realizado pelos protagonistas, o que fica mais forte quando são chamados a participar de produções, ganhando cachês menores por suas origens “periféricas”. A remuneração foi um assunto recorrente nesses grupos, quando se discutiu a questão da identidade. O menor cachê oferecido é justificado pelos organizadores dos eventos, e seria compensado, pelos ganhos em visibilidade do trabalho. “Vamos chamar os meninos da periferia para dar um chance e gastar menos com cachês.” Essa é a ideia, segundo relatou um artista. Comentários como “os coitadinhos da periferia”, entre outros, contribuem para que alguns artistas e grupos recusem tal identidade.

Protagonismo jovem e terceira idade

Embora o mapeamento não tivesse o intuito apreender o protagonismo de qualquer faixa etária nas dinâmicas socioculturais levantadas, percebeu-se que a juventude constitui ainda uma condição bastante valorizada, seja como signo, no caso das linguagens artísticas, ou como púbico prioritário, no caso das entidades de educação não formal. Lembramos que há uma lei de incentivo à produção artístico-cultural do Município de São Paulo, o Programa de Valorização das Iniciativas Culturais, da Secretaria Municipal de Cultura (VAI) cujo alvo é a juventude e do qual só podem ser beneficiar pessoas com menos de 29 anos. Esse tipo de política de maior atenção à juventude ou à adolescência tem um sentido de conceber a juventude como importante ator social, detentor de certo protagonismo político e com grande potencial transformador.

Importante atentar que essa valorização da juventude, para um lado ou para o outro, tem como contraponto um posicionamento em relação à terceira idade, que não é vista como a mesma prioridade seja como público para os agentes das linguagens artísticas têm, seja como alvo de atendimento dos projetos de educação não formal. O trabalho com os idosos não é um elemento de destaque na atuação principal da maioria dos mapeados. Há que se pensar, portanto, nas possibilidades de se ter a terceira idade como uma camada importante dos projetos de formação de público para a arte e a cultura. É importante ressaltar para a tendência de os trabalhos de educação não formal se dirigir a uma única faixa etária, deixando de promover ações de contato intergeracional, extremamente importantes tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos.

Temas e possíveis tendências

As percepções dos mapeados em relação aos temas das questões qualitativas podem se tornar importantes pautas de discussão ou mobilização da rede de protagonistas das dinâmicas socioculturais do território. As respostas obtidas para o conjunto de questões qualitativas demonstraram a diversidade de opiniões sobre os assuntos abordados, bem como o modo como os posicionamentos variaram conforme a inserção dos entrevistados no território e nas dinâmicas socioculturais da região. Além da diversidade, tentou-se aqui mostrar as regularidades e as tendências mais gerais das opiniões dos protagonistas.

Despontaram como importantes para aprofundamento, reflexão e discussão na rede de grupos mapeados questões sobre as especificidades da violência, a complexidade da relação com o meio ambiente, as perspectivas que a arte e a cultura podem propiciar em termos de geração de renda e de dinamização da economia local. As entrevistas revelaram também

a dimensão do preconceito que determinadas práticas culturais ligadas às manifestações afrodescendentes sofrem e as múltiplas posições em relação à promoção da paz e dos princípios dos direitos humanos nas atividades cotidianas. Essa diversidade de opiniões revela que esse tema merece ser aprofundado e refletido dentro da rede. Há que se indagar o que seria uma cultura que promovesse a paz e os direitos humanos não só no discurso, mas também na prática.

Com relação à violência, apesar de alguns mapeados indicarem sua diminuição, em especial no que diz respeito aos homicídios, o que é sustentado pelas estatísticas oficiais, muitos grupos referiram-se a outros tipos de violência. A falta de infraestrutura urbana e de atenção a determinadas regiões mais periféricas do território mapeado foram apontadas por agentes mais politizados do território. A violência doméstica contra a mulher e as crianças foi um aspecto bastante destacado. Outras manifestações de violência indicadas foram os preconceitos e a discriminação, seja contra os moradores dos bairros mais pobres da periferia, seja em relação ao caráter étnico-religioso de algumas manifestações culturais.

Outro tema controverso foi o meio ambiente, seja pelo pequeno número de grupos dedicados prioritariamente a essa questão, seja pela quantidade considerável de outros grupos para os quais esse é tema secundário ou transversal. Alguns grupos destacaram a importância da questão ambiental para a região, outros apontaram para a questão da educação como fator imprescindível para um avanço nessa área e houve também os que afirmaram a importância de se contextualizar a questão já que a questão social é mais premente. Todavia, muitos agentes locais têm incorporado a discussão sobre o meio ambiente em suas pautas cotidianas – dos grupos de grafite às associações de moradores de áreas de mananciais e de preservação ambiental.

Por fim, a questão artístico-cultural apareceu como tema crucial dentro do mapeamento, tanto por sua relevância entre os protagonistas das dinâmicas, quanto pelo fato de as

linguagens artísticas serem um componente importante mesmo de grupos não ligados prioritariamente à arte e à cultura. Os mapeados refletiram sobre como a arte e a cultura poderiam atuar como importantes elementos de transformação social, seja pela educação, seja pela mobilização social que podem gerar.

A arte apareceu também como um fator importante de geração de renda e potencialização da economia local. O mapeamento revelou a necessidade de aprofundar os processos de formação para que tanto os artistas e os protagonistas da rede possam se aprimorar em suas linguagens, aperfeiçoando os recursos já disponíveis e criando novos, quanto também para que o público se aperfeiçoe. Os artistas e produtores culturais do território já demonstram sua força e vitalidade e começam, cada vez mais, a conquistar seus espaços e a aperfeiçoar seus meios de financiamento e de autossustentação, recorrendo aos editais públicos e a fomentos diversos, captação junto à iniciativa privada, atuação como arte-educadores, agentes culturais, palestrantes etc. Grande parte desses protagonistas tem articulado fortemente a ideia da periferia como fator de mobilização e de afirmação de identidade. Constitui-se, assim, o que se pode denominar como cena cultural da periferia sul-paulistana.

Cenários e atores em movimento

Dado o cenário aqui traçado, cabe agora o desafio a essa rede sociocultural de, formados os artistas da periferia, pensar na formação de um público da periferia que garanta vitalidade e novas potencialidades a essa cena cultural. Este mapeamento apresenta algumas pistas para se encontrar a chave para avançar no processo de formação de público, que aponta não apenas para o papel destacado que as entidades de educação não formal

tiveram, e ainda têm, na formação de muitos artistas atuais do território, mas também para o papel importante que a arte e a cultura desempenham nas atividades e práticas dessas instituições.

Deve-se levar em consideração que a ideia de democratização cultural, principalmente no que se refere à construção de equipamentos de cultura, por si só não faz sentido (Isaura Botelho, 2004). Trata-se sim, de aceitar a diversidade de padrões de cultura e, considerado o conjunto do que é produzido e colocado à disposição, observar de forma mais efetiva a existência de vários públicos. Ou seja, não existe o público, no singular, ou um padrão único de resposta a qualquer mudança que se promova na oferta. O que há é um conjunto de públicos diferentes, com respostas diferentes conforme localização espacial, faixa etária, condição de classe, história familiar, bagagem cultural.

Essa diversidade de públicos significa uma pluralidade de padrões de cultura e evidencia distintas possibilidades de escolha, as quais devem ser levadas em conta para que políticas de democratização da cultura deixem de se apoiar em premissas duvidosas, quase sempre não explicitadas, tais como “só a cultura erudita, valor sacralizado, merece ser difundida”, ou “basta que haja o encontro entre a obra e o público (indiferenciado) para que haja desenvolvimento cultural” (BOTELHO, 2004: 2-3).

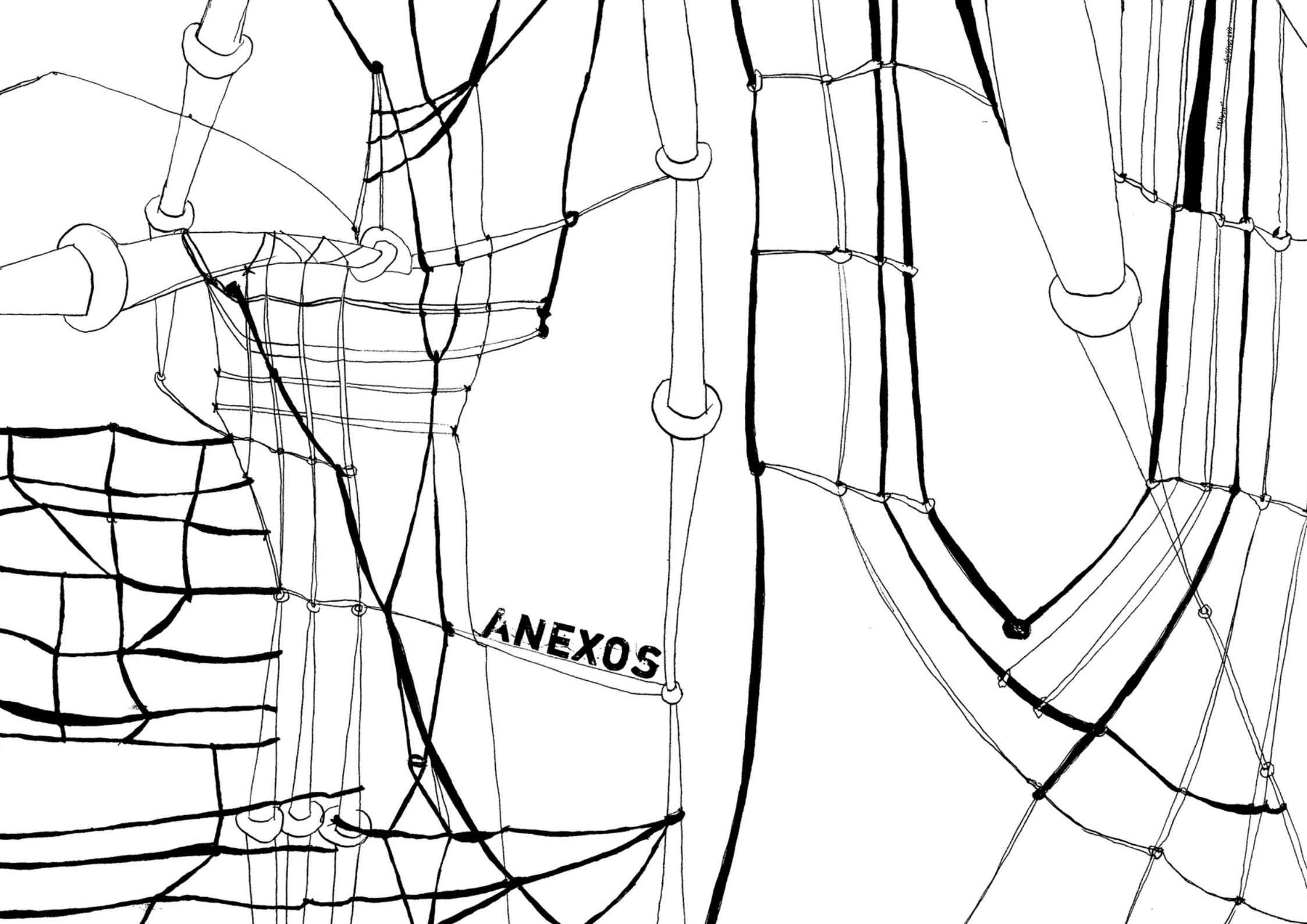
Como nos ensina Guimarães Rosa, o mais importante da vida não está nem no princípio, nem no fim, mas no meio da travessia. A proposta deste mapeamento é nunca estar de fato acabado, pois se constitui como um processo, e o processo é a parte mais importante. Novos grupos e dinâmicas poderão compor o mapeamento, da mesma forma como outros deixarão de existir ou de realizar suas atividades, porque a cultura é dinâmica, está sempre em transformação. No início do relatório apresentamos o processo do mapeamento realizado como composto por cinco etapas: descobrir, conhecer, organizar, classificar e desvelar. Completadas estas cinco etapas, há outras duas tarefas imprescindíveis para que o mapa sociocultural obtenha resultado: a apropriação e o aprofundamento.

A apropriação se refere ao modo como todos os integrantes da rede mapeada irão utilizar e se relacionar, não com o mapa sociocultural, mas com as relações nele representadas. As apropriações criativas e as potencialidades das dinâmicas culturais levantadas e reveladas são movimentos fundamentais para que a travessia empreendida pelo mapeamento, ou pelos mapeados, prossiga. Por outro lado, um mapeamento é sempre um olhar parcial e momentâneo -- não se mapeia apenas no espaço, mas também no tempo. Nesse sentido, o mapa das dinâmicas socioculturais da Região Sul da Grande São Paulo refere-se a um tempo determinado, o ano de 2009, quando o levantamento de campo realizou-se. Por isso, a configuração de um site pode ter como principal vantagem tentar captar as transformações do campo, explicitar as dinâmicas da cultura (DURHAM, 2004).

Do mesmo modo, um mapeamento não se aprofunda efetivamente nos conteúdos que levanta, ele apenas apresenta um panorama geral e ligeiro do contexto que representa. A realidade dos protagonistas e das práticas socioculturais do território é muito mais heterogênea e diversificada do que o que se expõe. Sob a denominação de linguagens artísticas, por exemplo, enquadram-se uma multiplicidade de grupos e indivíduos com ideias, formações e atividades diversas e objetivos diferenciados. O mesmo acontece com relação aos mapeados de educação não formal, que podem se referir tanto às instituições públicas quanto às ONGs com atividades mais voltadas para a mobilização política ou entidades que realizam importantes trabalhos assistenciais. Entretanto, não cabe ao mapeamento fazer esse aprofundamento. Essa tarefa é para quem dele se apropriar posteriormente. E essa perspectiva mais minuciosa implica em direcionar olhares mais próximos, mais especializados, às práticas, atentando para todas as suas potencialidades, sem perder de vista as lógicas sociais e políticas mais gerais. A epígrafe de Bruno Latour (2009), no início deste relatório, aponta para esse caráter parcial de um mapa. Em seu texto, Latour comenta sobre as potencialidades e deficiências de se conhecer Paris por meio dos mapas do Google Earth.

O que é enganador na ilusão do zoom é a impressão de continuidade. A máquina informática, uma vez que consegue facilmente transformar os *pixels* em qualquer escala e nelas articular as informações (no fim, nunca são mais que "zeros" e "uns" conservados como potencial elétrico sobre um composto de lâminas de silicone), faz crer que existe entre todos esses registros uma passagem sem *interrupção*. Entretanto, não há qualquer relação imediata estabelecida (LATOUR, 2009).

Portanto, o que se vê em um mapa não corresponde efetivamente ao que as pessoas de fato procuram ou ao que querem realizar, não há uma relação imediata com a realidade da vida. Cabe aos agentes sociais realizar as mediações necessárias, aprofundar temas de seu interesse e, a partir deste aprofundamento, engendrar criativamente novas possibilidades para a rede social constituída. O grande desafio de um mapa, conforme nos aponta Latour, é o de como articular os diferentes zooms que nos dão uma visão mais ou menos distante da realidade ou do espaço que mapeamos com as diferentes dinâmicas empreendidas pelos agentes locais, sem que a totalidade, e as partes se sobreponham. No caso de Latour, a referência é uma cidade europeia: "É a Paris invisível. É a Paris política. É a Paris a compor." No nosso caso, é a rica realidade sociocultural de uma parte da região metropolitana de São Paulo, continuamente a se compor. Cabe a cada um dos usuários do mapa definir o seu trajeto. Estamos em plena viagem.


ANEXOS

TABELAS: DADOS QUANTITATIVOS

Tabela 1: Área de atuação principal geral – grupos e indivíduos

Área de atuação principal	F.A.	%
Linguagens Artísticas	135	41,80
Educação não formal	117	36,22
Educação formal	14	4,33
Esporte	8	2,48
Lazer	3	0,92
Meio Ambiente	7	2,17
Tradição	33	10,22
Terceira Idade	6	1,86
TOTAL	**323**	**100**

Tabela 2: Área de atuação principal geral – grupos e entidades

Área de atuação principal	F.A.	%
Linguagens Artísticas	105	36,21
Educação não formal	115	39,66
Educação formal	14	4,83
Esporte	8	2,76
Lazer	3	1,03
Meio Ambiente	7	2,41
Tradição	32	11,03
Terceira Idade	6	2.07
TOTAL	**290**	**100**

Tabela 3: Linguagens artísticas – grupos e entidades

Linguagens artísticas	F.A.	% Geral	% dentro da área específica
Dança	6	2,07	6%
Música	46	15,86	44%
Teatro	19	6,55	18%
Literatura	8	2,76	8%
Artes Visuais	5	1,72	5%
Audiovisual	12	4,14	11%
Artesanato	0	0	0
Capoeira	1	0,35	1%
Moda	0	0	0
Circo	3	1,04	3%
Comunicação e mídia	5	1,72	5%
TOTAL	**105**	**36,21**	**100%**

Tabela 4: Educação não formal – grupos e entidades

Educação não formal	F.A.	% Geral	% dentro da área específica
Arte e cultura	89	30,69	77%
Cultura Alimentar	0	0	0%
Saúde da mente e do corpo	3	1,04	3%
Juventude	0	0	0
Gênero	2	0,69	2%
Cultura de paz e direitos humanos	13	4,48	11%
Esporte e lazer	8	2,76	7%
Meio ambiente	0	0	0
TOTAL	**115**	**39,66**	**100%**

Tabela 5: Tradição – grupos e entidades

Tradição	F.A.	% Geral	% dentro da área específica
Culturas populares	3	1,03	9%
Culturas tradicionais	20	6,90	63%
Culturas indígenas	3	1,03	9%
Cultura Afro	4	1,38	13%
Memória e história local	2	0,69	6%
TOTAL	**32**	**11,03**	**100%**

Tabela 6: Outras áreas de atuação (secundárias ou complementares) - grupos e entidades

Outras áreas de atuação	F.A.	%
Linguagens Artísticas	178	61,38
Educação não formal	230	79,31
Educação formal	22	7,59
Esporte	74	25,52
Lazer	130	44,83
Meio Ambiente	78	26,90
Tradição	172	59,31
Terceira idade	71	24,48
Outras atividades	30	10,34
Não tem	13	4,48

Tabela 7: Outras áreas de atuação (secundárias ou complementares) – Linguagens artísticas - grupos e entidades

Linguagens artísticas	F.A.	%
Dança	85	29,31
Música	99	34,14
Teatro	67	23,10
Literatura	47	16,21
Artes Visuais	58	20,00
Audiovisual	37	12,76
Artesanato	26	8,97
Capoeira	14	4,83
Moda	6	2,07
Circo	6	2,07
Comunicação e mídia	61	21,03

Tabela 8: Outras áreas de atuação (secundárias ou complementares) – Educação não formal - grupos e entidades

Educação não formal	F.A.	%
Arte e cultura	70	24,14
Cultura Alimentar	37	12,76
Saúde da mente e do corpo	107	36,90
Juventude	126	43,45
Gênero	47	16,21
Cultura de paz e direitos humanos	92	31,72
Esporte e lazer	41	14,14
Meio ambiente	0	0

Tabela 9: Outras áreas de atuação (secundárias ou complementares) – Tradição - grupos e entidades

Tradição	F.A.	%
Culturas populares	42	14,48
Culturas tradicionais	129	44,48
Culturas indígenas	3	1,03
Cultura Afro	4	1,38
Memória e história local	2	0,69

Tabela 10: Quanto ao tipo de formalização dos grupos e entidades, conforme declaração dos mesmos

Formalização	F.A.	% Geral
Associação	62	21,38
Coletivo	96	33,10
Fundação	2	0,69
Iniciativa Privada	3	1,03
Instituição Pública	62	21,38
Terceiro Setor	65	22,41
TOTAL	**290**	**100**

Tabela 11: Quanto ao público prioritário das atividades dos grupos e entidades

Público	F.A.	% Geral
Crianças	191	65,86
Adolescentes	212	73,10
Jovens	212	73,10
Adultos	182	62,76
Terceira idade	141	48,62

Tabela 12: Critérios de participação do público – grupos e entidades

Critérios de participação do público	F.A.	% Geral
Sem critérios	131	45,17
Idade/Faixa etária	100	34,48
Ordem de chegada/Ordem de cadastro	69	23,79
Frequentar a escola	51	17,59
Grau de risco pessoal e social	33	11,38
Renda Familiar	27	9,31
Morar próximo das atividades	22	7,59
Composição e caracterização familiar	8	2,76
Desenvolver atividades artísticas	7	2,41
Convite	6	2,07

Tabela 13: Pela articulação em rede – relações dos grupos com outras entidades

Relação do grupo com outras entidades	F.A.	% Geral
Com as escolas	207	71,38
Com as famílias	197	67,93
Com ONGs	180	62,07
Com o poder público	177	61,03
Com grupos da comunidade	159	54,83
Com lideranças da comunidade	118	40,69
Com entidades religiosas	88	30,34
Com o sistema S	95	32,76
Outros	67	23,10

Tabela 14: Pela declaração de participação em redes e fóruns – grupos e entidades

Participação em redes e fóruns	F.A.	%
Sim	168	57,93
Não	122	42,07
TOTAL	**290**	**100**

Tabela 15: Fontes de recursos dos grupos e entidades

Fonte de Recursos	F.A.	% Geral
Recurso Publico Direto	62	21,38
Próprios	168	57,93
ONG e Cooperação	33	11,38
Lei de Fomento	4	1,38
Lei de Incentivo	17	5,86
Edital Público Federal	13	4,48
Edital Publico Estadual	6	2,07
VAI	32	11,03
Editais Privados	7	2,41
Doações	103	35,52
Convênios	67	23,10

Tabela 16: Principais dificuldades dos grupos e entidades

Principais dificuldades da entidade	F.A.	% Geral
Recursos financeiros	259	89,31
Recursos materiais	210	72,41
Recursos humanos	168	57,93
Diálogo com financiadores	154	53,10
Espaço para desenvolver atividades	144	49,66
Formação de quadro técnico	132	45,52
Reforma do prédio	129	44,48
Divulgação	124	42,76
Espaço para divulgação	120	41,38
Necessidade de vagas	113	38,97
Equipamentos e serviços urbanos	97	33,45
Reconhecimento da produção	96	33,10
Infraestrutura urbana	82	28,28
Informação	69	23,79
Discriminação e preconceito	65	22,41
Outros	48	16,55

Tabela 17: Sobre o modo de divulgação do trabalho ou das atividades dos grupos e entidades

Modos de divulgação do trabalho	F.A.	% Geral
Apresentações	158	54,48
Internet	231	79,66
Jornais / Revistas	131	45,17
Outras entidades	133	45,86
Outros grupos	111	38,28
Outras práticas	65	22,41
Boca a boca	259	89,31
Rádio comunitária	19	6,55
Outros	133	45,86

Tabela 18: Sobre os locais de divulgação do trabalho dos grupos e entidades

Locais de divulgação do trabalho	F.A.	% Geral
Só na região	161	55,52
Outros bairros	127	43,79
Em todo o município	125	43,10
Em outros municípios	71	24,48
Em outros estados	36	12,41
Em outros países	27	9,31
Outros	5	1,72

Tabela 19: Se os grupos e entidades possuem meio de comunicação próprio

Se tem meio de comunicação próprio	F.A.	%
Sim	263	90,69
Não	27	9,31
TOTAL	**290**	**100**

Tabela 20: Situação do imóvel

Situação do Imóvel	F.A.	%
Público	66	22,76
Próprio	65	22,41
Alugado	43	14,83
Outros	30	10,34
Cedido	30	10,34
Compartilhado	24	8,28
Não tem imóvel	28	9,66
Doado	4	1,38
TOTAL	**290**	**100**

Tabela 21: Se está construído próximo a barranco

Se está construído próximo a barranco	F.A.	%
Sim	33	11,38
Não	257	88,62
TOTAL	**290**	**100**

Tabela 22: Se há córrego próximo ao imóvel

Se há córrego próximo ao imóvel	F.A.	%
Sim	82	28,28
Não	208	71,72
TOTAL	**290**	**100**

Tabela 23: Se o imóvel já sofreu enchentes

Se o imóvel já sofreu enchentes	F.A.	%
Sim	34	11,72
Não	256	88,28
TOTAL	**290**	**100**

Tabela 24: Se o imóvel tem abastecimento de água

Tem abastecimento de água	F.A.	%
Sim	287	98,97
Não	3	11,03
TOTAL	**290**	**100**

Tabela 25: Se o imóvel tem esgoto

Se tem esgoto	F.A.	%
Sim	285	98,28
Não	5	1,72
TOTAL	**290**	**100**

Tabela 26: Pela situação do banheiro do imóvel

Pela situação do banheiro	F.A.	%
Esgoto	275	94,83
Fossa séptica	13	4,48
Rio, lago ou represa	2	0,69
TOTAL	**290**	**100**

Tabela 27: Pelo destino do lixo

Destino do lixo	F.A.	%
Coletado por caminhã de lixo	220	75,86
Coletado em caçamba de lixo	4	1,38
Outro destino	1	0,34
Não sabe ou não respondeu	65	22,42
TOTAL	**290**	**100**

Tabela 28: Se há iluminação pública

Se tem esgoto	F.A.	%
Sim	287	98,97
Não	3	1,03
TOTAL	**290**	**100**

Tabela 29: Se há asfaltamento

Se tem asfalto	F.A.	%
Sim	275	94,83
Não	15	5,17
TOTAL	**290**	**100**

Tabela 30: Se há transporte público próximo à sede da instituição

Se tem transporte público	F.A.	%
Sim	287	98,97
Não	3	1,03
TOTAL	**290**	**100**

Tabela 31: Área de atuação principal – indivíduos

Área de atuação principal	F.A.	%
Linguagens Artísticas	30	90,91
Educação não formal	2	6,06
Tradição	1	3,03
TOTAL	**33**	**100**

Tabela 32: Linguagens artísticas - indivíduos

Linguagens artísticas	F.A.	%
Dança	1	3
Música	5	15
Teatro	0	0
Literatura	10	30
Artes Visuais	12	36
Audiovisual	0	0
Artesanato	1	3
Capoeira	0	0
Moda	1	3
Circo	0	0
Comunicação e mídia	0	0
TOTAL	**33**	**100**

Tabela 33: Educação não formal – indivíduos

Educação não formal	F.A.	%
Arte e cultura	2	6

Tabela 34: Tradição – indivíduos

Tradição	F.A.	%
Culturas populares	1	3

Tabela 35: Público que mais se identifica com o trabalho – indivíduos

Público que se identifica com o trabalho	F.A.	% Geral
Crianças	20	60,61
Adolescentes	27	81,82
Jovens	31	93,94
Adultos	31	93,94
Terceira Idade	18	54,55

Tabela 36: Articulação dos indivíduos em rede – relação com entidades

Relação com outras entidades	F.A.	% Geral
Com as escolas	14	42,42
Com as famílias	13	39,39
Com ONGs	15	45,45
Com o poder público	8	24,24
Com grupos da comunidade	16	48,48
Com lideranças da comunidade	7	21,21
Com entidades religiosas	4	12,12
Com o sistema S	9	27,27
Com equipamentos culturais	8	24,24
Outros	4	12,12

Tabela 37: Pela articulação com outras entidades

Se tem articulação como outras entidades	F.A.	%
Sim	23	69,70
Não	10	30,30
Total	**33**	**100**

Tabela 38: Fontes de recursos – indivíduos

Fontes de recursos	F.A.	% Geral
Recursos próprios	7	21,21
Recursos da própria produção artística	25	75,76
Recursos públicos municipais	4	12,12
Doações de pessoas físicas	0	0
Recursos privados	2	6,06
Leis de incentivo cultural	0	0
Convênios	0	0
ONGs	2	6,06
Editais públicos	2	6,06
Recursos públicos estaduais	1	3,03
Recursos públicos federais	1	3,03
VAI	0	0
Fundos públicos	0	0
Agências de cooperação internacional	0	0
Leis de fomento	0	0
Editais privados	0	0
Leis de incentivo fiscal	0	0

Tabela 39: Principais dificuldades para a realização das atividades - indivíduos

Principais dificuldades	F.A.	% Geral
Recursos financeiros	28	84,85
Recursos materiais	20	60,61
Recursos humanos	0	0
Diálogo com financiadores	13	39,39
Espaço para desenvolver atividades	7	21,21
Formação de quadro técnico	0	0
Reforma do prédio	0	0
Divulgação	0	0
Espaço para divulgação	11	33,33
Necessidade de vagas	0	0
Equipamentos e serviços urbanos	0	0
Reconhecimento da produção	3	9,09
Infraestrutura urbana	0	0
Informação	6	18,18
Discriminação e preconceito	3	9,09

Tabela 40: Modos de divulgação do trabalho - indivíduos

Modos de divulgação do trabalho	F.A.	% Geral
Apresentações	21	63,64
Internet	29	87,88
Jornais/Revistas	15	45,45
Outras entidades	12	36,36
Outros grupos	20	60,61
Outras práticas	9	27,27
Boca a boca	30	90,91
Rádio comunitária	3	9,09
Outros	8	24,24

Tabela 41: Locais de divulgação do trabalho - indivíduos

Locais de divulgação do trabalho	F.A.	% Geral
Só na região	18	54,55
Outros bairros	18	54,55
Em todo o município	21	63,64
Em outros municípios	12	36,36
Em outros estados	10	30,3
Em outros países	3	9,09

Tabela 42: Pela formação dos indivíduos

Formação do Indivíduo	F.A.	%
Educador	2	6,06
Agente cultural	11	30,30
Artista	26	72,73
Artesão	2	6,06
Arte-educador	10	30,30
Educador Popular	4	12,12
Estudante	3	9,09
Produtor	5	15,15
Outro	1	3,03

Tabela 43: Se possui outro trabalho além da atividade desenvolvida

Se possui outro trabalho	F.A.	%
Não	6	18,18
Entidade	3	9,09
Serviço Público	3	9,09
Serviço Privado	6	18,18
Outros	15	45,46
Total	**33**	**100**

Cruzamentos

Tabela 44: Pela área de atuação principal e as outras áreas de atuação (secundárias)

Atuação secundária	Linguagens Artísticas			Educação não formal			Esporte			Lazer			Meio Ambiente			Tradição			Terceira Idade			Outros			Não Tem		
Atuação primária	FA	% Geral	% Específica	FA	% Geral	% Específica	FA	% Geral	% Específica	FA	% Geral	% Específica	FA	% Geral	% Específica	FA	% Geral	% Específica	FA	% Geral	% Específica	FA	% Geral	% Específica	FA	% Geral	% Específica
Linguagens Artísticas	-	-	-	75	25,9	71,4	9	3,10	8,57	36	12,4	34,3	17	5,86	16,19	66	22,8	62,9	9	3,10	8,57	0	0	0	11	3,79	10,5
Educação não formal	83	28,6	72,8	-	-	-	39	13,5	34,22	54	18,6	47,4	36	12,4	31,6	60	20,7	52,6	42	14,5	36,8	0	0	0	1	0,34	0,88
Educação formal	14	100	100	14	100	100	14	100	100	11	3,79	78,6	9	3,10	64,3	13	4,48	92,9	10	3,45	71,4	2	0,69	14,3	-	-	-
Esporte	-	-	-	8	2,76	100	-	-	-	7	2,41	87,50	1	0,34	12,50	0	0	0	1	0,34	12,50	3	1,03	37,50	-	-	-
Lazer	-	-	-	3	1,03	100	1	0,34	33,3	-	-	-	2	0,69	66,7	-	-	-	1	0,34	33,3	0	0	0	0	0	0
Meio Ambiente	3	1,03	37,50	7	2,41	87,50	3	1,03	37,50	5	1,72	62,50	-	-	-	4	1,38	50	0	0	0	1	0,34	12,5	-	-	-
Tradição	26	8,97	81,3	20	6,90	62,50	6	2,07	18,8	11	3,79	34,4	-	-	-	-	-	-	8	2,76	25	1	0,34	3,13	1	0,34	3,13
Terceira Idade	6	2,07	100	6	2,07	100	2	0,69	33,3	5	1,72	83,33	4	1,38	66,7	4	1,38	66,7	-	-	-	3	1,03	50	0	0	0

Tabela 45: Pela área de atuação principal e tipo de formalização do grupo

Atuação principal	Linguagens Artísticas			Educação não formal			Educação formal			Esporte			Lazer			Meio Ambiente			Tradição			3ª idade			Total Geral	
Formalização	FA	% geral	% L.A.	FA	% geral	% E.N.F.	FA	% geral	% E.F.	FA	% geral	% Esp.	FA	% geral	% Laz.	FA	% geral	% M.A.	FA	% geral	% Trad.	FA	% geral	% 3ª Idade	FA	% geral
ONG	4	1,38	3,81	32	11,03	27,83	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,345	14,286	5	1,72	15,6	1	0,345	16,7	**43**	**14,83**
Associação	13	4,48	12,4	30	10,34	26,09	0	0	0	3	1,03	37,50	0	0	0	0	0	0	10	3,44	31,3	3	1,03	50	**59**	**20,35**
OSCIP	2	0,69	1,90	8	2,76	6,96	0	0	0	1	0,35	12,50	0	0	0	0	0	0	1	0,35	3,13	0	0	0	**12**	**4,14**
Fundação	0	0	0	2	0,69	1,74	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	**2**	**0,69**
Instituição Privada	3	1,03	2,86	1	0,35	0,87	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,35	3,13	0	0	0	**5**	**1,72**
Instituição Pública	3	1,03	2,86	27	9,31	23,48	14	4,82	100	4	1,38	50	3	1,03	100	2	0,6897	28,57	3	1,03	9,38	0	0	0	**56**	**19,31**
Empresa	6	2,07	5,71	1	0,35	0,86	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,345	14,286	0	0	0	0	0	0	**8**	**2,76**
Instituição filantrópica	0	0	0	9	3,10	7,83	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,35	3,13	1	0,345	16,7	**11**	**3,79**
Coletivo	45	15,52	42,9	1	0,35	0,86	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,345	14,286	4	1,38	12,50	0	0	0	**51**	**17,59**
Cooperativa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,345	14,286	0	0	0	0	0	0	**1**	**0,34**
Outros	2	0,69	1,90	4	1,38	3,48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,345	14,286	7	2,41	21,9	1	0,345	16,7	**15**	**5,17**
Não sabe ou não respondeu	27	9,31	25,7	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	**27**	**9,31**
Total	**105**	**36,2**	**100**	**115**	**39,66**	**100**	**14**	**4,83**	**100**	**8**	**2,76**	**100**	**3**	**1,03**	**100**	**7**	**2,41**	**100**	**32**	**11,03**	**100**	**6**	**2,07**	**100**	**290**	**100**

Tabela 46: Por distrito ou município do território mapeado e área de atuação principal

Área de atuação	Linguagens Artísticas		Educação não formal		Educação formal		Esporte		Lazer		Meio Ambiente		Tradição		3ª idade		Total	
Distrito	FA	%	FA	%	FA	%	FA	%	FA	%	FA	%	FA	%	FA	%	FA	%
Capao Redondo	7	2,41%	6	2,07%	1	0,34%	0	0,00%	1	0,34%	0	0	1	0,34%	0	0,00%	16	5,52%
Cidade Ademar	7	2,41%	6	2,07%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,345	2	0,69%	1	0,34%	17	5,86%
Campo Limpo	14		15	5,17%	2	0,69%	0	0,00%	0	0,00%	0	0	0	0,00%	0	0,00%	31	10,69%
Cidade Dutra	4	1,38%	3	1,03%	1	0,34%	0	0,00%	0	0,00%	0	0	0	0,00%	0	0,00%	8	2,76%
Campo Grande	2	0,69%	1	0,35%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0	2	0,69%	0	0,00%	5	1,72%
Jardim São Luís	14	4,83%	10	3,45%	1	0,34%	0	0,00%	0	0,00%	0	0	4	1,38%	1	0,34%	30	10,34%
Jardim Ângela	8	2,76%	8	2,76%	2	0,69%	1	0,34%	0	0,00%	1	0,345	0	0,00%	1	0,34%	21	7,24%
Grajaú	12	4,14%	9	3,10%	2	0,69%	1	0,34%	0	0,00%	1	0,345	3	1,03%	0	0,00%	29	10,00%
Jabaquara	3	1,03%	5	1,72%	1	0,34%	3	1,03%	1	0,34%	0	0	4	1,38%	0	0,00%	17	5,86%
Santo Amaro	6	2,07%	11	3,79%	0	0,00%	1	0,34%	1	0,34%	0	0	5	1,72%	1	0,34%	24	8,28%
Pedreira	2	0,69%	4	1,38%	1	0,34%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,345	0	0,00%	0	0,00%	8	2,76%
Parelheiros	1	0,34%	6	2,07%	1	0,34%	0	0,00%	0	0,00%	2	0,6897	1	0,34%	0	0,00%	11	3,79%
Socorro	2	0,69%	5	1,72%	1	0,34%	2	0,69%	0	0,00%	1	0,345	2	0,69%	1	0,34%	14	4,83%
Vila Andrade	2	0,69%	3	1,05%	1	0,34%	0	0,00%	0	0,00%	0	0	0	0,00%	0	0,00%	6	2,06%
Diadema	4	1,38%	12	4,14%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0	3	1,03%	0	0,00%	19	6,55%
Taboao	8	2,76%	3	1,03%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0	1	0,34%	0	0,00%	12	4,14%
Itapecerica	6	2,07%	2	0,69%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0	3	1,03%	0	0,00%	11	3,79%
Embu das artes	2	0,69%	2	0,69%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0	1	0,34%	1	0,34%	6	2,07%
Campo Belo	1	0,34%	4	1,37%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0	0	0,00%	0	0,00%	5	1,73%
Total	**105**	**36,22%**	**115**	**39,66%**	**14**	**4,83%**	**8**	**2,76%**	**3**	**1,03%**	**7**	**2,41**	**32**	**11,03%**	**6**	**2,07%**	**290**	**100%**

BIBLIOGRAFIA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AARSETH, Espen J. (1997). *Cybertext*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press.

ABBOTT, Edwin (1884). *Flatland: A romance of many dimensions*. London: Seeley & Co.

BIERNARCKI, P. & WALDORF, D (1981). "Snowball samplingproblems and techniques of chain referral sampling". In: *Sociological Methods and Research 10:141-163*.

BORGES, Maria Lucília (2008). *Design Desejante: a dobra como espaço e(ntr)e*. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica. São Paulo: PUC/SP.

BOTELHO, Isaura (2004). "Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública" - in *Espaço e Debates - Revista de Estudos regionais e urbanos - n.43/44* São Paulo. Disponível em www.centrodametropole.org.br

CALVINO, Ítalo (1990). *As cidades invisíveis*. Le città invisibili. São Paulo: Cia das Letras. Tradução: Diogo Mainardi.

COUCHOT Edmond, TRAMUS, Marie-Héléne, BRET, Michel (2003). “A segunda interatividade: em direção a novas práticas artísticas”. In: *Arte e vida no século XXI: tecnologia, ciência e criatividade*. São Paulo: Editora UNESP. Tradução: Gilse Boscato Muratore e Diana Domingues.

DELEUZE, Gilles (1991). *A dobra: Leibniz e o Barroco*. Le pli: Leibniz et le Baroque. Campinas, SP: Papirus Editora. Tradução: Luiz B. L. Orlandi.

_____ (1992). *Conversações*. Pourparlers. Rio de Janeiro: Editora 34. Tradução: Peter Pál Pelbart.

_____ (1992). *Foucault*. Lisboa: Vega. Tradução: José Carlos Rodrigues.

_____ (1999). *O ato de criação*. Folha de São Paulo, Caderno MAIS!, Jun 27, 1999. Tradução: José Marcos Macedo.

_____ (2002). *Espinosa: Filosofia Prática*. Spinoza – Philosophie Pratique. São Paulo: Escuta. Tradução: Daniel Lins e Fabien Pascal Lins.

_____ (2006). *Lógica do Sentido*. Logique du sens. São Paulo, Perspectiva. Tradução: Luiz Roberto Salinas Fortes.

_____ (2007). *Francis Bacon: Lógica da Sensação*. Francis Bacon: Logique de la sensation. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Tradução: Roberto Machado et al.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire (1992). *Diálogos*. Dialogues. São Paulo: Editora Escuta. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix (1992). *O que é a Filosofia?* Qu’est-ce que la philosophie? São Paulo: Editora 34. Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto A.

_____ (1995). *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. v.1.* Mille plateaux. Rio de Janeiro: Editora 34. Tradução: Aurélio G. Neto e Célia P. Costa.

_____ (1996). *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. v.3*. Mille plateaux. Rio de Janeiro: Editora 34. Tradução: Aurélio G. Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Leão e Suely Rolnik.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix (1997). *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. v.4*. Mille plateaux. Rio de Janeiro: Editora 34. Tradução: Suely Rolnik.

_____ (1997). *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. v.5*. Mille plateaux. Rio de Janeiro: Editora 34. Tradução: Peter P. Pelbart e Janice Caiafa.

DORUFF, Sher (2005). *The Translocal Event and the Polyrhythmic Diagram*. Doctor of Philosophy in SMARTlab Programme in Performative New Media Arts / Central Saint Martins College of Art & Design. University of the Arts, London.

DOMINGUES, Diana (org) (2003). *Arte e vida no século XXI: tecnologia, ciência e criatividade*. São Paulo: Ed. UNESP.

DURHAM, Eunice (2004). *A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.

FAVRET-SADDA, Jeanne (2005). "Ser afetado". *Cadernos de Campo*, São Paulo, nº 13.

FLUSSER, Vilém (1983). *Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: Duas Cidades.

_____ (1985). *Filosofia da caixa-preta*. São Paulo: Ed. Hucitec.

_____ (2007). *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naif.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto (1989). *Os (des)caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Editora Contexto.

GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suely (2005). *Micropolitica : cartografias do desejo*. Petropolis, RJ: Vozes.

GUATTARI, Félix (1992). *Caosmose: um novo paradigma estético*. Editora 34. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Leão.

HILLMAN, James (1993). *Cidade e Alma*. São Paulo: Ed. Studio Nobel. Tradução: Gustavo Barcellos e Lúcia Rosenberg.

KLEE, Paul (2001). *Sobre a arte moderna e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. Tradução: Kunst-Lehre.

LANDOW, George P. (1995). *Hipertexto: La convergencia de la teoría crítica contemporánea y la tecnologia*. Hipertext. The convergence of contemporary critical theory and technology. Barcelona-Buenos Aires-México: Ediciones Paidós. Tradução: Patrick Ducher.

LATOUR, Bruno (2009). "Paris cidade invisível: o plasma". In: *Ponto Urbe*, nº 5, ano 3. Disponível em www.pontourbe.net

LEMOS, André (2005). *Ciberespaço e Tecnologias Móveis: Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura*. Disponível em: Carnet de Notes, ‹http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos› Data de acesso: 2008

LEVIN, Golan (2000). *Painterly Interfaces for Audivisual Performance*. Master of Science in Media Arts and Sciences. Massachusetts Institute of Technology.

LÉVY, Pierre (1996). *O que é o Virtual?* Qu'est-ce que le virtuel? Rio de Janeiro: EDITORA 34. Tradução Paulo Neves.

MACHADO, Arlindo (1997). "Hipermídia: o Labirinto como Metáfora". In: Diana Domingues. (Org.). *A Arte no Século XXI: A humanização das tecnologias*. São Paulo: Ed. da Unesp, p. 144-154.

MACHADO, Arlindo. (2007). *O Quarto Iconoclasmo e outros ensaios hereges*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.

MAGNANI, José Guilherme (2002). "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, ANPOCS/Edusc, vol. 17, n.49, jul./2002, p. 11-29.

_____ (2006). "Trajetos e trajetórias – uma perspectiva da antropologia urbana". *Sexta-Feira nº 8*, São Paulo, Ed. 34, p. 30-43 (entrevista concedida ao corpo editorial).

MARQUES, Eduardo (2007). *Redes Sociais, Segregação e Pobreza em São Paulo* – Tese de Livre Docência, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP) - São Paulo. Disponível em www.centrodametropole.org.br

MARQUES, E.; BICHIR, R.; PAVEZ, T.; ZOPPI, M.; MOYA, M.E.; PANTOJA, I (2007). "Redes Pessoais e Pobreza em São Paulo" In: DIAS, L. (org.) *O uso das redes sociais nas Ciências Humanas*. Florianópolis: Ed. da UFSC. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS). Disponível em www.centrodametropole.org.br

MOASSAB, Andréia (2008). *Brasil Periferia(s): a comunicação insurgente do Hip Hop*. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica. São Paulo: PUC/SP.

NASCIMENTO, Érica (2009). *Vozes marginais na literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano.

PATTON, M.Q (1990). *Qualitative evaluation and research methods*. Sage Publications: Londres.

NIETZSCHE, Friedrich (2000). "Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e ninguém". *Os Pensadores*. Nietzsche, 209-249. São Paulo: Nova Cultural. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho.

PELBART, Peter Pál (2004). *O tempo não-reconciliado*. São Paulo, Perspectiva.

_____ (2006). *Elementos para uma cartografia da grupalidade*. Disponível em: ‹http://www.itaucultural.org.br/proximoato/textosmenu.html› Data de acesso: 2008.

PRIGOGINE, Ilya (2002). *As leis do caos*. Le leggi del caos. São Paulo: Ed. UNESP.

QUÉAU, Philippe (2001). "Cibercultura e info-ética". in MORIN, Edgar. *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. Bertrand Brasil.

RAFFESTIN, Claude (1993). *Por uma geografia do poder*. Pour une geographie du pouvoir. Sao Paulo: Atica. Tradução: Maria Cecilia Franca.

ROLNIK, Suely (1989). *Cartografia sentimental, transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Ed. Estação Liberdade.

SAHLINS, Marshall (1997). "O 'pessimismo sentimental' e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um 'objeto' em vias de extinção". In: *MANA: estudos de antropologia social, vol. 3, nº 1*. Rio de Janeiro, PPGAS – Museu Nacional/UFRJ.

SANTAELLA, Lúcia (1994). *Estética: de Platão a Peirce*. São Paulo:Experimento.

_____ (2001). *Matrizes da linguagem e pensamento*. São Paulo: Iluminuras.

SERRES, Michel (1993). *Filosofia Mestiça*. Letiers-Instruit. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Tradução: M. Ignez Estrada.

_____ (1994). *Atlas*. Lisboa: Instituto Piaget.

_____ (2001). *Os cinco sentidos*. Les cinq sens. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. Tradução: Eloá Jacobina.

SOUZA, Marcelo Lopes de (2002). *Mudar a Cidade: uma introdução ao planejamento e à gestão urbanos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil

TUAN, Yi-Fu (1983). *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Space and Place: The perspective of Experience. São Paulo: DIFEL. Tradução: Lívia de Oliveira

WERTHEIM, Margaret (2001). *Uma história do espaço de Dante à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.164-615.

Ficha Técnica do Mapeamento:

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL: **Abram Szajman**
DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL: **Danilo Santos de Miranda**

SUPERINTENDENTES
TÉCNICO SOCIAL: **Joel Naimayer Padula**
COMUNICAÇÃO: **Ivan Giannini**
ADMINISTRAÇÃO: **Luiz Deoclécio Massaro Galina**

GERENTES
AÇÃO CULTURAL: **Rosana Paulo Cunha** | ADJUNTO: **Flávia Andréa Carvalho**
ARTES GRÁFICAS: **Hélcio José P. Magalhães** | ADJUNTO: **Karina C. L. Musumeci** | Assistente: **Marilu Donadelli**
GERÊNCIA DE DIFUSÃO E PROMOÇÃO: **Marcos Ribeiro de Carvalho** | ADJUNTO: **Fernando Hugo da Cruz Fialho**
GERÊNCIA DE RELAÇÕES COM O PÚBLICO: **Paulo Ricardo Martin** | ADJUNTO: **Carlos Rodolpho T. Cabral**
GERÊNCIA DE ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO: **Marta Raquel Colabone** | ADJUNTO: **Andréa de Araújo Nogueira** | Assistente: **Iã Paulo Ribeiro**

SESC SANTO AMARO

GERENTE: **Mario Antonio Augelli** | ADJUNTO: **Maracélia Ramos Teixeira**
ASSISTENTES: **Marcelo Osório Alberini, Maurício Del Nero, Vanessa Zago e Marcos Prado Luchesi**
EQUIPE TÉCNICA: **Marco Antonio dos Santos, Rosangela Ferreira da Silva, Ubiratan Nunes Rezende, Tais Haydée Pedroso, Marina de Almeida Silva e Jandson Ribeiro da Silva**

INSTITUTO PÓLIS

COORDENAÇÃO GERAL: **Hamilton Faria**
COORDENAÇÃO EXECUTIVA: **Ana Paula do Val**

CONCEPÇÃO METODOLÓGICA: **Ana Paula do Val, Alexandre Barbosa Pereira, Altair Moreira, Beatriz Vieira, Hamilton Faria e Julio Mendonça**

EQUIPE DE PESQUISADORES DE CAMPO: **Alânia Cerqueira, Cleber Lopes, Cíntia Sampaio, Débora Ramos Ribeiro, Eduardo Quarenta, Jandson Ribeiro da Silva, Luiza Weber Fideles, Marina de Almeida Silva e Rafael Paulino Souza Lima**
SUPERVISÃO DA PESQUISA DE CAMPO: **Ana Paula do Val, Alexandre Barbosa Pereira e Beatriz Vieira**
COORDENADOR DE CAMPO: **Marco Antonio dos Santos**

SUPERVISÃO BANCO DE DADOS: **Ana Paula do Val, Alexandre Barbosa Pereira, Beatriz Vieira, Cleber Lopes e Eduardo Quarenta**

ANÁLISE E TRATAMENTO DE DADOS: **Ana Paula do Val, Alexandre Barbosa Pereira, Altair Moreira, Cleber Lopes e Eduardo Quarenta**

RELATÓRIO TÉCNICO PESQUISA: **Ana Paula do Val e Alexandre Barbosa Pereira**

EDIÇÃO: **Ana Paula do Val, Luci Ayala e Lúcia Tulchinski**

REVISÃO: **Luci Ayala**

DIREÇÃO DE ARTE, DESIGN E CRIAÇÃO DE IDENTIDADE VISUAL HIPERMÍDIA: **M. Lucília Borges**
DESIGN DE PROGRAMAÇÃO E PROCESSO COMPUTACIONAL BANCO DE DADOS E HIPERMÍDIA: **Marcos Matsukuma**

DIREÇÃO DE ARTE, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: **M. Lucília Borges**
ILUSTRAÇÕES: **Marcela Levy**
FOTOGRAFIA: **Nilton Silva**
TRATAMENTO DE IMAGENS: **Gilberto Leite**

CONSULTORES: **Altair Moreira, João Alfredo Meirelles, Jorge Kayano, Julio Mendonça, Luci Ayala e Valmir de Souza**

EQUIPE DE APOIO TÉCNICO E ADMINISTRATIVO: **Benedita Aparecida Alegre, Carolina Caffé, Carlos Milita, Cyrus Afshar, Fabiana Silva, Gisele Balestra, João Batista dos Santos, João Carlos Ignácio, Luis Eduardo Tavares, Marta Lemos, Rosangela Maria da Silva, Tania Maria Masseli, Veridiana Negrini, Wanda Vieira e Wilza Marcolino Santos**

SESC Santo Amaro
Rua Amador Bueno, 505
CEP 04752-005
TEL.: (11) 5541-4000
email@santoamaro.sescsp.org.br
sescsp.org.br/santoamaroemrede
sescsp.org.br